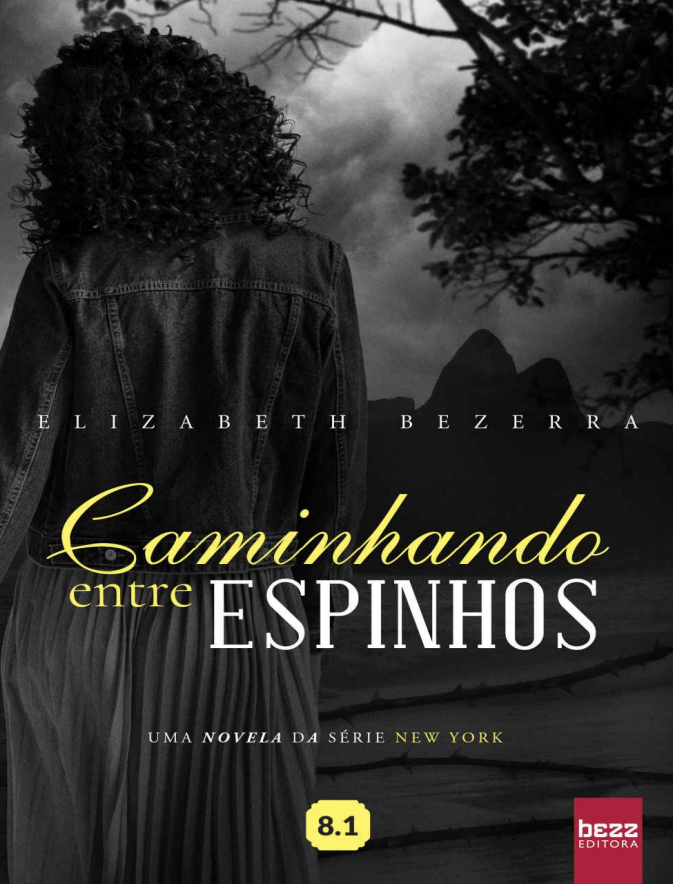




E L I Z A B E T H B E Z E R R A

Caminhando
entre **ESPINHOS**

UMA *NOVELA* DA SÉRIE *NEW YORK*

8.1

bezz
EDITORA



Caminhando Entre Espinhos

Uma novela da Série New York

Caminhando
Entre Espinhos
ELIZABETH BEZE
RRA

Copyright © 2017 Elizabeth Bezerra

Copyright © 2017 Editora Bezz

Título original: Caminhando Entre Espinhos

Revisão final/Preparação: Lucilene Vieira

Capa: Denis Lenzi/Depositphotos

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Bezerra, Elizabeth

Caminhando Entre Espinhos/ Bezerra Elizabeth. 1ª edição – São Paulo – Bezz Editora; 2017.

Índice

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

Acheron - Nacionais

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Epílogo](#)

[Aviso](#)

Parte

1

Brasil

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Capítulo 1

Morro do Juarez, Rio de Janeiro.

“As imagens de satélite indicam que uma camada de ar quente... a previsão para amanhã é de que chegue à máxima de 39° e...”

Abri um largo sorriso quando a moça do tempo confirmou as minhas suspeitas para o dia seguinte. Seria um domingo quente e ensolarado, típico do Rio de Janeiro. Se bem que parecia que os dias ficavam ainda mais quentes a cada ano.

Não que eu devesse reclamar, dias como aqueles significam um dia produtivo e lucrativo. Eu tinha certeza de que venderia os vinte potinhos

de salada de frutas antes do meio-dia.

— Mamãe? Acho que eu vou àquele supermercado que fica aberto até às dez — disse a ela, que estava sentada em sua poltrona, assistindo o jornal enquanto esperava a novela começar — Se comprar mais abacaxi e mais algumas caixas de morango, acho que dá para dobrar a receita.

Fiz o cálculo mentalmente. Vendendo cada porção de salada de frutas a cinco reais, arrecadaria duzentos reais. Excluindo os gatos com a passagem e os ingredientes que iria usar, ainda assim teria 50 reais a mais do que precisávamos para comprar os remédios de minha mãe.

— Eu não gosto que você desperdice seu único dia de folga trabalhando — ela disse, sem

Acheron - Nacionais

desviar os olhos da tela, não porque estivesse interessada no que o repórter falava, mas porque não tinha coragem suficiente de me encarar — Muito menos que ande sozinha a essa hora da noite. Está havendo muito assalto.

Minha mãe era o melhor exemplo de mulher guerreira que eu poderia me espelhar. Abandonada pelo companheiro quando nasci, não mediu esforços para criar a mim e ao meu irmão, agora falecido. Não tivemos uma vida de luxo, mas também nunca nos faltou nada.

De tudo o que se possa imaginar, ela tinha feito. Garçonete de boteco, atendente de padaria, empregada doméstica e diarista. Enquanto a saúde permitiu, cozinhou para fora e consertava roupas para as pessoas na favela onde morávamos.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Acordava cedo e dormia muito tarde para que sempre tivéssemos um copo de leite e ao menos um pão com manteiga todas as manhãs antes de irmos para a escola.

Eu sabia que era duro para ela se ver confinada em uma cama, dentro de casa, vendo-me ser obrigada a assumir as responsabilidades da casa e, principalmente, sobre a saúde dela.

Só que eu não via aquilo como obrigação. Eu via como retribuição a todo amor e carinho que tinha recebido da minha mãe. Ela não me deixou como meu pai tinha feito. Mamãe tinha me mantido viva, segura e feliz. Cuidar dela era mais do que um dever para mim. Eu a amava muito e faria tudo por ela.

Como Lucas também tinha tentado fazer,

Acheron - Nacionais

só que de uma forma completamente errada. Ele tinha entrado para o crime, e a vida no crime o tirou de nós. Acho que foi a partir daí que a saúde da minha mãe só veio a piorar. O problema no coração, que sempre escondeu de nós, se agravou, quase a tirando de mim também.

Mamãe sentia muita vergonha do que Lucas havia se transformado, e eu tentava confortá-la sendo uma filha melhor.

— Ainda não são nem oito horas — murmurei, pegando minha bolsa — Vou rapidinho e já volto. E em relação ao meu dia de folga, sabe que eu sempre adorei a praia. Será até divertido.

Dei um beijo rápido em sua bochecha e saí antes que mamãe tivesse tempo de protestar de novo.

Não era aquele futuro que ela tinha sonhado para mim, mas a vida era assim mesmo, ninguém chega a nenhum lugar sem lutar. Trabalhar oito horas como camareira em um hotel, pegar duas horas de condução para ir e voltar do trabalho e passar cada domingo ou sábado de folga que tinha vendendo comida para turista na praia não era fácil, mas pagava as contas e nos fazia caminhar de cabeça erguida. Estava tudo bem para mim, os dois eram trabalhos honestos.

Não que eu fosse uma pessoa conformada. Sempre ouvi da minha mãe que eram os estudos e minha força de vontade que me fariam chegar a algum lugar. E eu queria muito ser alguém na vida e deixá-la orgulhosa. Cursar uma faculdade, como minha amiga Ana. Dar uma vida melhor para

minha mãe, mas infelizmente a realidade da vida nos levava para outra direção.

Desde que descobrimos a doença cardíaca da minha mãe, eu tinha sido obrigada a crescer. Aos dezenove anos e sem experiência, achar um trabalho como camareira foi uma grande sorte. Tinha segurança profissional e um salário garantido todos os meses.

E tentava compensar ter deixado meus sonhos de lado, fazendo todos os cursos que a ONG que tinha na comunidade oferecia. Desde um curso básico de eletricista a secretariado.

Esse ano coloquei na cabeça que daria um jeito para conseguir fazer o cursinho de vestibular da comunidade e tentar uma vaga na federal. Foi com a ajuda do cursinho que Ana conseguiu passar

em Nutrição. Ela sempre me incentivava. Só que, ao contrário de mim, Ana não tinha uma mãe doente para cuidar. Eram os pais dela que davam suporte a ela.

Mas eu não iria desanimar. Só precisava juntar um pouco mais de dinheiro para garantir os remédios que minha mãe precisava. Todos os meses era uma luta conseguir comprar os remédios que o sistema médico de saúde não oferecia e que eu tinha que conseguir de alguma forma.

— Vai sair, Fabi?

Desci o morrinho que era parte do quintal da minha casa e encontrei minha tia, Cícera, chegando à casa dela.

— Vou, tia Cícera. Disse no jornal que amanhã fará bastante sol, acho que vou ter sorte na

praia, sabe, fazer um pouco mais de dinheiro — respondi a ela — A senhora pode ficar de olho na minha mãe? Vou até o supermercado aqui perto, mas prometo que volto logo.

A casa da minha tia era duas depois da nossa. Ela tinha um marido alcoólatra que passava mais tempo ao lado da garrafa do que fazendo companhia a ela. Para sobreviver e ajudar a pagar as contas, cuidava de crianças da comunidade, para que suas mães pudessem trabalhar. E sempre que podia dava uma olhada na minha mãe para mim.

— Eu só vou guardar minhas compras e faço companhia a Maria — ela sorriu, equilibrando as duas sacolas nos braços — Para variar, João está lá no boteco enchendo a cara,

Acheron - Nacionais

deve voltar só de madrugada.

Eu não entendia por que ela ainda continuava casada. Mas minha tia tivera aquela criação antiga e que achava que casamento, bem ou mal, era para a vida toda.

Desci a rua do morro, de pedra e cascalho. Encontrava algumas pessoas conhecidas e as cumprimentava sem parar de andar. Desviei dos garotos gritando e jogando bola na rua.

Avistei o João lá no boteco que minha tia Cícera tinha falado, mendigando bebida aqui e ali. Ninguém daria um litro de leite se ele estivesse precisando, mas cachaça, aquilo não faltaria nunca. Pois é, política de bar.

Dois carros estilizados passaram ao meu lado, tocando bem alto um “funk proibidão”.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Observei quando um grupo de garotas produzidas seguiram animadas para algum baile na favela. Tinha vários.

Algumas pessoas conversavam em frente de suas casas. Churrasqueiras eram preparadas em outras. Uma briga aqui, outra acolá, acontecendo durante o caminho.

O peculiar da favela é que se acontece de tudo. As pessoas pensam que só há bandidos e gente ruim. O que não é verdade. Tem gente de bem, trabalhadoras e honestas, como em qualquer lugar. Tem muita pobreza, mas tem alegria também. Animação e confusão era o que não faltavam.

Até podia dizer que eu gostava daqui. Foi onde cresci e conheci todas as pessoas que gostava. Perdi muitas delas, também. Uns para a

Acheron - Nacionais

vida louca, outros tinham conseguido ir embora.

O importante é que eu sabia viver. Onde poderia ou não andar, em quem deveria confiar ou me envolver e, acima de tudo, saber fazer as escolhas certas.

— E aí, Fabi! Tá de boa? — levei um susto quando vi o homem surgir de um dos barracos, acompanhado de seus homens armados — Tem um tempão que não colo contigo.

Eu tinha acabado de entrar na viela que dava ao córrego, limite entre a favela e a estrada que nos separava da cidade, e calculava mentalmente quanto tempo levaria para me livrar dele.

— Oi, Caveira — cumprimentei mais por obrigação e medo do que realmente vontade —

Desculpe, mas eu estou com pressa.

Passei por ele, sentindo o coração batendo forte. O Caveira – era assim que ele gostava de ser chamado – era irmão do Betinho, atual chefe do tráfico do morro do Juarez.

Mentalmente eu o chamava de Zé Pequeno, aquele do filme *Cidade de Deus*. Embora que, fisicamente, os dois não se parecessem em nada. Mas quando assisti ao filme, não pude deixar de perceber como o personagem do filme e esse, que não perdia a oportunidade de me importunar, agiam de forma semelhantes. No caráter pareciam não ficar muito longe.

O Caveira era um homem ruim, que com grande prazer fazia o trabalho pesado que o irmão ordenava. Ele era o oposto do Betinho – que

algumas pessoas diziam ser bandido bom, se é que isso existia.

Enquanto um tinha regras rígidas em relação aos moradores da favela – não roubar, não matar, não violentar as mulheres da comunidade – o Caveira faria todo o contrário se pudesse. E só não aprontava mais porque Betinho sempre estava em cima dele.

Acho que foram essas regras que me fizeram não desmaiar de medo quando Caveira agarrou meu braço, me fazendo parar.

— Sempre marrenta comigo, né, Fabi? — ele passou a mão em meu braço. Tentei segurar a vontade de vomitar — Um dia te passo o rodo.

Eu não odiava o Caveira apenas por ele ser um homem cruel, envolvido com o crime. Ele

era o responsável pela morte do meu irmão.

— Olha tudo isso aqui, Fabiana — ele agarrou meu queixo e me fez olhar em volta da imensa favela atrás de nós — Tudo isso pode ser seu. Eu vou ser o rei e você pode ser minha rainha.

Para isso acontecer, ele teria que trair o próprio irmão, e eu não duvidava que o Caveira seria capaz de uma coisa dessa. Família para ele não significava nada, tanto que ele havia destruído a minha.

Tomada de coragem, ou provavelmente a raiva e o desprezo que sentia por ele, afastei sua mão e dei alguns passos para longe.

— Não desejo ser rainha de nada — sibilei, voltando a caminhar — E pelo que lembro, seu irmão disse para me deixar em paz.

Betinho e eu tínhamos estudado juntos até a quarta série. Quando o pai dele morreu, em um tiroteio contra a polícia, ele entrou de vez nessa vida criminosa. Com uma mãe viciada e irmão pequeno para cuidar, foi o único caminho que viu.

— É, ele disse, mas aqui é vida *loca* — ele berrou, daquele jeito meio cantado, enquanto eu descia a viela — O Betinho não manda em mim!

A certeza de que o irmão dele me protegeria é o que me fazia caminhar livremente pela favela, mas eu temia o momento que ele caísse. O crime tinha uma carreira curta.

Ir embora do morro não era apenas uma questão de querer melhorar de vida; era de sobrevivência.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Capítulo 2

Desci o restante do morro e atravesssei a avenida que separava a favela do restante da cidade. Não cheguei nem na metade da rua que dava ao supermercado, quando avistei a viatura de polícia e a pequena multidão de curiosos em torno dela.

— Estava indo para o supermercado, Fabi? — virei em direção à voz e me deparei com minha amiga, Ana.

Ela ainda usava o uniforme azul e branco da recepção do hotel onde nós trabalhávamos, ela como recepcionista e eu como camareira.

— Pretendia — respondi, desanimada.

— Pode esquecer isso — ela se colocou ao meu lado, e juntas fizemos o caminho de volta à comunidade — Mal consegui falar com minha mãe. Está uma confusão por lá.

— Sua mãe está bem?

A mãe de Ana trabalhava como caixa no supermercado desde que tinha sido inaugurado, há quase um ano.

— Apesar de preocupada, sim — ela respondeu, tentando esconder a tristeza na voz, mas eu a conhecia muito bem.

Éramos amigas desde meninas, e sabíamos das dificuldades, alegrias e tristezas uma da outra.

— Mais um assalto — ela suspirou — O terceiro só nesse mês, e ainda estamos na metade dele. Parece que os rumores de que o

supermercado irá sair daqui pode se tornar realidade em breve.

Aquilo não seria ruim apenas para os moradores, que perderiam um bom lugar para fazer suas compras, mas Dona Leda, como muitas pessoas da favela que trabalhavam ali, ficaria desempregada.

— E se o Betinho...

— O Betinho não fará nada, Fabiana! —

Ela bufou de raiva — Aquele pessoal é da favela do buraco. O supermercado fica do outro lado do Juarez. As regras ridículas do Betinho só funcionam quando ele quer. Acredite em mim, ele não vai se meter. Não vai começar uma guerra por causa de um mercadinho.

Nisso ela tinha razão. A única coisa que

irritaria o traficante do nosso morro era que o traficante do morro rival atravessasse os negócios dele. A verdade era que, no fim das contas, estávamos por nós mesmos.

— Então, vamos rezar para que isso não aconteça, e se acontecer, daremos um jeito.

A família dela estava juntando dinheiro para sair da favela. Se Dona Leda perdesse o emprego, faria muita falta.

Quando chegamos à viela em que eu tinha cruzado com Caveira, senti o meu sangue gelar em minhas veias. Por sorte não havia sinal dele ou dos seus homens. Não disse nada a Ana, ela detestava o Caveira tanto quanto eu, mas ao contrário de mim, não engolia nada calada. E nesse momento, ela já tinha preocupações suficientes.

Acheron - Nacionais

— Acho que o jeito é ver se a quitanda do seu Zé ainda está aberta — murmurei, quando chegamos à nossa rua.

— Vai trabalhar na praia amanhã?

— A garota do tempo disse que fará bastante calor — olhei para o céu estrelado e sem nuvens — Resolvi dobrar a receita.

— Caramba! — Ana bateu na própria testa — Com toda essa confusão, esqueci de dizer. Sabe a Suellen da recepção, a que casou?

Balancei a cabeça, afirmando que sim.

— Está de bebê e já disse hoje que não volta. Pedi a uma amiga do RH que desse uma chance a você.

— Não brinca! — praticamente pulei em cima dela — Jura?

Acheron - Nacionais

— Tudo o que precisa fazer é arrasar na entrevista com a gerente, na segunda-feira.

— Acha que eu consigo?

— Ei, você é uma lutadora, Fabiana Mendes! — Ela sorriu para mim e segurou os meus ombros — Não existe nada nesse mundo que não possa fazer.

— É, a gente faz o que a vida nos obriga a fazer — murmurei, dando pouco caso a mim mesma.

Não achava que eu era uma pessoa especial por cuidar da minha mãe, dar duro nos estudos e no trabalho. Existiam muitas pessoas na favela, lutando tanto ou mais do que eu por oportunidades melhores, ou apenas por sobrevivência.

— Não sei por que não conseguiria — disse Ana, quando paramos em frente à casa dela — Tem um curso de secretariado...

— Um curso básico oferecido pela ONG daqui e... — parei de falar quando ela me encarou feio.

— Fala inglês melhor do que eu e qualquer uma das garotas da recepção. Até melhor que a nojenta da Carla, que vive se vangloriando porque já viajou para fora do país.

Eu tinha que concordar com ela. Além dos dois anos que tive na escola de línguas quando ainda podia pagar, também frequentei as aulas oferecidas por Mrs. Jones.

Agatha Jones, ou somente Agatha, como ela preferia que eu a chamasse, era uma inglesa

Acheron - Nacionais

casada com um médico brasileiro e apaixonada por nosso país. Ela dava aulas voluntárias na ONG, e ficou tão impressionada com meu desempenho que me chamou para ser sua assistente, e como pagamento, passou a me dar aulas particulares em sua casa, uma vez por semana.

Hoje em dia somos amigas, e eu frequentava muito a casa dela, e lá sempre conversamos em inglês para que ela possa me corrigir. Também ajudava o fato de que eu ouvia muita música e assistia filmes em inglês para praticar.

— Eu vou precisar de uma roupa bonita — expressei meu pensamento em voz alta.

Tinha uma calça social preta de quando fiz

Acheron - Nacionais

um bico como garçõnete em uma casa de festas, mas tinha mais camisetas e blusinhas que usava para trabalhar na praia.

— Eu tenho algumas peças que ficariam lindas em você — disse Ana, animada. Trabalhávamos no mesmo hotel, mas pouco nos víamos lá, então ela estava empolgada com a possibilidade de trabalharmos no mesmo setor — Vem para cá amanhã, depois da praia, e você prova algumas.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas. Fui incapaz de me segurar e a abracei com força.

— Obrigada por tudo, Ana — murmurei ao ouvido dela — É a melhor amiga que eu poderia ter.

Ela pigarreou e me afastou gentilmente do

abraço.

— Não me agradeça ainda, não — voltou a sorrir, disfarçando a emoção. Ela tinha mania de querer parecer durona, mas na verdade, era a pessoa mais amorosa que eu conhecia — Tenho terríveis intenções em relação a você. Terei mais tempo com a minha amiga. Então, em vez de vê-la tostando no sol para ganhar alguns trocados, iremos tostar nosso “popozão” para conseguir alguns surfistas gatinhos.

— Surfistas? Ou um salva-vidas muito gostoso?

— Ter um não elimina o outro — ela piscou para mim — É sempre bom ter alguns na reserva, vai que, né?

— Ana! — fingi estar brava com ela

quando estava bem longe disso — Quem consegue acompanhar o seu pique?

Mas ela tinha razão. Eu tinha uma vida social e amorosa lamentável. O salário de recepcionista era bem superior ao de camareira. Conseguiria comprar os remédios da minha mãe e arcar com as despesas da casa com certa tranquilidade. Sobraria mais tempo para o curso pré-vestibular e viver a vida como uma garota da minha idade, pensei, sonhadora.

— Vou até a quitanda antes que feche, se isso já não aconteceu. Vejo você amanhã, então — disse à Ana, antes de me despedir.

Minha vida poderia mudar a partir de segunda, mas até lá, ela continuava a mesma.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Capítulo 3

A mulher do tempo não tinha errado: fazia um calor infernal. Ainda eram onze horas e já tinha vendido praticamente todos os meus potinhos de salada de frutas.

— Oi, moças? — parei perto de dois guarda-sóis, onde havia um grupo de três garotas e dois jovens.

Todos eles mais ou menos em torno da minha idade.

— Querem salada de frutas? — sempre me direcionava às mulheres para não criar confusão, o que nem sempre adiantava. Alguns homens eram escrotos o suficiente para ignorar as

esposas, noivas ou namoradas pelo primeiro rabo de saia que aparecesse — Está geladinha.

Ofereci meu melhor sorriso a elas. Se todos comprassem, restariam apenas dois potes, que com toda certeza venderia no caminho de volta para casa.

— Vocês querem? — um dos rapazes me olhou de cima a baixo, sem ao menos disfarçar que estava me “secando”.

— Eu vou querer dois, meu doce.

— Eu não quero, não — a jovem que estava com ele se afastou e olhou com desprezo em minha direção — Vai saber como isso é feito e de onde veio. Não quero parar no pronto-socorro por intoxicação alimentar.

Uma das garotas e o rapaz, que antes

pareciam estar interessados, recuaram um pouco. A primeira vez que passei por uma situação como aquela me fez sentir vontade de chorar de vergonha e não querer nunca mais voltar à praia para vender qualquer coisa, mas a saúde da minha mãe era mais importante do que qualquer pessoa que tentava me humilhar. Então, passei a ignorar isso e tentar reverter a situação ao meu favor.

— Eu fiz essa manhã — tirei um dos potes de dentro da caixa térmica, mostrando-o — Olha, dá para ver que está bem fresquinho. Eu também sempre uso luvas e lavo bem as frutas. É tudo feito com muito carinho e cuidado, e a calda é uma receita da minha avó.

— Ai, Dani — uma das moças se aproximou, pegando o pote de minha mão — Está

bem lacradinho, olha... E tem uma cara ótima! Eu estou morrendo de calor e de fome. Vou querer, sim.

Todos compraram uma, exceto a garota emburrada e enciumada. O problema era dela. Eu nada tinha feito para o safado do namorado dela olhar com interesse para mim.

Assim como imaginei, quando cheguei ao posto de salva-vidas tinha vendido tudo o que eu tinha levado.

— Já vendeu todas? — perguntou Paulo.

Paulo era um dos salva-vidas da praia. Com o que acho ser 90 quilos bem distribuídos em massa e músculos, 1.90 metros, cabelos raspados, cavanhaque fininho e olhos verdes encantadores, era o sonho de consumo da minha amiga Ana, que

frequentemente tinha sonhos picantes com ele.

Sendo honesta, o Paulo seria sonho de consumo de qualquer mulher, menos para mim. Não é que não o ache bonito; acho, e muito, mas tínhamos nos tornado amigos desde que ele soube que fui assaltada por alguns moleques de rua, em meu primeiro fim de semana vendendo coisas na praia. Além disso, ele era paquera da Ana, e mesmo que fosse apenas fogo de palha, eu respeitava.

— Vendi tudinho — abri um sorriso animado — Posso usar aí dentro?

Paulo permitia que eu entrasse para esconder o dinheiro ganho no dia, na bolsinha que tinha presa à cintura, por baixo da roupa. Também deixava eu guardar a caixa térmica vazia para que

pegasse durante a semana.

Ele sempre revirava os olhos quando eu pedia isso. Já tinha me garantido inúmeras vezes que eu tinha acesso livre à cabine sempre que precisasse.

— E a sua amiga? — perguntou, quando retornei — Faz tempo que não a vejo por aqui. Está frequentando outra praia agora?

— Não. Ana está em semana de prova — respondo, sabendo que minha amiga ficará maluquinha quando souber que o salva-vidas bonitão quis saber por onde ela andava — Acho que virá semana que vem.

— Legal.

O salva-vidas que revezava com Paulo se aproximou para que eles trocassem de postos.

Acheron - Nacionais

Desse eu não gostava nada. Era o típico rato de academia que se achava o último biscoito do pacote. Despedi-me de Paulo rapidamente e fui em direção ao meu ponto de ônibus.

Como imaginei, Ana surtou quando contei sobre Paulo, praticamente todo o restante da nossa conversa foi em torno dele e sua curiosidade em relação a ela, passamos o restante da tarde escolhendo roupas e trocando confidências.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Capítulo 4

Estava nervosa como se aquela fosse a minha primeira entrevista de trabalho. Queria muito essa nova oportunidade, e queria mais ainda causar uma boa impressão.

Passei as palmas das mãos suadas na calça. Por sorte era preta, e decidi que eu tinha que me controlar. Olhei para a secretária que anotava algo em uma agenda, e ela sorriu para mim.

Ao meu lado tinha uma jovem loira, afetada, folheando uma revista de fofoca. De vez em quando ela mexia no celular e soltava umas risadinhas. Nós não puxamos assunto, mas eu podia jurar que ela também estava ali por causa da

vaga na recepção.

“*Confiança, Fabiana*”, disse a mim mesma. “*Confiança!*”

Levantei e caminhei até a mesa da secretária, que agora estava mexendo em alguns papéis.

— Com licença? — falei baixinho, já me sentia mal por incomodar — Eu poderia tomar um copo de água?

Eu ia acrescentar que estava nervosa, mas acabei controlando minha língua. Não achei que causaria uma boa impressão confessar isso naquele momento.

— Ah, claro — ela me deu um olhar de desculpa — Quer um café também?

Gostei da jovem, e esperava que a gerente

Acheron - Nacionais

me deixasse tão à vontade quanto ela. Talvez não houvesse tanta razão para apreensão. Com a crise de desemprego no Brasil e em todo mundo, era mais do que natural que houvesse mais pessoas disputando o cargo. Eu só tinha que provar à gerente que eu era mais qualificada do que a jovem distraída, sentada ao meu lado.

— Só água mesmo, por favor.

Seguia para o purificador de água quando a porta foi aberta e uma senhora, também loira e elegante, apareceu. Era a primeira vez que eu via a gerente. Quando me candidatei à vaga de camareira fui entrevista pela chefe de RH.

— Priscila? — A senhora olhou em direção à jovem loira distraída com o celular — Entre.

Acheron - Nacionais

— Depois eu te ligo, Guga — a jovem literalmente revirou os olhos ao dizer — Minha tia está me chamando.

As duas entraram na sala, e eu senti meu coração afundar dentro do peito. A secretária fugiu do meu olhar, e fui em busca de água.

Minhas mãos trêmulas fizeram o copo descartável amassar e fazer um barulho estranho quando o tirei do suporte. Dessa vez, fui eu que evitei olhar para a secretária, com vergonha.

Deve ter passado uns dez minutos desde que a garota entrou, mas para mim poderia muito bem ter se passado horas. A jovem loira saiu sorrindo e me olhou com ar de superioridade.

Normalmente, eu tento ser uma pessoa otimista, mas quem não estaria apreensiva em uma

situação como essa?

Não era uma concorrente qualquer, era simplesmente a sobrinha da gerente do hotel disputando a mesma vaga que eu.

— Faça a matrícula na escola de inglês ainda hoje, Priscila — a senhora ordenou, olhando impaciente para sua sobrinha, depois indicou com a mão sua secretária — A Joana irá te indicar qual é a melhor.

Quando a senhora olhou para mim, exibi o meu melhor sorriso. Ela me analisou friamente. Passei novamente minha mão sobre a calça. Eu tinha certeza que tinha me vestido adequadamente para a entrevista. Calça preta social, blusa de seda cinza. Até usava um colar de pérolas — bijuteria, mas muito bonito. De maquiagem, apenas rímel,

Acheron - Nacionais

um pouco de blush e batom cor de boca, tudo muito discreto. E tinha prendido meus cabelos em um rabo de cavalo e compensei o volume dos cachos com uma presilha bonita.

— Senhorita Mendes? — A gerente perguntou.

— Sim, senhora — disse, abandonando o copo na mesinha mais próxima.

— Entre.

A segui para dentro de sua sala e sentei na cadeira que ela indicou. Aguardei enquanto ela analisava minha ficha.

— Então, você já trabalha no hotel?

— Sim, senhora — respondi, acreditando que isso certamente garantia algumas vantagens para mim.

Acheron - Nacionais

Mesmo sendo camareira, eu conhecia a dinâmica e os hóspedes que frequentavam o hotel. Empresários, turistas muito ricos e até mesmo artistas querendo conhecer o Rio de Janeiro.

— Como camareira? — Ela ergueu os olhos e me encarou. Não consegui identificar o tipo de olhar que me deu, só sei que me senti desconfortável — Mudança radical, você não acha?

Engoli em seco antes de responder.

— Eu tenho estudado bastante — respondi, orgulhosa de mim mesma — Fiz alguns cursos, como pode ver em meu...

— Básicos — ela me interrompeu.

— E também falo inglês muito bem — indiquei minha prova em sua mesa — Disseram

que fui bem no teste.

— Isso eu vou decidir — ela sorriu — Já tive outras pessoas que chutaram muito bem, e sejamos sinceras, o fato de trabalhar aqui traz algumas vantagens, não concorda?

Tinha ouvido mal ou ela estava realmente sugerindo que alguém do trabalho teria me dado as respostas? Eu poderia fazer a mesma pergunta em relação à sobrinha dela. Mas não era eu do outro lado da mesa fazendo a entrevista.

— Posso fazer outra, se a senhora preferir.

— Não é necessário. Seu teste inclui prova oral onde avaliarei o seu domínio na língua.

Embora estivesse muito nervosa, tinha segurança em mim, pelo menos sobre isso. Mrs. Jones sempre dizia que, se não fosse o leve

Acheron - Nacionais

sotaque que me denunciava e que ela achava um charme, eu poderia passar como nativa em seu país, dependendo da situação.

Desde os doze estudo e pratico a língua. São nove anos praticando.

O teste iniciou com perguntas básicas sobre meu nome, minha idade, onde morava. Em seguida, passamos para uma conversa mais fluída. Eu notei alguns erros de gramática feitos pela gerente, e confesso, lá no fundinho, me fez me sentir muito bem.

— Em relação à conversação está razoável.

Razoável?

A mulher estava procurando defeitos em mim onde realmente não tinha. Tudo bem que ela

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

quisesse ajudar a sobrinha, família fazia isso mesmo, ajudava uns aos outros, mas não havia motivo de, a cada minuto, ela tentar me diminuir.

— Sabe que se conseguir a vaga terá que... — ela indicou meu cabelo e literalmente fiquei de boca aberta — Seria melhor alisá-lo. Os clientes daqui são de alto nível.

Toquei meus cabelos de forma inconsciente. Eu gostava dos meus cabelos encaracolados. Na escola até ganhei um apelido de um amigo, que me chamava de cabelo de macarrão, e eu sinceramente adorava. Agatha sempre me dizia que eram bonitos e combinavam perfeitamente comigo.

Essa mulher tinha noção de que estava indo além de preconceituosa?

Acheron - Nacionais

Queria dizer isso. Meus olhos ardiam diante da mágoa e indignação. Mas eu também queria muito essa vaga, era importante para mim.

— As funcionárias da recepção não costumam usar os cabelos presos? — eu sempre tinha achado aquelas rendinhas um charme — Não acho que meu cabelo será um problema para mim. É para a senhora?

— Acho que não — ela se remexeu no lugar.

Eu tinha colocado a mulher em seu lugar ou ela tinha se tocado que tinha ido muito longe, pois apenas pigarreou e voltou a olhar para a minha ficha.

No fundo, sabia que não deveria ficar chateada, mas estava. Que a mulher procurasse

defeitos em minha qualificação profissional para privilegiar a sobrinha, tudo bem – não era o certo, mas eu poderia aceitar isso – mas ela estava sendo preconceituosa, mascarando com uma falsa cordialidade.

Sabe, as pessoas dizem educadamente: “Por que não alisa o cabelo? É tão mais prático!” Quando queriam dizer que ficaria dentro dos padrões que elas consideram bonito. “Você não é negra, é morena. Negras são aquelas pessoas bem escuras da África”. E toda essa conversa fiada para dizer que não há preconceito aqui no Brasil.

Já tinha vivido tantos e de tantas maneiras diferentes. Morar na favela, ser pobre, vender quitutes na praia.

Talvez fosse por isso que consegui manter

Acheron - Nacionais

a calma quando, sinceramente, minha vontade era dizer algumas verdades para essa mulher ridícula.

Eu poderia mudar o cabelo, já ela, o caráter...

— Bom, então é só isso — disse ela, guardando minha ficha em uma pasta e a fechando em seguida — Obrigada por ter participado do teste seletivo.

Perguntaria como e quando eu saberia se tinha passado ou não, mas já sabia o resultado disso.

— Obrigada pela oportunidade — respondi, pegando minha bolsa em cima da cadeira ao meu lado.

Quando cheguei à porta, a gerente me chamou mais uma vez.

Acheron - Nacionais

— Tire o restante do dia de folga — disse, com um largo sorriso — Avise no RH, Joana.

Observei-a entrar e encarei a secretária depois. Eu até poderia ter feito cara de paisagem durante o restante da entrevista, mas não era idiota, aquilo era um prêmio de consolação. Estava na cara que a gerente se deu conta de que tinha vacilado e que já tinha decidido de quem era a vaga, antes mesmo de eu entrar na sala dela.

Devolvi o sorriso amarelo que a secretária me deu. Agora, entendi por que tinha sido tão prestativa. Provavelmente, já sabia que a entrevista não daria em nada para mim.

— Vaca arrogante! — me permiti dizer quando saí do hotel.

Ao menos eu tinha o luxo de fazer um escândalo em relação ao fato de ela ser preconceituosa comigo. Seria a palavra dela contra a minha, e eu ainda precisava do emprego que tinha no hotel.

Fui em direção à praia. Comprei água de coco de um vendedor ambulante e sentei na areia, olhando para o mar.

Ouvi o soluço saindo do meu peito antes mesmo de a primeira lágrima saltar dos meus olhos. Eu tinha inúmeros sentimentos dentro de mim. Raiva por me sentir humilhada quando eu sabia que não deveria. Vontade de voltar lá e dizer tudo o que estava engasgado dentro do meu peito àquela mulher horrorosa. E tristeza porque havia pessoas tão maldosas no mundo.

Passei quase uma hora sentada ali, olhando para o mar e pensando na minha vida.

“Você é uma lutadora, Fabiana Mendes”, as palavras de Ana vieram à minha cabeça. *“Não existe nada nesse mundo que não possa fazer.”*

Ana tinha razão. Até poderia não conseguir a vaga de recepcionista no hotel, mas existiam centenas de outros hotéis no Rio de Janeiro, até muito melhor que o *In Rio*. Eu continuaria estudando e tentando outras coisas.

E eu faria.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Capítulo 5

O dia hoje não tinha sido muito bom. O céu estava nublado, e tirando alguns surfistas e outras pessoas caminhando, a praia estava praticamente deserta.

Tudo o que eu tinha conseguido foram suados oitenta reais e, sinceramente, em um dia como esse, deveria me sentir agradecida.

— Você fica aqui hoje até que horas, Paulo? — perguntei, quando ele se juntou a mim no posto salva-vidas.

— Embora a praia esteja vazia, tenho que cumprir o meu turno. Vou até as cinco, por quê?

— A Ana vai dar um churrasco na casa

dela — disse, entregando a ele o que tinha sobrado das tortas que não vendi — Com direito até a Karaokê. Ela pediu para chamar você.

— Vocês moram no Juarez, né? — perguntou, antes de abrir uma embalagem e dar uma grande mordida na torta.

Afirmei com a cabeça. Talvez isso fosse um problema para ele, nem todo mundo gostava de subir o morro.

— Tenho um primo que mora ali, já fui algumas vezes. É só me dizer onde fica a casa, porque o morro é grande.

— Liga para a Ana — sorri e entreguei o número do celular novo dela — Ela pode explicar melhor a você.

Certo, agora eles estavam oficialmente

conectados e meu papel de cupido tinha acabado ali.

Sinceramente, a última coisa que eu tinha vontade era de ir a uma festa, mesmo que contasse com apenas a presença de amigos e conhecidos. Mas quem tinha inventado aquele churrasco foi a Ana. Ela disse que era em comemoração por ter tirado ótimas notas e fechado bem o semestre na faculdade, mas a verdade mesmo, era que ela queria levantar meu ânimo.

Assim como suspeitei, a vaga de recepcionista tinha sido dada a Priscila, sobrinha da gerente. Sequer me atrevi a contar a Ana o que

exatamente aconteceu na entrevista. Ela já estava indignada que a nova garota na recepção tinha sido beneficiada e não poupava em continuar tirando proveito disso. A garota já estava causando, arrisco dizer que praticamente ninguém gosta dela. Como nossos caminhos não se cruzam, consigo evitá-la o máximo que posso.

As poucas vezes que cruzei com ela, Priscila me lançou um ar de superioridade, que eu ignorei. Ela só estava ali porque a tia a colocou, mas quero ver por quanto tempo aquilo duraria, se ela não se esforçar realmente.

— Olha só — Ana me encontrou na calçada assim que cheguei próximo à casa dela — o Paulo virá e ainda trará o primo. Deve ser tão gato quanto ele.

— Ah, que ótimo — murmurei. Sabia que ela iria me empurrar para cima do garoto e querer fazer de nós um quarteto feliz.

— Vem! — ela agarrou minhas mãos e me arrastou para os fundos do quintal — Meu pai já ligou o DVD e está testando o som.

Cumprimentei algumas primas e tia dela, assim como algumas antigas amigas da escola e da comunidade que tínhamos em comum. Outras pessoas foram chegando, trazendo alguma coisa, e rapidamente a mesa ficou empilhada de comida. Eu tinha feito uma torta a mais, e antes de ir para a praia deixei com a Dona Leda.

Houve disputa pelo Karaokê. Era uns querendo forró, outros pedindo por samba. Os primos mais novos de Ana queriam mesmo era um

Acheron - Nacionais

funk proibidão, mas tiveram que se contentar com alguns mais leves. Eu confesso, estava me divertindo muito.

— Quando o Paulo chegar, você canta Whitney Houston. — disse Ana, com um olhar sonhador, e me perguntei quantas batidas de morango ela já tinha bebido — Quero dançar coladinho com ele.

— É, mas pega leve nisso aí — apontei o copo quase vazio nas mãos dela — Ou quando ele chegar, a única coisa que fará será dormir.

— Só se for no colo dele — ela riu e me puxou para um samba que tinha começado a tocar.

Nesses pequenos momentos eu me dava conta de que, apesar de todas as batalhas do dia a dia, os desapontamentos da vida, eu era feliz.

Acheron - Nacionais

Para minha sorte ou azar, eu já não conseguia determinar, o primo do Paulo era totalmente e assumidamente gay. Apesar disso, formamos uma dupla e cantamos não apenas uma música de Whitney Houston, mas várias.

Cantar era algo que me animava.

— Você deveria ir a um desses programas de TV — disse Fernando, quando descemos uma pequena elevação do quintal da casa de Ana — Sua voz é muito bonita. Quando cantou *I Will Always Love You*, nossa, menina, até arrepiou meu braço.

Nós rimos e sentamos em cima do que sobrou de uma caixa de papelão, para

Acheron - Nacionais

observarmos a favela. No horizonte, dava para ver o mar.

— Um espetáculo, garota. Hum... hum...
— ele brincou — Veja, eu até gravei.

— Não é para tanto. Gosto de cantar, mas não para pessoas que não conheço. É só um hobby, mesmo — sorri, pegando o celular para ver o vídeo que ele fez de mim cantando — Não vá colocar na internet, morreria de vergonha.

— Desperdício de talento, mas tudo bem
— ele pareceu decepcionado — Onde aprendeu a cantar assim?

— Na igreja. Quando era menor, fazia parte do coral.

— Fazia? Não é mais a garota da igreja, não?

Acheron - Nacionais

— Depois que meu irmão morreu, minha mãe não tem tido muita fé... — aceitei o copo de bebida que ele me dava e lembrei daqueles momentos da minha infância — Não tenho ido tanto à igreja como antes, mas acredito que a fé está dentro de nós, onde estivermos, vai conosco.

— Que profundo isso — disse ele, encarando a paisagem à nossa frente — Até que é bonito aqui. Basta saber como olhar.

Conversamos sobre outras trivialidades. Os sonhos dele, os meus. Ana e Paulo se juntaram a nós e ficamos de marcar um programa, nós quatro. Não era o quarteto que Ana esperava, mas eu achava que mesmo assim seria legal.

— Acho melhor ir para casa, minha tia está com a minha mãe, mas não quero abusar da

boa vontade dela — disse a eles, depois que Fernando também se despediu rumo a outra festa, provavelmente mais a cara dele do que a nossa.

— Mas já? — Ana resmungou.

— Amanhã também é dia de trabalho.

Já passava das nove horas, e eu duvidava que a festa estivesse para acabar, pelo menos para eles.

— A gente acompanha você até sua casa — disse Ana.

Olhei para ela, intrigada. Minha casa ficava uma viela antes da dela, menos de cinco minutos dali. Foi então que eu me toquei, que o que ela queria mesmo era uma desculpa para dar uma escapada de casa com Paulo.

Depois de agradecer e me despedir de

minha tia, fui até o quarto que dividia com minha mãe, para ver como ela estava. Quando voltei para a sala onde estava o casal, Paulo falava ao telefone, então puxei Ana para a cozinha.

Nosso barraco não era grande – banheiro, quarto, sala e cozinha – as paredes não tinham reboco e as telhas eram reaproveitas. Uma casa simples como a maioria que tinha ali, mas era meu lar.

— Estou mesmo cansada, mas vocês podem ficar aqui um pouco mais — sussurrei.

— Eu agradeço a oferta — Ana suspirou, admirando de longe o ficante, novo namorado ou sei lá o que eles tinham decidido ser — Mas meu pai surgiria aqui com a espingarda na mão.

Não duvidava que aquilo pudesse

acontecer. Tio Rômulo — o chamava assim desde criança — era um homem bom, mas Ana era a única filha e ele estava sempre de olho nela.

Acompanhei o casal até a porta. Eles mal alcançaram a rua, quando o tumulto surgiu diante de nós. Cerca de uns vinte caras, entre eles meninos, adolescentes ainda, desceram o morro com fuzis e outros tipos de armamentos pesados nas mãos.

— Isso é tiro? — Paulo perguntou, quando voltamos correndo para minha casa e sentamos no chão.

— Fogos de artifício que não é — disse Ana, calando-se quando um novo pipoco começou. Ela não queria ser babaca, só estava apenas nervosa — Meu Deus!

Os tiros pareciam pipocas estourando no micro-ondas. O som de passos apressados se misturava à gritaria na rua.

Pa! Pa! Pa!

— Lucas... — minha mãe gemeu, e passei a cantar baixinho uma música gospel que ela gostava, para acalmá-la.

Em tese, e apesar de ser comandado por um traficante conhecido, o Juarez tinha sido um morro relativamente tranquilo. Mas fazia alguns dias que Betinho vinha sendo desafiado pelo chefe da favela do Buraco.

Já tinha morrido gente inocente com as trocas de tiros. A polícia nunca vinha até aqui durante e até mesmo após os confrontos entre os traficantes.

Passei a viver com medo de sair de casa, e só fazia mesmo porque era preciso. As pessoas assistem ou leem jornais que falam da guerra na Síria ou em qualquer um desses países no mundo, mas se esquecem que diariamente pessoas são mortas no Brasil pela violência. Seja no morro como o meu, dominado pelo crime, como em uma cidade grande, igualmente abandonada por seus governantes.

Aqui, a gente tinha nossa própria guerra e sem nenhuma esperança de ter onde se refugiar.

Fiquei grata por Paulo estar com a Ana e corri para o quarto ver minha mãe. Dei um comprimido para ela se acalmar e deitei ao lado dela, dizendo que tudo ficaria bem.

Quase meia hora depois, em meio àquele

inferno, o tiroteio cessou. Era impressionante como tudo ficou silencioso. Eu não arriscava me mover de onde estava.

Alguns minutos depois, saltei de susto quando batidas fortes na porta fizeram meu coração disparar. Ouvi a voz do seu Rômulo e a da Dona Leda na sala, falando com a Ana. Ela surgiu na porta, avisou que Paulo ia passar a noite na casa do primo. Nós morávamos literalmente na entrada da favela, seria arriscado ele andar pela favela depois de tudo o que aconteceu.

Os pais de Ana insistiram para que fôssemos para a casa deles, mas garanti que minha mãe e eu ficaríamos bem. Fiquei tentada a ir, mas, no fundo, sabia que tinha que lidar com a situação sozinha. Os dias de paz pareciam estar acabando,

Acheron - Nacionais

e, de alguma forma, eu tinha de me adaptar. Não era o primeiro tiroteio que enfrentávamos, e com certeza não seria o último.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Capítulo 6

Manter a concentração no trabalho não era algo que estava sendo muito fácil. A situação no Juarez só vinha piorando, ao ponto que éramos notícias quase diárias nos jornais. Me preocupava deixar minha mãe praticamente sozinha com minha tia e o marido alcoólatra dela, mas eu tinha o que fazer, precisava trabalhar.

Fechei a porta do quarto que tinha acabado de limpar e reorganizei os materiais no carrinho de limpeza, no corredor.

Passei reto por uma das suítes quando avistei a placa “não incomode” e fui para a próxima da minha lista. Ouvi gemidos e sussurros

atrás de mim.

— Eu saio da recepção às sete — disse a mulher às minhas costas.

Fiquei surpresa ao reconhecer a voz e me virei. Momentaneamente, Priscila ficou surpresa ao me ver, depois me encarou com ódio.

Ela estava saindo com um dos hóspedes do hotel, e isso era uma falta gravíssima. Com toda certeza seria demitida por isso.

— Essa noite, não — o homem alisou a bunda dela, deu um beijo em seu pescoço e retornou ao quarto.

Estava paralisada e sem saber como reagir. Eu não sabia se entrava no quarto e cuidava do meu trabalho ou alertava àquela inconsequente de que o que fazia poderia colocar seu emprego

em risco.

Sair ou se envolver com qualquer hóspede do hotel era falta gravíssima. Com toda certeza seria mandada embora, desperdiçando a oportunidade que a tia ofereceu a ela por um richão, que simplesmente nem sequer lembraria o nome dela quando deixasse o hotel.

— Veja bem... — ela se aproximou de mim e cravou as unhas em meu braço — Nada disso é da sua conta, portanto, não viu nada, entendido?

Puxei o meu braço e a encarei, firme. Eu não iria me envolver naquela história. A garota não era minha amiga para necessitar de meus conselhos, nem ao menos sabia ser uma pessoa simpática e gentil.

— O que você faz é errado — murmurei
— Mas isso é problema seu.

Sem dizer mais nada, entrei no quarto e fechei a porta.

Não gostava de pensar assim, mas a vida era tão injusta, às vezes. A garota tinha conseguido o emprego que há meses eu vinha desejando e simplesmente desperdiçava com homens que a tratariam como uma prostituta.

Repito que aquilo não é problema meu, coloco meus fones de ouvido e volto a me concentrar no trabalho. Na pausa para o almoço, conto a Ana o que aconteceu e a faço me prometer não contar a ninguém.

Eu tinha acabado de chegar à minha rua, quando ouvi alguns assovios atrás de mim. Optei por ignorar, certamente eram alguns adolescentes querendo atenção, e hoje eu estava cansada demais para bancar a simpática.

Paralisei quando senti a mão em minha cintura e logo depois recebi um beijo estalado na bochecha.

— Mas que garota difícil, hein! — Fernando se afastou de mim antes que eu tivesse uma reação automática de defesa e atirasse minha bolsa pesada em cima dele.

— Que susto você me deu, Fernando! — beijei-o de volta e cumprimentei o seu primo atrás dele — Oi, Paulo, se veio procurar a Ana, acho

que ainda deve estar trabalhando no hotel.

Os dois tinham começado a ficar sério, e acredito que não deve estar muito longe para a relação evoluir. Estava feliz pelos dois. Paulo era um cara incrível e Ana... bom, minha amiga era uma pessoa maravilhosa. Eu torcia muito pela felicidade dos dois.

— Na verdade, eu vim falar com você — disse ele e olhou em direção à minha casa — Podemos conversar?

— Esse é o momento que eu me retiro — disse Fernando, jogando um beijo para mim, descendo a rua em seguida.

Nós fomos em direção à minha casa. Minha mãe ainda estava com minha tia, então eu tinha alguns minutos para ouvir o que Paulo tinha a

me dizer.

— Você toma café? — perguntei, ao deixar minha bolsa na primeira cadeira que encontrei.

— Tomo, sim — ele respondeu e fomos em direção à cozinha.

Peguei uma panela embaixo da pia, enchi de água e coloquei para ferver.

— Então? — indiquei uma cadeira para que ele sentasse e me acomodei na outra extremidade.

Paulo mexeu com o bordado de um pano de prato em cima da mesa, antes de criar coragem para me encarar.

— Você deve ter notado que Ana e eu estamos bem envolvidos — ele disse, meio

Acheron - Nacionais

encabulado — Eu gosto muito dela.

Faço uma ordem mentalmente de registrar tudo o que ele fala, pois sei que minha amiga irá querer saber todos os detalhes.

— Ana é uma garota maravilhosa.

— Um pouco nervosinha — disse ele, e nós dois rimos. Aquilo era a mais pura verdade — Mas sou louco por ela. Por isso que estou aqui...

Ele pigarreou e voltou a mexer no bordado do pano. Aproveitei que a água começava a ferver e dei um tempo para que Paulo se sentisse mais à vontade. Os homens geralmente têm mais dificuldade de expressar seus sentimentos, e percebia que, com ele, não era diferente.

Achei fofo.

— Gostaria que me ajudasse — ele

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

aceitou o copo de café que entreguei a ele —
Queria que nossa relação evoluísse, você entende?

— Você quer pedir a Ana em namoro? —
me segurei para impedir um grande sorriso.

— Vocês são melhores amigas...

Na verdade, erámos como irmãs.

— E conhece Ana melhor do que eu, então
pensei que poderia me ajudar. Eu queria fazer algo
especial.

— O que, exatamente, você pretende?

Ele mordeu os lábios enquanto pensava.

— Acho que jantar e flores.

— Nenhuma de nós duas já ganhamos
flores — confesso a ele, que arregala os olhos —
Ana irá amar. Dizem que toda mulher gosta de
rosas, mas acho que você deveria dar algo

Acheron - Nacionais

diferente, como tulipas ou orquídeas, por exemplo.

Enquanto eu falava, Paulo digitava no celular, provavelmente anotando tudo o que eu dizia.

— Tem um restaurante perto do trabalho, serve comida italiana — informei a ele — A gente sempre quis comer lá, mas nunca deu. Nossa, dá para sentir o cheiro da rua! Também não é nada muito chique e caro, mas a Ana vai amar.

— Certo! Flores, restaurante italiano... e quanto ao presente?

Uau!

Suspirei mentalmente. O homem realmente queria agradar. E confesso que senti um pouquinho de inveja da minha amiga. Não uma inveja má, mas aquela do tipo que te faz pensar se um dia terá algo

parecido.

— Ah — bati palma, animada — Tem uma senhora no trabalho que vende bijuteria. A Ana viu uma, no mês passado, que ela amou — fiz uma careta antes de continuar: — Custa uns sessenta reais. Ela não pôde comprar na época porque tinha que pagar alguns livros da faculdade. O aniversário dela está chegando. Até ia perguntar à mulher se ela parcelava para mim.

— Então será essa — ele sorriu para mim — Desculpa roubar seu presente.

— Tudo bem — dei de ombros — Encontro outra coisa para ela.

— Você é uma boa amiga — ele se levantou e o acompanhei até a porta.

— Só a faça feliz, tudo bem?

— Será minha meta — ele sorriu e me abraçou — Muito obrigada.

Eu gostava do Paulo. Sentia que ele era uma daquelas pessoas que surgiam do nada em nossas vidas e vinham para ficar.

— É cheia de moral comigo, mas fica que nem uma cachorra no cio com o primeiro otário que aparece na quebrada!

Ao invés de soltar o Paulo como deveria, me agarrei mais a ele. Ergui o olhar e vi o Caveira com dois homens ao lado dele.

— Tira a mão dela, seu comédia!

Afastei Paulo de mim. Não quero que Caveira pegue birra dele, ainda mais agora, que ele e Ana terão um compromisso sério. Um dos motivos de eu nunca me envolver muito sério com

alguém era essa fixação que Caveira tinha comigo. No Juarez, ninguém tinha coragem de se aproximar.

Eu só ficava com rapazes de longe da favela, e não posso dizer que eu tinha uma vida agitada longe daqui.

— Já disse, tira a mão dela, seu comédia!
— Caveira veio bufando em nossa direção, e só então percebi que Paulo mantinha a sua mão presa à minha cintura.

— Para com isso, Caveira! — me coloquei entre os dois — Paulo é só meu amigo. Ele namora com a Ana.

Odiava ter que dar alguma explicação ao Caveira, mas o que eu poderia fazer com um traficante perigoso, que se achava o meu dono? Eu

morava e vivia ali, tinha que dançar a música como era tocada.

— Tá querendo passar o rodo — disse Caveira, ignorando minhas palavras, encarando Paulo olho a olho.

— Fabiana já disse o que aconteceu.

Senti o meu sangue gelar. O Paulo não conhecia o homem que enfrentava. Caveira daria um tiro na cabeça dele e sairia sorrindo, como se tirar uma vida não significasse nada para ele.

Realmente, não significava.

— Acha que é só chegar na quebrada e pegar nossas *mina* — disse Caveira, erguendo os braços, olhando para seus comparsas em seguida — *Nois* deixa isso *rolá*?

Os homens negaram e começaram a falar

entre si. Fui afastada para o lado, e nos segundos seguintes, os dois homens seguraram o Paulo enquanto Caveira desferia socos nele.

Comecei a gritar e pedir ajuda. Algumas pessoas saíram de casa e pararam na rua, mas ninguém se atreveria a se meter.

— Para com isso! — agarrei o braço de Caveira — Por favor.

Ele soltou o Paulo, não porque eu pedi, mas porque provavelmente estava satisfeito com o que tinha feito. O objetivo era dar um aviso.

— Eu sempre estou de olho em você, Fabi — disse Caveira, massageando os dedos — Aprende isso.

Poderia ter alguma retaliação, mas não consegui esconder o ódio que eu sentia. Caveira e

seus comparsas saíram dando risadas. Achando que eram grandes valentões, mas para mim eram apenas covardes.

— Paulo? — corri até ele e ajoelhei ao seu lado, no chão — Você está bem?

Tinha um grande medo de tê-lo assustado e ter estragado a relação entre ele e minha amiga. Jamais me perdoaria se isso tivesse acontecido.

Paulo levou a mão à boca e cuspiu sangue no chão antes de me encarar.

— Estou bem — ele ficou de pé — Sei como funcionam certas coisas por aqui. Já morei no morro, não se preocupe.

Soltei o ar, aliviada, e o estudei de perto. Paulo era um homem forte. Tirando os lábios cortados e o olho que começava a ficar inchado,

estava bem.

— Não conta isso para a Ana — disse ele.

Eu sabia que ele me pedia isso não por ter apanhado deles, mas porque conhecíamos minha amiga. Ana ficaria furiosa e iria até o Betinho, reclamar do irmão. Tinha feito isso muitas vezes, por mim. E não seria a primeira vez que escondia coisas como essas de Ana.

— E como irá explicar o... — indiquei seus machucados, e ele sorriu.

— Assalto no centro da cidade. Parece bem convincente para mim.

Infelizmente, o Rio de Janeiro, assim como muitos lugares do país, tinha sérios problemas com a violência urbana. Não seria nada difícil de Ana acreditar.

— Mas as pessoas vão comentar sobre isso, os vizinhos.

— Conta para ela antes e diz que era outro amigo seu.

Poderia dar certo. Paulo não tinha subido o morro muitas vezes, e Ana sabia que Caveira sentia ciúmes de qualquer homem que se aproximasse de mim. Encontraria um jeito de enrolar a história.

— Acho melhor você descer — disse a ele, antes de voltar e fechar minha porta — Vou te levar, só por segurança.

Paulo parecia que ia me dizer alguma coisa, mas acabou se calando. Pelo olhar piedoso, entendi o que ele queria ter dito a mim. Estava metida em uma grande enrascada, mas não era de

Acheron - Nacionais

hoje que eu sabia que minha vida estava em risco.

Descemos o morro calados, e assim que ele atravessou a avenida, em direção à cidade, fiz uma prece para que ele chegue em casa em segurança.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Capítulo 7

Má sorte. Karma. Azar. Não sei se essas coisas realmente existiam, mas desde o encontro trágico com o Caveira, parecia que minha vida vinha desmoronando.

Para começar, em uma das infinitas discussões entre Ana e Priscila, minha amiga deixou escapar que eu a vi saindo do quarto de um dos hóspedes. Fui atacada pela garota irada, no refeitório, e nós duas fomos parar na sala da tia dela. Recebi uma advertência, a primeira desde que comecei a trabalhar no hotel.

Eu até tentava evitar a Priscila o máximo que eu podia, mas a garota nunca deixava escapar

a oportunidade de me provocar.

— Como todos sabem, haverá uma *première* na cidade — disse Marta, a gerente.

Estávamos em fila, ouvindo as instruções daquela semana. O hotel estava lotado de pessoas da alta sociedade, modelos e até mesmo uma atriz famosa em razão da tal *première* que haveria na cidade nesse fim de semana.

Um filme tinha sido gravado no Rio, e esse evento seria muito importante.

— Nós queremos um serviço de qualidade e excelência — Marta olhou para mim, depois para Priscila, em uma advertência muda — Não preciso dizer que brigas, discussões e qualquer confusão com hóspedes e qualquer funcionário terá a penalidade de justa causa, tendo o cliente razão

ou não.

Marta continuou falando, e Priscila olhava para mim de uma forma bem estranha. Rapidamente, eu percebi que se quisesse manter meu emprego precisaria ignorar as provocações dela.

— Voltem aos seus trabalhos.

Fui a primeira a sair. Decidi não tirar as pausas que eu tinha direito e assim evitar encontrar com Priscila pelas imediações do hotel.

O dia foi bem cansativo para mim. Já estava de pijama, deitada no sofá, com um prato de comida em meu colo, vendo TV, quando Ana surgiu na porta.

— Como estou? — ela deu um rodopio, fazendo a saia do vestido rodar.

Ana tinha longos cabelos negros, que foram presos em um rabo de cavalo. Não era nem magra nem cheinha demais, como Paulo dizia, era gostosa. Ela é branquinha, mas tinha a pele bem bronzeada devido a longas caminhadas da faculdade até o hotel, no sol escaldante do Rio de Janeiro.

— Linda! — o vestido era branco, sem mangas, e Ana estava realmente muito bonita.

— Eu acho que o Paulo quer dar um passo a mais na relação — ela ficou vermelha quando falou isso — Sabe o que quero dizer.

Ah, mal sabia minha amiga que o passo que Paulo queria dar ia além de sexo, como ela

imaginava. Embora Ana não fosse a virgem empacada como eu, ela era muito romântica. Tivera apenas um namorado que a fizera sofrer demais sendo um mulherengo-babaca.

— Faça apenas o que achar que deve — disse a ela.

— Esse é o problema, eu acho que devo — ela sorriu — Eu quero. Agora tenho que ir, amanhã conto tudo.

Voltei para o meu prato quase frio de comida e voltei minha atenção para a novela. Era o máximo de romance que eu teria naquela noite.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Capítulo 8

Ainda estava espremida no sofá, quando meu celular tocou. Levei alguns segundos para encontrá-lo embolado na coberta.

— Ana? — atendi assim que vi o nome dela aparecer na tela.

Olhei para o relógio no celular. Eram 4h30 da manhã.

Ouvi um soluço angustiado, seguido de um choro compulsivo. Sentei no sofá rapidamente e senti meu coração acelerar de preocupação.

— Ana... Ana, você está bem?

Outros soluços e uma respiração acelerada.

— O Paulo... — ela mal conseguia falar devido ao choro, que claramente não conseguia controlar — O Paulo, ele...

Meu primeiro pensamento foi de que ele tinha feito algo a ela. E se aquele fosse o caso, jurei por tudo que era mais sagrado em minha vida que iria acabar com ele.

— Ele te fez alguma coisa?

Por favor, Deus, orei fervorosamente, diga que não.

— Não... — mais soluços, dessa vez um pouco mais calmos — Claro que não. Não foi o que ele fez, mas o que fizeram a ele.

Enquanto ela falava, corri para o meu quarto e fui separando as primeiras peças de roupa que encontrei.

— Nós tivemos uma noite linda — ela soluçou e fungou em seguida — Ele me levou para jantar naquele restaurante, perto do hotel, lembra?

— Sim, sempre falamos em ir lá — segui falando, para que ela mantivesse a concentração em mim — Deve ter sido especial.

— E foi. Ele me deu uma pulseira igual àquela que queria, da dona Joana.

Já sabia de toda a história, afinal, eu tinha ajudado o Paulo em tudo, mas pretendia contar somente no dia seguinte.

— É muito bonita...

— Então, ele pediu para namorar comigo, coisa séria, sabe — ouvi seu choro novamente, e isso partiu meu coração — Nós fomos para a casa dele depois. Você sabe, ele tem um pequeno

apartamento no centro. Nós...

O telefone ficou mudo por um tempo, aproveitei para fechar a porta e fui em direção à casa da minha tia.

— Nós dois... foi tão lindo — Ana voltou a chorar — Eu o amo. É absurdo ou cedo demais, mas eu o amo.

Parei em frente à porta e esperei Ana estar pronta para continuar. O que ela descrevia sobre Paulo era o sonho de qualquer garota, então o motivo das lágrimas dela fazia sentido.

— Queria ter passado a noite lá — ela fungou — Aliás, se não fosse pelos meus pais, teria feito exatamente isso, Fabiana. Bom, na verdade acabei fazendo, mas por outros motivos.

— Amiga, só um minutinho — pedi a ela.

Bati na porta da minha tia. Não tive medo de acordar o marido dela, pois o tinha visto no bar quando voltei do trabalho e sabia que, nesse momento, nem um terremoto conseguiria tirá-lo do sono pesado.

— Pode continuar.

— Nós voltamos para o Juarez. O desgraçado do Caveira encontrou nós dois. Estava muito louco, ou ele é louco mesmo. Falou um monte de coisas sobre você. Confesso, não entendi muita coisa, e, do nada, ele e seus soldados atacaram o Paulo. Ele tentou se defender, mas eram sete homens contra um. O Caveira atirou nele...

Nesse momento, ela voltou a chorar. Fechei meus olhos, e teria caído se minha tia não

Acheron - Nacionais

tivesse aberto a porta naquele momento e me amparado.

— Atirou nele, Fabiana! — agora sua voz tinha um tom perceptível de raiva.

— Mas ele está bem?

— Foi para a cirurgia, graças a Deus não afetou nenhum órgão vital, mas a bala precisava ser removida — ela fungou, desolada — O momento mais importante da minha vida, e o desgraçado do Caveira o manchou. Eu juro que...

— Você não jura nada! — tinha que ser dura com ela — Fica calma, me diz em que hospital está, estou indo até aí. Já volto a te ligar.

As coisas no morro pareciam piorar cada dia mais. Até o Betinho parecia mudado e tenso. Agora ele tacava o terror sem pensar em quem

Acheron - Nacionais

estava atingindo. As últimas coisas com que um traficante iria se preocupar era com um cara que nem era da favela e duas garotas sem importância para ele.

Contei rapidamente para a minha tia o que tinha acontecido e perguntei se poderia ficar com a minha mãe. Depois de entregar as chaves, fui em direção ao hospital Souza Aguiar, onde eles estavam.

Assim que me viu despontar no corredor, Ana correu até mim, chorando. Apenas a abracei e esperei que se acalmasse. Ela me contou com mais detalhes o que aconteceu, e também fui obrigada a falar sobre o Caveira.

— Vocês deveriam ter me contato — disse ela, secando o rosto — Se eu soubesse que o

Caveira estava invocado com o Paulo, não teria permitido que ele me levasse para casa.

Ana tinha razão, e me senti duplamente culpada. Se Paulo não tivesse ido até minha casa, o Caveira não teria o colocado em sua lista negra.

— Depois que o Paulo se recuperar, vou ficar com ele — disse ela — Primeiro porque ele não tem ninguém na cidade, além do Fernando e a mãe dele. Ele vai precisar de cuidados. Depois, porque não vou colocar a vida dele em risco de novo.

— E o seu pai?

Tio Rômulo era um homem das antigas. Filha dele, para sair de casa, tinha que casar.

— Minha mãe dará um jeito nele — disse ela, dando de ombros — Além disso, depois de

tudo o que aconteceu, papai sabe que não é seguro para mim.

Olhei para as minhas mãos em meu colo. Sentiria falta de Ana, mas seria mesmo melhor para ela.

— Mas isso não vai ficar assim.

— Por favor, Ana — implorei, praticamente chorando — O que você vai fazer, denunciar o Caveira? Ele é acusado de um monte de coisas e nunca foi preso. Se esconde no morro, onde a polícia não entra.

Denunciar um traficante como ele seria o mesmo que pedir para morrer.

— Isso não vai ficar assim — disse ela — E você também não está segura. Ofereceria um lugar no apartamento do Paulo para você, mas tem

Acheron - Nacionais

a sua mãe. O apê é mesmo muito pequeno...

— Não se preocupe com isso — garanti a ela — Contra mim, o Caveira não fará nada.

Não porque gostasse de mim, como ele insistia em dizer, mas porque eu era o prêmio dele. Eu só tinha que tentar levá-lo na conversa e tentar manter longe dele as pessoas que eu amava.

— Fabiana... — Ana segurou minhas mãos, os olhos banhados de lágrimas — Ele é totalmente obcecado por você. Chega a ser doentio. Eu tenho medo.

Ver essa verdade refletida em Ana, uma garota, sem dúvida, muitas vezes mais corajosa que eu, triplicava meus receios. Eu tinha medo de que, um dia, o Caveira perdesse a paciência com minhas recusas e...

Acheron - Nacionais

Balancei a cabeça e afastei esses pensamentos.

— Por que não vai para a casa da Mrs. Jones.?

E levar todos os meus problemas para ela? Não. Eu tinha que encontrar uma forma de sair da favela sozinha.

O problema é que, alugar uma casa, implicaria em um novo rombo no orçamento. Era a saúde da minha mãe balanceando com minha segurança.

— Vou pensar sobre isso — respondi com um sorriso.

Logo mudei de assunto. Eu teria que ir para o trabalho, pois essa noite aconteceria a tal *première*. Então, tentei deixar Ana o mais calma

Acheron - Nacionais

possível antes de sair. Quando a mãe dela chegou ao hospital, eu parti.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Capítulo 9

Estava na sala destinada à reunião e treinamento de funcionários, esperando as instruções do dia. Supreendentemente, Priscila estava do outro lado me ignorando. Fiz uma rápida prece em agradecimento. Não tinha cabeça para aturá-la hoje.

— Você fica com as suítes do lado sul — disse Marta para mim — Uma das suítes foi destinada a uma modelo brasileira, com fama internacional. Segundo as revistas de fofocas, ela está namorando um dos atores do filme. Atenda prontamente a tudo que ela solicitar.

— Sim, senhora — peguei a prancheta

Acheron - Nacionais

com todas as instruções e detalhes sobre os hóspedes.

— Virá alguém da joalheria J&G, entregar as joias emprestadas para ela usar no evento. Só você, Fabiana, e o Pedro, que fará também o serviço de quarto, terão autorização de entrar.

Sorri para Pedro, um jovem bonito, quase da minha idade. Gosto de trabalhar com ele, e sempre nos demos muito bem.

— Pessoal, é só isso, estão dispensados.

Embora eu tenha certeza de que até o fim dessa noite estarei esgotada, fico agradecida por meu dia prometer ser atarefado e corrido. Só assim para não pensar tanto em Paulo, Ana e no grande problema que tenho em relação ao Caveira e toda a situação na favela.

Acheron - Nacionais

O dia segue, e faço meu trabalho com todo cuidado e dedicação redobrados. Depois de limpar todas as suítes, dar um toque especial em cada uma delas, fui designada a ficar de plantão, apenas esperando ser solicitada no decorrer da tarde.

— Mendes? — Fabrício, o subgerente, apareceu no quartinho onde eu aguardava qualquer chamada — Preciso que abra a suíte da tal modelo.

Ele trazia uma caixa de veludo preta nas mãos.

— Com toda essa loucura, esqueci o cartão de acesso ao quarto lá embaixo — continuou ele, quando peguei minhas chaves em um compartimento no carrinho — As joias enviadas

Acheron - Nacionais

pela joalheria chegaram. Soube que a mulher já saiu do aeroporto, mas pegou engarrafamento na Linha Vermelha, no entanto, deve chegar aqui a qualquer momento. Avise ao Pedro para providenciar uma garrafa de champanhe e gelo... Ah, providenciem morangos, também.

— Sim, senhor.

Eu o acompanhei até o quarto e abri a porta para ele. A caixa de joias foi colocada em uma mesinha ao lado da cama. Tive certa curiosidade para querer olhar o que tinha dentro da caixa, deveria ser bem caro e bonito, mas decidi ficar muito longe dela. Não queria nem imaginar se deixasse as peças caírem no chão e alguma delas se quebrasse.

Depois de fechar a porta, avisei pelo

Acheron - Nacionais

rádio, a Pedro, o que nosso superior tinha solicitado e voltei para o quartinho.

Eu já tinha feito duas horas além do meu horário de trabalho e estava bem feliz com a grana extra que iria ganhar no final do mês. Em um dia comum, talvez tivesse aproveitado o evento para arrecadar muito mais em horas extras, ou até ter dobrando meu turno, mas ainda estava muito preocupada com Ana.

Troquei algumas mensagens com ela pelo celular e falei com sua mãe. Paulo já estava no quarto e totalmente fora de perigo, mas Ana estava com aquela ideia absurda de tentar alguma revelia contra o Caveira. Até o Paulo tinha pedido que ela

deixasse isso para lá, mas eu sabia que Ana não iria engolir aquele sapo facilmente. Então, assim que tirasse meu uniforme, iria direto para o hospital conversar com ela.

— Fabiana?

Tinha acabado de colocar meu uniforme dentro de meu armário, quando Pedro surgiu, branco como um fantasma, na porta do vestiário feminino.

— Oi, Pedro.

— Ainda bem que não foi embora. A dona Marta está chamando todos na sala dela — disse ele, seus lábios tremiam de nervoso — Sumiu algo importante de uma hóspede e está uma grande confusão no hotel.

Parece que desgraça, quando tem que

acontecer, vem que nem efeito dominó, uma amontoando a outra. Provavelmente, a tal hóspede estava com o objeto perdido na mala, entre suas roupas. Aquilo não era muito difícil de acontecer. Ajudaríamos a procurar e logo aquela confusão acabaria. Essa situação era algo recorrente. O problema era que Marta estava tensa esse fim de semana.

— Já estou indo — digo a ele, mostrando meus pés descalços — Só vou colocar meus sapatos.

Sentei em um banco e mandei uma mensagem para Ana, avisando que iria me atrasar um pouco. Estava colocando os sapatos, quando ouvi a porta do vestiário abrir outra vez e bater com força contra a parede. Vinha tendo uma

semana difícil, e o olhar raivoso de Priscila em minha direção provava que tudo poderia ficar pior.

— Eu disse para você não se meter comigo, mas a primeira coisa que fez foi fazer fofoca — ela veio em minha direção, e fui me afastando o máximo que podia — Contou para aquela sua amiga fofoqueira o que viu naquele dia.

— Priscila, esse assunto está morto e enterrado — ignorei a provocação dela e voltei a me curvar para calçar os sapatos.

— Resolvido para você — disse, praticamente gritando — Deveria ter ficado de boca calada, ao invés de falar o que não deve por aí. Suas invejosas, faveladas, nojentas!

Eu deveria me sentir humilhada ou, no

mínimo, com raiva dela. Agarrar os cabelos tingidos e arrancar cada fio de cabelo, mas ao invés disso, eu ri.

— Vocês acham que chamar a gente de favelado, pobre ou negro é ofender? — fiquei de pé agora, encarando-a olho a olho — Isso é dar nome às coisas como elas são. Quem nasce em São Paulo é paulista, quem nasce no Rio é carioca, no Brasil é brasileiro, você é branca, eu sou negra. Quem tem muito dinheiro é rico e quem não tem é pobre. Qual a ofensa nisso?

A Priscila tinha que entender que eu não tinha medo dela, mas sim, prezava o meu trabalho.

— Ser pobre e favelado não é ofensa. Ofensa é ser uma alpinista social como você. Que sai com os hóspedes do hotel em troca de

presentes caros. Ofensa é eu te chamar de garota baixa e sem caráter. Ofensa é dizer que você é uma garota burra, despreparada para o trabalho e incapaz de fazer o mínimo. Mas olha só...

Levei meus dedos ao queixo em gesto pensativo.

— Nem isso é ofensa, apenas a mais pura verdade — me afastei porque, apesar de tentar ser uma pessoa equilibrada, minha vontade mesmo era estapear a cara dela — Agora me dá licença, que tenho mais o que fazer.

— Pode ir, sujinha favelada, ria bastante agora — disse ela às minhas costas — Apenas aguarde o que te espera.

Ouvi o risinho debochado e saí do vestiário com pressa. Encostei-me contra a parede

por alguns segundos. Estava tremendo de raiva e indignação. Esperava que, depois de ter mostrado a Priscila que não era a garota sonsa que ela supostamente acreditava que eu era, ela finalmente me deixasse em paz.

Quando cheguei ao escritório da gerência, Pedro estava em um canto, cochichando com a secretária. Os dois se calaram quando me viram.

Saíram duas pessoas da sala. Fabrício, o subgerente, e uma arrumadeira que saiu chorando.

— Podem entrar — a secretária disse a mim e ao Pedro.

Eu gostaria de ter sido atualizada antes de entrar na sala de Marta.

— Eu vou direto ao assunto — disse ela, assim que entrei e fechei a porta — Tirando as

duas pessoas que saíram daqui, apenas vocês dois tiveram acesso ao quarto. O colar que a Srta. Gomes usaria hoje desapareceu enquanto ela estava no banho. Uma joia que vale mais de vinte mil reais.

Se eu não estivesse tão tensa, teria rido de nervoso. O colar valia mais do que um ano inteiro meu de trabalho.

— Os pertences deles já foram verificados — continuou ela — Resta apenas os de vocês dois.

— Mas já procuraram no quarto? — perguntei, angustiada — Talvez tenha caído no quarto ou...

— Senhorita Mendes — Marta sibilou, irritada —, cada canto daquele quarto foi

revistado. A joia sumiu.

Pedro olhou para mim, e vi que estava tenso. Eu duvidava que ele tinha alguma coisa a ver com isso. Certamente, a joia estaria em algum lugar do quarto. Mas era natural estarmos nervosos, a corda sempre arrebentava para o lado fraco da coisa.

— Infelizmente, teremos que olhar o pertence de vocês.

— Por mim, tudo bem — digo a ela — Quando a senhora quiser.

Pedro disse o mesmo, e seguimos para os vestiários. O primeiro armário a ser olhado foi o de Pedro. Assim como imaginei, o armário dele e a mochila que usava para trabalhar só continha seus pertences pessoais.

Seguimos para o meu. Estava com a consciência tranquila, nem mesmo tinha tocado na joia, embora tive curiosidade.

— Abra o armário, por favor — pediu a gerente.

Peguei a chave no bolso da minha calça e me aproximei do meu armário. Senti meu sangue gelar quando notei que já estava aberto. Não havia trancado depois da discussão com Priscila.

— Senhorita Mendes? — insistiu a gerente, e eu me apressei para pegar minha bolsa.

Mostrei os bolsos laterais e virei a bolsa de ponta cabeça, jogando todo o conteúdo dentro dela no banco.

— Também não tem nada — disse Pedro, claramente aliviado — Com certeza está perdido

no quarto, acho que só precisa procurar direito.

Marta pareceu pensar sobre o que ele disse.

— E o uniforme de trabalho?

Virei em direção à voz e encontrei Priscila parada na porta. O que essa garota está fazendo aqui?

— Tem razão — disse Marta, voltando a olhar para mim — Seu uniforme, Fabiana.

Fiquei paralisada no lugar. Às vezes, eu poderia agir com certa ingenuidade em relação às pessoas, mas burra era a última coisa que eu era. A presença de Priscila ali só poderia significar uma coisa...

— Vamos, senhorita Mendes — Marta se exaltou — Eu não tenho o dia todo para resolver

isso.

Praticamente me arrastei até o armário, peguei meu uniforme e entreguei a ela, que começou a revirar os bolsos. Parou por dois ou três segundos antes de olhar duramente para mim.

O colar de pedras vermelhas e ouro branco surgiu na mão dela. Como imaginei, era lindíssimo. Uma peça tão bonita como nunca tinha visto antes de tão perto, e que significava a desgraça para mim.

— Não sei o que dizer — dona Marta parecia realmente chocada, assim como Pedro e eu — Isso é...

Priscila sorria como se tivesse ganhado um prêmio na loteria, e foi então que entendi tudo claramente.

— Eu não fiz isso — queria ser forte e tentar explicar o que aconteceu, mas depois que o primeiro soluço escapou dos meus lábios, as palavras ficaram sufocadas em minha garganta.

Em todo tempo que trabalhei ali, tinha sido uma funcionária exemplar. Nunca me atrasava, era simpática e gentil com os hóspedes, mesmo quando me tratavam mal, e estava sempre à disposição quando me solicitavam. Tinha dado provas o suficiente que era uma pessoa honesta.

— Armaram para mim — disse a ela quando consegui — Alguém colocou isso aí dentro.

— Tem como provar isso? — indagou Marta — Porque a acusação é muito grave.

— Dona Marta, por favor, escute... —

Acheron - Nacionais

caminhei até ela, implorando — Há quanto tempo eu trabalho aqui? Nunca houve uma queixa sobre o meu trabalho.

— É mesmo? — ela me encarou com olhar debochado.

— Aquilo foi...

— Olha, Fabiana, você tem duas escolhas. Aceitar a demissão por justa causa e ficar quieta ou vai para a cadeia, acusada de roubo. Sugiro que fique com a primeira opção. A joia já foi recuperada, e o hotel não quer esse tipo de campanha negativa.

— Dona Marta, talvez tenha parado aí por engano. A Fabiana pode ter ido limpar e esquecido no bolso — Pedro veio em minha defesa.

Marta olhou raivosa para ele. Aquela, até

Acheron - Nacionais

para mim, era uma péssima desculpa.

— Arrume suas coisas e só volte na segunda-feira para assinar os papéis de dispensa. Sugiro, para o seu próprio bem, que não leve esse assunto adiante.

Marta saiu, seguida por Pedro. Fechei meus olhos, deixando que um rio de lágrimas cobrisse meu rosto. Eu dava duro no hotel e vendia comida na praia, e nunca, nunca na minha vida, tinha tirado nada de ninguém.

Estava sendo acusada de roubo.

— Eles deveriam saber que contratar gentinhas como você — abri os olhos ao ouvir a voz de Priscila — cedo ou tarde termina assim.

Eu não pensei duas vezes. Primeiro, um grito dolorido saltou do meu peito ferido, logo em

Acheron - Nacionais

seguida, estava grudada na garganta dela.

— Foi você quem armou para mim! —
soltei-a apenas para desferir um tapa, fazendo seu
rosto virar — Pois vai contar a verdade.

Eu iria arrancar cada fio de cabelo dela,
até ela confessar o que tinha feito comigo. Saí
arrastando-a pelos cabelos até o corredor.

— Me solta, sua favelada maldita!

Priscila chorava, na certa sentia dor, mas
a dor dela nem de perto se comparava à minha.
Poderia perder o emprego, mas minha honra,
jamais.

— O que está acontecendo aqui? — Pedro
surgiu e olhou espantado para nós duas.

Priscila aproveitou de minha distração
para sair rastejando como a cobra que ela era.

Acheron - Nacionais

— Foi ela que armou para mim, Pedro! — quis avançar em Priscila de novo, mas ele se colocou entre nós duas.

— Essa garota está louca — ela começou a chorar falsamente — Além de ladra, é maluca.

— Você fez isso! — tentei passar por ele, esticando meus braços até ela — E vai confessar.

— Não vou confessar nada — ela sorriu apenas com os lábios — Lembre-se do que minha tia disse a você, se não pode provar, não levante calúnia. Cuidado, minha tia pode não a ter denunciado por roubo, mas calúnia também dá cadeia.

— Ela está certa, Fabiana — murmurou Pedro — Agradeça por não terminar da pior maneira.

— Entre mim e você, em quem acha que minha tia irá acreditar? — perguntou ela, começando a arrumar os cabelos — Em uma favelada?

— Não precisa ofender, Priscila.

— Mas foi ela mesmo que disse. FA.VE. LA. DA não é ofensa.

— Mas a forma que se diz, sim — alegou Pedro — Estou desconhecendo você.

— Você nunca conheceu essa garota — disse a ele.

Estava cansada de ouvir esses dois. Estava desolada em saber que, no fundo, Priscila estava certa. Mesmo que eu conseguisse provar ou obrigá-la a dizer a verdade, Marta ficaria ao lado dela.

Quem era eu ali? Apenas uma garota humilde da favela, que sempre trabalhou duramente para cuidar da mãe doente e sobreviver. Eu não podia me dar ao luxo de ser acusada de roubo. Já seria bem difícil conseguir outro emprego sem uma carta de recomendação.

— Sou favelada, sim — encaro Priscila com lágrimas nos olhos — Lá é até um lugar feio para algumas pessoas. Mas não é mais feio do que pessoas como você. Não me tirou do caminho apenas por vingança, mas porque me via como uma ameaça, e tem razão de sentir medo, valho um milhão de vezes mais do que você.

Às vezes, a gente quer atacar quem nos ataca, mas a vida se encarrega de dar a pessoas ruins tudo aquilo que plantou.

Volto para o vestiário e pego minhas coisas. A cada funcionário ou grupo de funcionários que passo, vejo-os me encarando, cochichando entre si.

Seco meus olhos e ergo bem minha cabeça. Não importa o que eles pensem. Sempre fui honesta, e o que importava era o que estava dentro do meu coração.

Depois de quase uma hora sentada na praia, olhando para o mar, remoendo e repassando o pior momento da minha vida, lembro que preciso ir até o hospital.

Achei estranho que Ana não estivesse no quarto, mas Paulo me informou que tinha insistido

que ela fosse para casa e, além disso, precisava buscar o carregador de seu celular. Não contei a ele o que tinha acontecido comigo, direi a Ana depois.

Fiz companhia a ele por quase uma hora. Garanti que conversaria com Ana e a faria esquecer o Caveira, e também deixei um recado para que avisasse à minha amiga que eu ligaria depois.

Minha tia notou que eu não estava bem, mas não insistiu no assunto quando disse que preferia falar depois. Eu sabia que, quando desabasse de novo, seria difícil me reerguer.

Levei minha mãe para casa, e lá ela não me deu paz.

— Eu sinto muito — soluzei depois de

contar tudo — Não queria envergonhar a senhora.

Na verdade, não queria contar nada a ela e deixá-la mais preocupada.

— Eu sempre agi como o que tinha acontecido com o Lucas não tivesse existido — disse ela, em uma voz fraca — Mas ele teve a morte que teve porque escolheu aquilo.

— Foi o Caveira que...

Minha mãe apertou minha mão e me olhou com tristeza. Eu sempre culpei o Caveira por levar meu irmão para aquela vida bandida, com promessas de riqueza e poder, mas a verdade é que, no fundo, tinha sido escolha dele.

— Fabiana, eu tive e tenho muita vergonha — continuou ela — Mas não de você, filha. É a garota mais esforçada, boa e inteligente que eu

Acheron - Nacionais

conheço. Fará grandes coisas na vida. Coisas ruins acontecem com a gente para nos fazer mais fortes.

Naquela noite, chorei no colo de minha mãe até dormir. Enquanto a tivesse e a todas as pessoas que me amavam e apoiavam ao meu lado, de alguma maneira, eu ficaria bem.

“Sempre que a Fênix renasce, retorna mais bonita”, foram as últimas palavras de consolo que ouvi minha mãe sussurrar para mim, antes de pegar no sono.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Capítulo 10

Eu tinha ido até o apartamento de Paulo ajudar Ana a dar uma geral para recebê-lo, pois ele teria alta naquele mesmo dia. Enquanto ela cuidava do quarto e da sala, fiquei na cozinha e aproveitei para fazer comida e deixar congelados para eles durante a semana.

— Aqui está o telefone daquele advogado que te falei — ela me deu o cartão quando cheguei à porta — Promete que liga para ele?

Pela Ana, deveria abrir uma ação contra o hotel e a gerente na justiça. Saí de lá apenas com meu salário do mês e os extras que fiz.

A verdade era que eu não queria mais

confusão. Isso não traria meu emprego de volta, mas, segundo a Ana, teria uma boa grana de indenização. Então iria pensar. A justiça no Brasil é um pouco lenta, e minhas contas e as despesas em casa não podiam esperar.

— Eu juro que vou pensar — digo, indo em direção à porta.

Minha maior preocupação agora era encontrar outro trabalho fixo. Estava indo para a praia todos os dias, depois de entregar alguns currículos em várias agências de emprego.

— Ah, e antes que você vá embora — Ana voltou correndo para o sofá e pegou outro papel em sua bolsa — Lembra da Fernanda?

— Fernanda?

Conhecia muitas Fernandas.

— A que estudou com a gente no último ano da escola?

— Agora, sim. Aquela garota muito bonita? Foi passista de escola de samba por uns três anos antes de investir na carreira de modelo.

Desde o ano passado que não ouço falar dela. Os pais e o filho tinham saído da favela e ninguém mais teve notícias de nenhum deles.

— Encontrei com ela ontem. Está procurando modelos. Perguntou se eu estava interessada, mas isso não é para mim, sinceramente, não tenho paciência. Mas me deu o telefone dela e falei sobre você.

— Modelo? Eu?

Olhei desconfiada para o papel. Eu jamais tinha pensado sobre isso. Ser modelo no Brasil já

Acheron - Nacionais

era difícil, negra, então...

— Sei bem o que está pensando, Fabiana, pode tirar essas caraminholas da cabeça. — disse Ana, usando aquela voz de mãe dando bronca — Já ouviu falar de Naomi Sims, Gracie Carvalho, Tyra Banks e Naomi Campbell? Todas modelos negras e bem-sucedidas. Você é tão linda quanto qualquer uma delas.

Ela tinha razão, não sobre eu ser tão linda como as modelos que ela citou, mas eu me achava bonita. O fato é que o que aconteceu no hotel mexeu completamente com minha autoestima.

— Se não vai ligar para o advogado, então liga para ela — caramba, ela realmente me conhecia muito bem — Agora.

Liguei para Fernanda e, para minha sorte,

Acheron - Nacionais

ela estava no centro da cidade, que era para onde estava indo, visitar Mrs. Jones, que tinha acabado de voltar de pequenas férias na Europa.

— Vou me encontrar com ela em uma lanchonete, no caminho da casa de Agatha — disse a Ana, antes de ir para o elevador — Obrigada.

Joguei um beijo para ela e chamei o elevador.

Eu não estava muito otimista sobre esse negócio de ser modelo, mas se Fernanda conseguisse qualquer trabalho para mim, já ajudaria muito.

A última vez que vi a Fernanda, ela era morena de cabelos cacheados, agora estava loiríssima, os cabelos mais lisos do que os de uma japonesa.

Acheron - Nacionais

Lá vem a autoestima descendo de ladeira abaixo.

— Então, como funciona esse negócio de modelo?

Ela baixou o olhar e brincou com o copo de suco em cima da mesa.

— Esse negócio de modelo não é nada fácil, como algumas pessoas pensam — Ela olha para frente e me pergunto se está procurando ou esperando mais alguém — Ficar muitas vezes longe da família é difícil, mas se você for bem, o salário é muito bom.

Dessa vez, sou eu a mexer em meu copo de água.

— Bem... não sou exatamente o que essas revistas procuram.

Acheron - Nacionais

— Existem modelos de todos os tipos: de passarela, de comerciais, de revistas e... — ela se remexeu na cadeira, e parecia incomodada — Como disse, se fizer tudo direito, ganha uma boa grana.

Acho que, como ela disse, a pior parte deve ser fazer muitas viagens e ficar longe da família.

— Você faz o tipo que alguns clientes gostam. Quer dizer, com o que a agência que eu trabalho procura. Como disse, o salário é bom e pode ter a oportunidade de conhecer o mundo.

— E quanto seria o salário?

— Cerca de mil dólares, para começar — cuspi a água que tinha acabado de colocar na boca, praticamente em cima dela — Então, está

interessada?

Aquilo era mais do que o dobro do que ganhava no hotel. Contudo, minha mãe sempre dizia que, quando a esmola é demais, desconfia do santo, ou algo similar.

— Eu posso pensar?

— Sei que uma proposta como essa gera desconfiança — ela abriu sua bolsa importada e tirou um cartão de lá — Aqui tem o telefone do escritório da agência aqui no Rio. Além do site em New York. Eu vou embora em uma semana, então...

— Eu só preciso de alguns dias — dou um sorriso sem graça — É uma mudança radical.

— Eu entendo.

Fernanda ficou de pé, dando a conversa

por encerrada, passou por mim indo em direção à porta, mas retornou e se inclinou sobre minha cadeira.

— Pense bem, Fabiana — murmurou em meu ouvido — Isso pode mudar sua vida. E...

— Fernanda — saltei da cadeira quando ouvi a voz de um homem atrás de nós — Está pronta?

Ele tinha um sotaque carregado. Era gringo, eu tinha certeza.

— Claro, vamos.

Vi os dois se afastarem. Entraram em um Mercedes preto e desaparecerem no trânsito.

Bati o cartão em minha mão. Mil dólares? Com mil dólares, eu conseguiria tirar minha mãe e minha tia da favela. Nunca tive medo de trabalho

Acheron - Nacionais

pesado, então isso não seria empecilho para mim. O problema eram as coisas ruins que já ouvi sobre pessoas que iam trabalhar fora do país.

Estava entre tentada e temerosa. Precisava de alguém que me desse alguns conselhos, e sabia a quem deveria procurar.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Capítulo 11

Assim como a Ana, Mrs. Jones achou um absurdo o ocorrido no hotel e que eu deveria, sim, procurar um advogado.

— Primeiro, vamos olhar essa agência — disse ela, antes de irmos para o computador dela — Depois pensamos no caso do advogado, conheço uma ou duas pessoas confiáveis também.

Quando se é uma pessoa boa, sempre surgem outras pessoas para nos ajudar.

Agatha fez a pesquisa na internet. Tanto os escritórios aqui no Rio, como a agência de New York, existiam.

— Eu tenho uma amiga que mora em

Acheron - Nacionais

Manhattan — disse ela, abrindo seu Facebook —
Vou pedir que olhe essa agência de perto, de
qualquer forma, podemos ir nesse escritório
amanhã...

Ela bateu na testa ao se lembrar de algo.

— Amanhã não posso — disse, com pesar
— O Fábio tem um jantar com os donos do
hospital, mas depois de amanhã, com certeza.

Como a vida não é só feita de tristeza,
conversamos sobre a viagem dela, e até ganhei um
perfume importado e um vestido lindo.

Estávamos na sala tomando chá, quando
Maria, a empregada de Mrs. Jones, surgiu
abanando as mãos.

— Misericórdia, Dona Agatha — a
mulher fazia o sinal da cruz e beijava o polegar

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

várias vezes — Menina, é tragédia. Acabei de ver lá na TV da cozinha.

Agatha e eu nos olhamos. Em outra situação teríamos rido do jeito dela, Maria era conhecida por dramatizar alguns acontecimentos, era naturalmente uma pessoa engraçada, mas, nesse momento, estava verdadeiramente assustada.

— O que aconteceu, Maria? — Agatha disse em português, em um sotaque bem acentuado — O que foi?

— Vem ver — ela agarrou a mão dela — Vem você também, menina.

Seguimos para a cozinha, e nem foi preciso ouvir o que dizia o plantão do noticiário, reconheci o morro do Juarez assim que ele surgiu na tela.

Acheron - Nacionais

“A guerra entre os traficantes rivais já dura...”

Ao mesmo tempo que eu ouvia, não prestava atenção em exatamente nada. Há algum tempo, o chefe da Favela do Buraco e Betinho vinham trocando provocações. Um atacava e o outro revidava, mas o que acontecia hoje ultrapassava tudo o que eu já tinha visto.

— Tenho que ir embora! — saí do meu torpor e fui rumo à porta.

— Você não pode! — Agatha tentou segurar minha mão, mas me esquivei dela — Veja o que está acontecendo lá. É muito perigoso, nem a polícia se atreve a entrar.

— Preciso ver minha mãe — disse a ela — Tenho que ir. Eu sei me virar ali.

Ouvi os protestos, mas não dei importância a eles. Eu tinha que voltar para casa e ficar com minha mãe, que com toda certeza está assustada e precisando de mim.

Assim como alertei a Agatha, eu sabia por onde andar no Juarez. Fugi da entrada principal da favela e entrei em um beco que ficava em uma área pouco usada pelos moradores. Era a parte mais suja e abandonada que tinha ali. Com barracos abandonados, cobertos de lixo e onde os viciados se recolhiam para uso de drogas. Só estive ali uma única vez, à procura do Lucas. Não era um lugar agradável de se ver.

Cada vez que me aproximava mais do campo de guerra, meu coração se comprimia um pouco mais. As casas estavam fechadas, as poucas

peessoas nas ruas tentavam encontrar abrigo, e os homens de Betinho, com artilharia pesada, corriam de um lugar a outro.

Eu me esgueirava de uma casa a outra, agachando e tentando fugir do fogo cruzado, rezando para que nenhuma bala perdida me atingisse.

— O que você está fazendo aqui? — Um garoto, com uma camisa amarrada no rosto, pulou do telhado da casa onde me protegia e apontou a arma para mim.

— Tentando chegar em casa — minha voz tremia ao dizer — Moro na saída que dá para a avenida, mas por lá não dá para entrar.

Aquela história de que todo mundo no morro se conhece não era bem verdade. O Juarez

era enorme e dividido em setores. Aquele garoto poderia não me conhecer, e ele, estando com o rosto coberto, também não poderia dizer se sabia quem ele era ou se já o tinha visto circular perto de casa alguma vez.

— Tu é burra, garota?! — ele balançou a arma, me fazendo escolher — Deveria ter ficado lá fora.

O som de balas e gritos de guerra ficaram mais altos, próximos a nós, nos fazendo saltar no lugar.

— Rala daqui, garota! — ele indicou a rua — Rala!

Não sabia se ele queria me ajudar ao me enviar em meio ao fogo cruzado, ou se queria se divertir me vendo ser fuzilada. Seja qual for a

opção, eu não tinha escolha.

Eu tinha um único objetivo: chegar viva em casa. E só quando cruzei porta adentro permiti que o pânico se manifestasse. Queria me encolher em qualquer canto e chorar, mas então me lembrei do motivo que me fez voltar para casa. Corri para o quarto em busca da minha mãe, mas a cama estava vazia. Só então me dei conta de que tia Cícera provavelmente a tinha levado para a casa dela assim que os tiroteios iniciaram.

Minhas pernas fraquejaram ao pensar que teria que enfrentar aquele inferno mais uma vez. Mas foi o barulho na porta que me fez movimentar. Por instinto, corri para debaixo da cama.

— Já te passei a fita, ela não está aqui não — ouvi a voz, junto com os passos se

Acheron - Nacionais

aproximando do quarto — A tia dela disse que foi para a cidade, ainda deve tá lá fora.

Encolhida debaixo da cama, só conseguia enxergar os pés de quem entrou em minha casa. Vi um deles se aproximar, parando do lado onde eu estava.

— Se está, vai ter que voltar — ouvi a voz do Caveira e levei minhas mãos aos lábios antes que o susto me fizesse gritar, denunciando onde eu estava.

— Hoje o Betinho cai, o morro vai ser seu — disse um terceiro homem ao entrar no quarto — Vai ter qualquer mina da favela atrás de você, esquece essa mina, Caveira.

Ouvi o som que só poderia ser de tapa, e vi o cara oscilar os pés, ao cambalear para trás.

Acheron - Nacionais

— Essa mina vai ser minha mulher! — disse ele, com tanta convicção que gelei — As outras não me importam. Agora, vamos cuidar do meu irmão. O reinado dele acabou.

Pressionei mais a mão contra minha boca e contive um soluço. Aguardei mais alguns minutos depois que eles saíram para sair de baixo da cama.

Puxei o ar. Sentia como se estivesse me afogando no mar. Ou que todo o ar do quarto tivesse desaparecido.

Betinho seria traído pelo próprio irmão. Betinho era o único que conseguia manter o Caveira longe de mim.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Capítulo 12

Meu corpo balançava, e só me dei conta que alguém sacudia meu ombro quando abri meus olhos. Ainda estava em meu quarto, e minha mãe ressoava ao meu lado. O dia começava a clarear lá fora, havia um estranho e absoluto silêncio.

Aparentemente, a guerra entre os traficantes tinha acabado ou eles tinham dado uma trégua.

— Tudo bem, filha? — perguntou minha tia quando a olhei.

Ela me ajudou a sentar na cama, e fez um sinal para que ela me acompanhasse para fora do quarto.

— Eu não as vi chegar — disse, quando entramos na cozinha — Obrigada por ter tomado conta da mamãe.

Quando me inclinei para pegar o bule de café, observei alguns buracos de bala, próximos à pia, que não estavam ali antes.

— Tem apenas alguns minutos que chegamos — disse tia Cícera, ocupando uma cadeira vazia — Pensei que ia ficar na casa daquela dona, ontem.

— Agatha tentou me convencer a passar a noite por lá — virei para ela, dando um sorriso fraco — Fiquei preocupada. Meu lugar é aqui, com vocês.

— Definitivamente seu lugar não é aqui, minha querida — ela me olhou com pesar —

Acheron - Nacionais

Ainda mais agora que...

Qualquer pessoa que me conhecia sabia da minha “*história*” com o Caveira. Minha tia não era diferente. Assim como eu, também se preocupava com o que poderia acontecer comigo se ele tomasse o morro, como tinha jurado na noite anterior.

— Ele conseguiu, não é?

Tia Cícera abaixou o olhar, e quando voltou a erguê-lo, seus olhos estavam cobertos de lágrimas.

— Acabei de saber por Maria — disse ela, fungando — O filho dela...

Era um dos soldados do Caveira.

— Estão planejando uma grande festa no morro amanhã, para comemorar — ela continuou,

Acheron - Nacionais

e me virei para a água fervente, enquanto tentava manter a calma.

— Uma festa? — indaguei, indignada — O irmão está morto e o Caveira quer dar uma festa?

— Ele entregou a cabeça do próprio irmão ao rival — murmurou tia Cícera — Acha mesmo que está se importando com o luto?

— Com certeza, não — respondi e servi café para nós duas — Ao menos terá um funeral?

— Essa manhã. Acho melhor você não ir.

Eu tinha boas lembranças do Betinho na infância, mas ele tinha se transformado em outra pessoa.

— Não irei. Não quero encontrar o Caveira.

— Filha, agora vai ter um monte de garotas querendo ganhar a atenção dele — disse ela, sem muita convicção na voz — O Caveira nem vai se lembrar de você.

Aquilo era algo que eu duvidada, principalmente pelo que o Caveira tinha dito nessa mesma casa na noite passada. Cedo ou tarde, ele viria atrás de mim. Eu era uma obsessão para ele. Caveira queria aquilo que nunca poderia ter, e isso o impulsionava. Tornei-me um desafio para ele, pois eu preferia morrer a me entregar a ele.

— Talvez — respondi, começando a passar o café — a senhora pode ter razão.

Enquanto minha tia falava dos terrores acontecidos no dia anterior, eu pensava em Fernanda e na proposta que tinha feito a mim.

Acheron - Nacionais

Agatha não poderia ir ao escritório da agência comigo hoje, devido a compromissos de trabalho do marido dela, mas nada me impedia de ir até lá.

— As coisas por aqui ficarão diferentes...

— disse minha tia, sem concluir sua reflexão.

Compreendia bem o que ela dizia. Betinho era traficante, bandido, um criminoso, ou qualquer nomenclatura que desejasse usar, mas tinha um senso de honra em relação aos demais moradores da comunidade. Ele respeitava e protegia as pessoas honestas. O Caveira era um criminoso guiado por suas próprias leis e requintes de crueldade.

— Posso pedir outro favor? — disse, ao entregar a xícara de café — Preciso ir outra vez ao centro da cidade.

Acheron - Nacionais

— Só tenha cuidado — aconselhou, preocupa — Não acho bom que agora fique andando por aí sozinha.

Como se andar acompanhada fosse fazer alguma diferença, refleti.

O que poderia dizer? Eu também não me sentia segura, mas se havia uma possibilidade de nos tirar dali, era exatamente isso que iria fazer.

O escritório da agência era exatamente como tinha imaginado. Elegante e muito bonito. Havia quadros nas paredes com fotos de lindas garotas em capas de revistas.

Não foi a Fernanda que me recebeu, mas um homem chamado Victor. Ele me mostrou alguns catálogos de jovens que estavam fazendo sucesso

no exterior.

A pior notícia, e a que me mantinha ainda receosa sobre o trabalho, era que, devido às inúmeras viagens que provavelmente faria, não poderia levar minha mãe e minha tia comigo, pelo menos no início.

— Preciso que tire algumas fotos para enviar à agência — disse Victor — Apenas para eles verificarem para qual tipo de trabalho você é mais indicada.

O acompanhei até o estúdio que tinha ali. Havia mais três garotas esperando para tirar as fotos, todas elas muito empolgadas. O que me fazia refletir se eu não estava desdenhando demais a grande oportunidade que caiu em meu colo, no momento que eu mais precisava. Era natural que eu

tivesse medo, mas não podia ser dominada por ele.

O fotógrafo me deixou à vontade e apenas tirou fotos minhas com um fundo branco atrás de mim.

— O quanto mais natural, melhor — explicou Victor, ao me guiar de volta para a sala dele — Nós já temos um grupo que irá na próxima semana, então precisamos que decida logo.

— Mas já? — indaguei, surpresa — Pensei que haveria um tempo por causa da documentação, passaporte, essas coisas...

— Podemos requisitar o passaporte de emergência a trabalho — explicou ele — A agência sempre solicita em caso especiais, como o seu.

Eu não sabia como essas coisas

funcionavam, nunca tinha saído do Rio de Janeiro e nunca sonhei em ir para qualquer outro lugar, principalmente fora do país.

É tudo tão maravilhoso e ao mesmo tempo tão irreal para mim. Tudo o que tive foi um amontoado de tristeza e uma infinidade de problemas. Essa seria a forma de a vida tentar me compensar de alguma maneira?

— Posso dar a resposta depois de amanhã?

— Claro. De qualquer forma, preencha esse formulário e deixe cópias dos seus documentos pessoais — disse Victor, entregando uma pasta — Para agilizar a emissão do passaporte e visto, caso decida que aceitará o trabalho.

Levei quase meia hora respondendo todas as perguntas e entreguei à secretária antes de sair.

No caminho de volta para casa, conversei com Agatha por telefone. Ela me disse que a amiga tinha respondido a ela que a agência em New York era segura.

Eu tinha uma grande oportunidade em minhas mãos, então por que estava tão receosa?

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Capítulo 13

— Eu acho que o que a impede é o fato de ficar longe da família e dos amigos por um tempo — disse Ana, enquanto caminhava pelo quarto, verificando o que ia colocar na sua mala — Você nunca saiu daqui e nem ficou tanto tempo longe da sua mãe.

— Talvez você tenha razão — suspirei e comecei a dobrar as roupas que ela colocou sobre a cama — Eu queria ser assim como você. Veja só, indo morar com o namorado.

Ana virou para mim e me olhou com o semblante triste.

— Bom, eu não tenho muita escolha — ela

Acheron - Nacionais

sentou na cama, abraçando o ursinho de pelúcia em seu colo — É tão injusto sair daqui como uma criminosa, quando não fiz nada.

Segurei a mão dela, tentando passar conforto.

— Se não quer ir, eu posso tentar falar com o...

— Não. Nem pense nisso — ela se levantou e torceu as mãos, angustiada — Você tem que ficar longe dele. Eu sempre enfrentei o Caveira, e ele não vai deixar isso quieto, ainda mais...

Ana parou de falar subitamente e voltou a suas maquiagens na escrivaninha. Pulei da cama e fui em direção a ela.

— Ainda mais depois do quê — puxei-a,

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

fazendo-a me encarar outra vez — O que você fez, Ana?

O queixo dela tremeu, e vi seus olhos encherem de lágrimas.

— Aquele dia que você foi ao hospital — ela baixou os olhos e senti meu sangue gelar — Eu esbarrei com ele. Nós discutimos feio...

— Ana! — protestei, angustiada.

— Ele me provocou — defendeu-se ela — Eu sempre o odiei pelo que faz a você e sempre vou odiar. Por isso, eu disse que para você ficar com ele só eu estando morta.

Voltei para a cama, sentia todo o meu corpo tremer. Ana sempre foi protetora em relação a mim. Eu era como sua irmã mais nova.

— Não deveria ter feito isso — minha voz

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

mal passou de um sussurro — Acho melhor realmente você ir embora.

— Não quis causar mais problemas a você — dessa vez, foi ela a segurar minha mão fria — Mas Fabiana...

Sequei uma lágrima escorrendo em meu rosto e virei para encará-la.

— Você tem que ir embora.

— Mas, e a minha mãe?

— Sua tia está aqui para cuidar dela. Também tem os meus pais e... — Ana passou a mão em meus cabelos e sorriu docemente — Eu a conheço bem. Sei o quanto é esforçada, fará muito sucesso como modelo. Em menos de um mês estará levando as duas com você, longe de toda essa merda.

Acheron - Nacionais

E olhando intensamente em meus olhos, falou com um misto de convicção e súplica:

— Fabi, ele nunca deixará você em paz — disse ela — Pense bem.

— Vou pensar.

A verdade é que eu meio que já tinha tomado uma decisão.

Ajudei Ana a descer com suas malas. Ainda ficaram os livros da faculdade, que ela viria buscar no dia seguinte. Foi triste ver Dona Leda se despedir dela. Não é que ela fosse para outro país como talvez eu fizesse, mas as duas sempre foram muito unidas.

Assim que voltei para casa, contei à minha mãe e à minha tia sobre a oportunidade de emprego. As duas ficaram muito empolgadas.

Minha mãe, na verdade, ficou aliviada. Tudo o que ela queria era me ver longe da favela e principalmente do Caveira.

Pelas duas, eu já começaria a fazer minhas malas. Minha tia insistiu que as duas ficariam bem, e eu disse a elas que refletiria mais um pouco.

Estava começando a colocar a mesa para o jantar, quando a porta foi aberta em um estrondo. O copo que segurava deslizou de minhas mãos e espatifou no chão quando encarei quem entrava.

— E aí, minha princesa! — Caveira entrou, seguido de seus soldados. Eles carregavam metralhadoras nas mãos como se aquilo fosse completamente natural — Vim te buscar para a festa.

Ajoelhei para recolher os cacos de vidro, enquanto tentava obrigar minha mente a pensar.

— Agradeço o convite, mas não posso aceitar — caminhei até a lixeira e depois lavei minhas mãos na pia para tirar os caquinhos de vidro grudados em minha pele.

O som da torneira se sobressaiu ao som dos passos de Caveira em minha direção, e só me dei conta dele junto a mim quando agarrou meus braços, puxando-me para ele.

— Não é um convite, querida.

Ouvi seus soldados rirem. Os idiotas achavam divertido a forma ríspida como o chefe deles me tratava.

— Eu adoraria ir — menti; era a única arma que tinha nesse momento. Provocar a ira do

Acheron - Nacionais

Caveira não seria uma atitude muito inteligente — Você sabe que minha mãe tem problema no coração, e ela ficou muito triste por causa de Betinho.

Caveira recuou, e fiquei aliviada de que minha justificativa pudesse funcionar com ele.

— Ele sempre foi o preferido dela — resmungou ele.

Sinceramente, não. Talvez na infância, quando éramos apenas crianças inocentes, minha mãe tenha gostado dos dois.

— Tudo bem — disse ele, voltando a se afastar — Vou ficar bem ocupado hoje e não quero nenhum mané olhando para você. Mas depois a gente troca umas ideias e resolve nosso lance.

— Boa festa — sorri.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Assim que eles saíram pela porta, desabei contra a cadeira, apoiando minha cabeça na mesa.

Saltei no lugar quando senti meu celular vibrar.

“Vi que o Caveira estava indo em direção à sua casa, vc está bem?”

Era uma mensagem da Ana.

“Estou sim, ele já foi embora :/”

Aguardei mais alguns segundos antes de receber outra mensagem dela.

“Já peguei minhas coisas, estou indo para o apê do Paulo. Eu ia te ver + preferi evitar. T ligo depois.”

“Bjos e cuidado.”

Voltei a cuidar do jantar, refletindo sobre a invasão de Caveira à minha casa e o que tinha

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

conversado com Ana no dia anterior.

“Ele nunca deixará você em paz,” a voz de Ana ecoou em minha cabeça, fazendo-me pensar em minhas decisões.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Capítulo 14

Praticamente não preguei o olho durante a noite. Os fogos de artifício, os barulhos irritantes dos escapamentos das motos passando pela viela e o som dos tiros ecoando no ar sempre me faziam acordar, assustada. Sem contar o medo que tive de o Caveira surgir em minha casa a qualquer momento.

Eu tinha que dar uma resposta para o Victor hoje, e queria tirar mais algumas dúvidas com ele antes da decisão final, então agendei uma entrevista para às nove da manhã.

Tinha acabado de sair do banho, quando ouvi barulhos vindo da cozinha. Sabia que era

minha tia preparando o café, então me apressei a ficar pronta.

— Tome café antes de sair — disse ela quando surgi na porta — Hoje o morro amanheceu fervendo.

Servi um copo de café e passei manteiga em metade do pão.

— Imagino. Foi uma noite bem agitada.

— Ah, não é só isso, não — ela molhou um pedaço de pão em seu café antes de dizer: — Quando estava vindo para cá, Maria disse que teve desova, e parece que tem um corpo de uma moça lá na viela, a caminho do córrego que dá para a avenida. Não tive coragem de ir ver.

Larguei meu café em cima da mesa. Teria que passar por ali quando fosse ao centro da

cidade. Definitivamente, me deparar com um corpo jogado na viela não era a imagem que queria guardar em meu dia.

— Sabe por que foi?

— Coisa do Caveira — disse ela, balançando o ombro — Não quis saber os detalhes. Você sabe, quanto menos perguntar, melhor.

Era quase uma regra ali. Fingir não ver e escutar nada. Dedo-duro tinha vida curta. Com o tempo, a gente passa a se acostumar.

— Eu já vou indo — dei um beijo rápido na cabeça dela e saí antes que implicasse de eu ter saído sem terminar o café.

Enquanto caminhava, via as vizinhas conversando na calçada. Algumas delas olharam

para mim, mas apenas acenei rapidamente, sem parar. Com toda certeza iam querer falar do boato que já deve ter se espalhado pela comunidade.

Sentia pena da jovem, principalmente da família dela, que sofreria com a perda repentina. Não importava que tivesse seguido caminhos tortos ao se envolver com alguém como Caveira, eu bem sabia que nem sempre era uma questão de escolha.

O movimento na viela era considerável por ser bem cedo ainda. Minha meta era passar o mais rápido possível e nem olhar para o corpo jogado entre os escombros. Caminhei de cabeça baixa para nenhum conhecido me notar a fim de puxar assunto.

Estava passando entre as pessoas, quando

Acheron - Nacionais

um grito me fez paralisar.

— Não! Minha filha! Meu Deus, minha filha!

Meu cérebro ordenava para continuar andando, mas estava simplesmente congelada no lugar. O meu coração parecia também que tinha parado de bater no meu peito. Tudo ao redor de mim parecia rodar.

— Meu Deus, por quê? — o lamento angustiado foi infiltrado em meu coração — Minha filha!

“Ana... Ana...Ana”

Não!

Só me dei conta que o grito tinha saído da minha garganta quando as pessoas começaram a se afastar de mim.

Acheron - Nacionais

— Não! — o lamento saiu dolorido do meu peito quando avistei Dona Leda, caída no chão, abraçando o corpo imóvel de sua filha — Não, não, não!

Corri até onde elas estavam. Dona Leda abraçando a filha, a camisola que ainda usava sendo manchada de sangue, enquanto a abraçava e balançava forte.

— Minha filhinha... — ela repetia, dizendo: — Meu bebê...

A dor que eu sentia não podia ser comparada a da mãe de Ana, mas estava muito próxima. Balançava meu corpo da mesma forma que dona Leda balançava o corpo da filha, sem vida.

Para frente e para trás.

Uma ferida gigantesca ia se abrindo em meu peito e perdia, pouco a pouco, a capacidade de respirar.

“Por quê? Por quê? Por quê?”

Dona Leda repetia, e a mesma pergunta insistia em pulsar em minha cabeça.

Por quê?

Ver minha amiga, sempre tão alto astral e cheia de vida, jogada em uma viela suja, como se não fosse ninguém...

Ana nunca tinha feito nada de errado. Era uma boa filha e a melhor amiga que eu poderia sonhar em ter. Uma garota cheia de sonhos, batalhadora e que via felicidade em coisas simples da vida.

A nossa pobre garotinha tinha sido

arrancada de nós.

Eu tinha sofrido muito quando Lucas morreu, era meu irmão, não tinha como ser diferente, mas agora... agora, eu sentia como se parte da minha alma tivesse sido arrancada.

“*Ana!*” Segurei a mão fria contra meu rosto em lágrimas. Olhei para o céu e emití toda a dor que fazia meu coração sangrar.

Minha melhor amiga. Minha irmã, minha confidente. A segunda pessoa que eu mais amava no mundo, tinha sido arrancada dos meus braços.

Eu não sabia se era capaz de suportar tanta dor ou viver em um mundo sem ela.

Parte 2

Estados Unidos

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Capítulo 15

Os últimos dias tinham passado como um borrão à minha frente. Consigo me lembrar com clareza o momento que encontrei Ana naquela viela, os momentos que passei ao lado dela no velório, a hora em que o caixão foi fechado e colocado na vala escura, a terra caindo sobre ele.

Mas não consigo me lembrar do sermão dado pelo pastor, tampouco das músicas cantadas durante o percurso até o cemitério. Eu não me lembro se fui eu quem entrou em contato com o Victor depois do enterro, ou muito menos quem fez minhas malas dois dias depois. Eu não me lembro com clareza das mais de doze horas de viagem do

Acheron - Nacionais

Rio de Janeiro até New York. No entanto, todas essas coisas aconteceram.

Sempre que fecho os olhos me lembro da terra sendo jogada sobre o caixão, a terra o cobrindo e afastando para sempre minha amiga de mim.

— Está tudo bem? — indagou Victor, colocando a mão em minhas costas, me empurrando para frente em direção à rampa onde sairia nossas malas no aeroporto.

Assenti com a cabeça e o segui em silêncio. Victor trocou algumas palavras com um motorista que nos aguardava na saída do aeroporto e fomos levados a um hotel. Não era tão opulento como o In Rio, mas tinha certo charme e conforto.

— Descanse um pouco — disse Victor, ao

Acheron - Nacionais

colocar minha mala no chão — Amanhã virei buscá-la para os exames médicos.

Devido a tudo que aconteceu comigo no Brasil e o fato de ter adiado minha viagem por alguns dias, os exames admissionais que deveria ter feito seriam realizados em New York.

Deixei minha mala exatamente onde Victor a colocou e segui para o único lugar que me interessava — a cama.

Tive sorte que o Caveira estivera tão ocupado, tentando se firmar como o novo rei do morro, que não tinha se preocupado comigo. Literalmente, eu tinha saído da favela fugida, como uma criminosa, na calada da noite. Como Ana tentara fazer, sem sucesso.

“Você precisa encontrar forças para

continuar seguindo em frente.”

Recordei as palavras de minha mãe. Era tão fácil dizer. Acho que nunca ficaria bem novamente. O remorso, a culpa, a dor me trituravam por dentro. Principalmente a culpa. Tinha sido por minha culpa, por tentar me defender do Caveira a minha vida toda, que Ana tinha morrido. Eu me liberei dele, mas minha amiga perdera a vida. Eu não conseguia pensar diferente.

Depois dos exames de sangue e urina, fui enviada ao ginecologista. Não entendi muito bem essa exigência no exame, mas Victor informou que a agência queria ter certeza que estava tudo bem comigo. Fazia sentido, então não pensei muito no

assunto.

Entre o hotel e a clínica, só vi New York através da janela do carro, e, confesso, não estive muito interessada.

De acordo com minha tia, eu estava em processo de luto e que logo essa tristeza iria embora. Eu não conseguia acreditar que a ferida em meu peito, algum dia, iria cicatrizar.

— Você está pronta? — indagou Victor, quando abri a porta do quarto do hotel.

— Estou — forcei um sorriso — Também gostaria de agradecer por tudo o que fez.

Ele tinha cuidado de tudo: meus documentos, o carro que levou minha mãe e minha tia comigo até o aeroporto, cuidou dos check-in e reservas, enquanto tudo o que fiz foi me deixar

arrastar de um lugar ao outro.

— Para onde estamos indo mesmo?

— Para a Casa das Rosas — disse ele, chamando o elevador.

Ele tinha citado algo como uma república, onde as modelos ficavam até conseguirem sua própria residência. Eu me esforçaria para que isso acontecesse logo e principalmente para trazer minha família comigo. Só agora me dava conta de que não era seguro para minha mãe e minha tia continuarem na favela.

Não sabia o que o Caveira poderia fazer contra elas em retaliação. Mais uma vez, me senti egoísta.

— Será que posso ligar para minha mãe?

Eu só tinha falado com minha mãe por

telefone quando chegamos ao aeroporto, para certificá-la de que estava bem.

Saímos do elevador e fomos em direção à recepção. Victor entregou as chaves para o atendente. Quando saímos, o motorista que nos acompanhava desde o aeroporto nos esperava de portas abertas.

— Acho que seria melhor esperar até chegarmos lá e você tenha se estabelecido — disse ele, antes de entrar no carro e pegar seu telefone — Klaus? *Ich bin mit dem paket.*^{[li](#)}

Não podia ter cem por cento de certeza, mas pelo pouco contato que tive com os hóspedes, quando trabalhei no hotel, achava que ele estava falando em alemão.

Deixei que Victor conversasse em paz e

Acheron - Nacionais

me concentrei nas ruas apinhadas de prédios passando por nós, e em seguida mergulhei em meus pensamentos.

Depois de algumas horas rodando de carro, saímos do centro da cidade e chegamos a um caminho cercado de arvoredos. Fiquei intrigada por termos nos afastado tanto da cidade assim. Mas talvez a agência buscasse paz e privacidade para suas modelos.

Mal terminei minhas conjecturas e paramos em frente a um enorme portão de ferro. Dois homens, vestindo roupas escuras, vieram até o carro e trocaram algumas palavras com o motorista. Eles digitaram alguma coisa em um painel, que acreditava ser o código de segurança, e os portões foram abertos.

Ao fundo, eu vi surgir uma casa branca enorme, do tipo que eu só tinha visto antes em filmes. Notei que alguns homens, também vestidos de preto, circulavam ao redor da casa.

Antes que pudesse comentar essa curiosidade com Victor, o carro parou e ele desceu. O segui até o porta-malas, de onde ele retirou a minha mala de dentro.

— Bem-vinda ao lar, Rosa — dito-me isso, Victor rumou em direção à casa.

Eu estava entre confusa e impressionada com o lugar. E por que ele tinha me chamado de Rosa?

Lembrei que era assim como eles chamavam aquela mansão. Provavelmente, Victor estava tentando me deixar à vontade.

— Klaus?

Parei atrás dele e vi quando um homem loiro, musculoso e muito alto apareceu. Assim como os demais seguranças, ele usava roupa preta, só que a dele era um terno muito elegante.

O homem tinha um rosto quadrado e marcante, sua descendência ou nacionalidade alemã era evidente.

— *Meine arbeit ist vorbei*^[in] — Victor disse ao homem e entregou a mala — Bem-vinda ao lar.

Fiquei petrificada na porta, olhando-o se afastar e entrar no carro outra vez. O homem que ele chamou de Klaus se afastou para o lado e fez um gesto de cabeça para que eu entrasse.

Dei dois passos, recuando. Fosse instinto

ou sexto sentido, alguma coisa me dizia que assim que eu cruzasse aquela porta, não haveria retorno para mim.

— Entre! — disse o homem, agora agarrando meu braço — Fala inglês?

Gesticulei a cabeça, dizendo que sim, enquanto ele me arrastava para dentro.

A casa, assim como por fora, era bonita e elegante. Cortinas escuras cobriam as janelas, mas um grande lustre pendia do teto, deixando a sala bem iluminada.

Olhei em torno da sala e fui analisando cada garota que foi surgindo em meu campo de visão. Moças bonitas, mas vestidas de forma inadequada. Todas elas vestiam camisolas e roupões transparentes.

Era natural que mulheres ficassem à vontade umas com as outras, mas naquele ambiente era completamente inadequado. Havia vários homens lá fora e alguns também dentro da casa.

— Samira — Klaus jogou minha mala aos pés de uma jovem com traços árabes que se aproximava de nós — Mostre a ela suas acomodações.

Eu não queria estar perto de Klaus, mas recuei em direção a ele. Enquanto as jovens me encaravam com curiosidade, eu tentava entender toda essa situação.

— Eu não entendo — olhei para ele, confusa — Quero falar com o Victor.

— Victor já terminou o trabalho dele — Klaus me empurrou em direção à mulher, que se

não tivesse reflexo suficiente para me amparar, certamente eu teria me estatelado no chão — Agora vá.

— Mas, e a Fernanda? — virei em direção a ele, mas a jovem me manteve presa junto a ela — Está havendo um engano...

Estava tão nervosa que não saberia dizer se meu inglês estava compreensível.

— Fique calma e venha comigo — Samira sussurrou em meu ouvido — Posso explicar tudo a você.

Klaus olhou para um dos seguranças, que retirou um revólver da cintura e manipulou como se fosse um brinquedo. Ele sorriu para mim, um aviso mudo para que eu não causasse problemas.

Deixei que a jovem me guiasse por um

corredor até pararmos em frente a uma porta. Ela entrou, mas me mantive parada no lugar. Minha cabeça era um amontoado de suposições aterrorizantes.

— Entra... — a jovem pediu. Ela tinha um sotaque carregado, comprovando que não era cidadã estadunidense — Por favor.

Virei a tempo de ver que o homem que tentou me assustar com a arma nos seguiu até ali. Não era o fato de ele estar armado que me alarmava, via homens carregando armas na favela o tempo todo. O que me intimidava era toda a situação em si.

— Você foi vendida? — perguntou a garota, me puxando para dentro do quarto — Foi vendida?

O que essa garota dizia não fazia o menor sentido para mim.

Ela se apoiou na porta e me olhou com pesar.

— Eu fui vendida — seus olhos focaram no chão — Pelo meu tio. Você foi vendida também?

— Não sei o que você está dizendo — murmurei, com a voz trêmula, afastando-me dela — Isso é um engano. Um grande engano. Estou aqui a trabalho. Ouviu bem? A trabalho, em uma grande agência de moda.

— Vendida — ela tornou a repetir, e foi aí que o desespero caiu sobre mim.

— Não sou! — avancei sobre ela, sacudindo seus ombros contra a porta fechada —

Não sou isso.

Aquilo não era verdade. Fernanda tinha me explicado tudo, eu tinha ido até o escritório no Rio de Janeiro e Agatha tinha confirmado que a agência realmente existia. Agatha jamais teria mentido para mim.

Estavam cometendo um engano, só precisava encontrar Victor e Fernanda e esclarecer as coisas.

— Sinto muito — repetia a jovem, olhando assustada para mim.

Percebi que não era com ela que eu deveria estar furiosa, e a afastei da porta. Fui rápida o suficiente para passar pela segurança na porta antes que conseguisse me deter.

Pouco me importava com as minhas

roupas ou documentos na mala, apenas queria sair dali.

— *Hölle* — berrou Klaus — Segurem-na!

A jovem que estivera sentada em seu colo, no sofá, foi arremessada para longe. Aos olhos de todos atônitos na sala, consegui alcançar a porta, mas antes que virasse a maçaneta, braços circularam minha cintura, levantando-me do chão.

— Me solte! — Arranhei e bati nos braços em volta de mim — Socorro!

Sacudi minhas pernas, tentando acertá-lo de alguma forma. Quanto mais eu tentava fugir, mais o homem me prendia contra ele. Outro segurança se aproximou para ajudar a me conter. Consegui morder o braço dele, que me deu um tapa no rosto em resposta.

Senti meus cabelos serem agarrados e meu rosto puxado para cima.

Os olhos claros e frios de Klaus encontraram os meus.

— Ouça bem, garota — ele agarrou o meu queixo, apertando firme entre os dedos, obrigando-me a encará-lo — Não é como modelo que você irá trabalhar aqui. Certamente foi o que disseram a você, é o que sempre dizem. Seu trabalho será dando diversão e prazer aos nossos clientes.

Que tola eu havia sido. Larguei meu país, minha mãe e amigos na esperança de fugir de Caveira e tinha conseguido um destino tão cruel quanto ser amante de um traficante.

— Você é propriedade nossa, agora. Quanto mais cedo aceitar isso, melhor para você.

Consegue entender isso?

Assim que eu cruzei aquela porta, compreendi que o que esperava por mim era algo terrível. Mas só estando morta eu faria o que eles queriam. Então, de repente, a dor que ainda carregava no peito pela morte de Ana uniu-se com a raiva e a revolta crescendo dentro de mim.

— Você entendeu? — Klaus voltou a apertar meu queixo com força.

Em resposta, cuspi em seu rosto, recebendo outro tapa em seguida. Que eles me espancassem até morrer, mas jamais faria o que esperavam de mim.

— Apaguem ela — ouvi-o dizer antes de sentir uma forte batida na cabeça.

“Desculpe, mamãe”, foi meu último

Acheron - Nacionais

pensamento antes de a escuridão me abater.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Capítulo 16

— Acorda!

Senti mãos grotescas sacudirem meu ombro. A dor em minha cabeça era latente, e foi o que me impediu de responder ao gesto rude. Comecei a abrir os olhos e reconheci o quarto que tinha tentando fugir o... Não faço a mínima ideia de quando aquilo tinha acontecido.

Quanto tempo permaneci desacordada?

— Tome banho e vista isso — Klaus jogou um robe de seda, branco perolado, em minha direção — Samira irá ajudar você.

Ao meu lado e com uma postura servil, estava a mesma jovem que em poucas palavras

tinha confirmado meu pior pesadelo. Eu tinha sido enganada e estava em uma casa de prostituição.

— Não! — joguei o robe aos pés dele — Não.

Klaus abaixou, pegou o robe e entregou a Samira. Quando seu olhar retornou a mim, seus olhos azuis estavam duros e frios.

— Samira irá te convencer — disse ele, seguindo em direção à porta, abrindo-a em seguida — Caso contrário, Shane o fará.

O capanga que tinha me impedido de fugir surgiu no corredor com sua arma e um sorriso debochado. Depois que Klaus saiu, esperei alguns segundos para correr até a porta e encontrá-la trancada.

Bati, chutei, gritei e esperneeiei, mesmo

sabendo que era inútil. Ninguém ali iria me ajudar. As mulheres eram tão prisioneiras e indefesas como eu, e os homens, aqueles miseráveis, eram pagos para fazer aquele trabalho imundo.

— Não *lutar* — ouvi a voz de Samira atrás de mim — *Luta* é pior. Drogam você, prende e deixa com fome. Às vezes, bate.

O inglês dela era bem ruim, mas eu conseguia entender. O que ela me contava deixava-me aterrorizada. Senti como se uma lâmina afiada fizesse fissuras em meu peito. Cambaleei até a cama, sendo dominada pelo desespero, e lágrimas abundantes escorrendo pelo meu rosto.

— Não posso fazer isso — meu choro ficou mais profundo quando Samira me abraçou com delicadeza — Eu não consigo.

— Ninguém pode. Ninguém quer —
murmurou ela, tão baixinho que mal consegui ouvir
— *Ficar, tem fazer.*

Então, eu preferia morrer. Ao mesmo tempo que esse pensamento me veio à cabeça, lembrei de minha mãe e minha tia. E como estavam animadas e felizes por mim. Eu tinha desapontado as duas.

Como pude ser tão idiota? Eu pressentia que algo estava errado. Por que não segui meus instintos quando me alertaram a ficar no Brasil?

Não sei por quanto tempo permaneci chorando nos braços de Samira, mas quando ela me conduziu até o banheiro, não protestei. Ela não representava perigo para mim, o meu inimigo estava do outro lado do quarto. Além disso,

precisava de todas as minhas energias para pensar em um plano de fuga.

— Está bonita — disse Samira, depois de colocar batom em meus lábios.

Eu tinha ficado ali, deixado que me vestisse, maquiasse, arrumasse meus cabelos. Completamente inerte, buscando desesperadamente pensar em alguma forma de escapar, enquanto meu destino trágico se aproximava mais e mais.

— Obrigada — ela sorriu timidamente.

Encarei o sorriso triste e percebi que minha colaboração impediria que ela recebesse represálias, e minha revolta apenas aumentou. Tinha que me livrar desse problema sem colocar a segurança física de nenhuma daquelas garotas em

risco.

Pensava em como iria pedir desculpas por ter sido tão agressiva com ela no início, quando a porta foi aberta abruptamente e a figura repugnante de Klaus apareceu à porta.

— Vejo que Samira a convenceu, no final das contas — disse ele, olhando ora para mim, ora para a jovem encolhida ao meu lado.

Minha única vontade era avançar sobre ele e arranhar aquela cara nojenta, mas eu não podia gastar minhas energias ainda.

— Vamos! — ordenou Klaus, saindo do quarto.

Os meus pés permaneceram como chumbos no chão. Não estava sendo rebelde, eu simplesmente era incapaz de me movimentar.

Shane, o capataz designado para ficar de vigia na porta do quarto, entrou e apontou a arma em minha direção.

— Vá — Samira empurrou minhas costas com delicadeza, me impulsionando para frente.

As mãos de Samira foram substituídas pelo cano do revólver de Shane. Ele pressionava o metal gelado contra as minhas costas, e eu dava passos curtos para frente.

Seguimos pelo longo corredor. Algumas portas foram abertas e vi jovens surgindo na fresta. Certamente, eu era o novo assunto da casa naquela semana. O cordeiro a ser abatido.

Não queria chorar ou mostrar fraqueza, mas meus sentimentos eram simplesmente incontroláveis. A cada passo que eu dava, secava

uma lágrima teimosa deslizando em meu rosto.

Chegamos à sala e fomos em direção ao andar superior. Usei o corrimão para me sustentar enquanto Shane continuava a me empurrar, agora sem paciência.

Havia duas alas dividindo o segundo andar, fomos em direção ao lado norte. Passamos por dois aposentos e paramos no terceiro.

Klaus novamente surgiu à porta e deu passagem para que entrássemos.

O quarto era todo branco, desde o carpete às cortinas cobrindo as janelas. As poltronas e cama dossel também eram brancas.

— Rosa branca — disse Klaus atrás de mim. Ele me empurrou para frente e caí sobre a cama — É o nome do quarto. Eu o chamaria de *o*

quarto do sacrifício.

Enquanto ele ria, recordei que Victor tinha falado sobre como esse lugar era conhecido — A Casa das Rosas.

— Você não tem escrúpulos? — perguntei, rastejando sobre a cama o mais longe dele possível — Como pode fazer isso? Como fica sua consciência? Não tem irmãs? Uma esposa ou filha? Faria com elas algo assim?

Não sei por que apelava para a sua consciência. Os olhos frios e indiferentes indicavam que aquele homem tinha pedra ao invés de um coração.

— Existem mulheres que fariam por dinheiro... Não precisariam...

Klaus se aproximou da cama e se inclinou

Acheron - Nacionais

em minha direção.

— Não tenho que dar explicações a você — murmurou ele — Mas vou dizer, mesmo assim. Essas são mulheres imundas, sujas, nojentas — sua expressão carregava nojo e desprezo — Vocês são peças raras a serem lapidadas. Cachorrinhas que, se treinadas e bem tratadas, aprendem a ser fiéis. E nossos clientes gostam do poder que têm sobre vocês.

Aquilo era abominável. Ele era abominável e todas as pessoas envolvidas nisso.

— Na verdade, vocês deveriam ser gratas — continuou ele — As tiramos de vidas degradantes e miseráveis. Cuidamos de vocês. Damos roupas bonitas, joias, excelente comida e um lugar seguro.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

— Somos prisioneiras! — gritei.

Não conseguia entender como ele poderia ter a mente tão deturpada. Esse homem era doente, tão doente como Caveira era. Achavam que as mulheres eram objetos que eles poderiam usar quando e como quisessem.

— Dê o nome que quiser — ele sorriu, um sorriso gelado que não alcançava seus olhos — Aprenda algumas coisas, no entanto. Nunca, nunca irá sair daqui. Temos a sua família sob vigia, qualquer passo em falso, os eliminamos. Faça tudo o que ordenamos e terá uma vida longa e feliz.

Arremessei o travesseiro quando ele bateu a porta ao sair do quarto. Corri até ela e constatei que estava trancada. Deslizei pela madeira fria até cair sobre o carpete felpudo.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

A dor lancinante rasgava meu peito, apunhalando meu coração. Chorei, embora sentisse ser impossível ainda ter lágrimas dentro de mim. Quando Ana faleceu, algumas vezes senti vontade de estar morta; nesse momento, me sentia assim. Estava morrendo, minha alma estava morrendo e se apagando dentro de mim.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Capítulo 17

O baque em minhas costas me fez acordar, sobressaltada. Corri para o outro lado do quarto e me encolhi contra a parede quando vi a porta sendo aberta outra vez.

Klaus entrou, e um homem entrou atrás dele. Ele tinha cabelos castanhos, mas as laterais da cabeça começavam a ficar grisalhas. Tinha pequenas marcas de expressão próximos aos olhos, também castanhos, e na testa. Acho que deve ter um pouco mais de quarenta anos.

Ele olhou para mim com devido interesse, e me encolhi mais contra a parede, como que se com isso eu pudesse atravessá-la.

— Sua encomenda — murmurou Klaus —
Virgem e intocada, exatamente como prefere,
Falcão.

O homem a quem Klaus chamou de Falcão
apenas ergueu a mão, e apenas com esse gesto fez
com que o outro se retirasse.

— Fala a minha língua? — ele perguntou.

Continuei encarando-o sem emitir
resposta. Sentia raiva de mim mesma por ter
adormecido chorando ao invés de ter arquitetado
alguma possibilidade de fuga.

Olhei em torno do quarto, analisando o
que eu poderia usar como arma contra ele.

— Não importa — disse ele, tirando o
terno e indo até uma mesa, onde havia um balde de
gelo, taças e uma garrafa de champanhe — Não

Acheron - Nacionais

gosto das falantes.

A garrafa! Encarei o objeto como se fosse meu bote salva-vidas em alto mar. Falcão notou meu interesse, e graças a Deus tirou uma conclusão errada.

— Com sede? — ele estourou a champanhe e serviu as duas taças — Não tenha medo, passarinha. Prometo que gostará de cada minuto.

Enquanto ele falava, eu tentava visualizar meu plano, e embora sentisse asco com a possibilidade de me aproximar dele, era necessário.

Caminhei até ele, admirada que as minhas pernas, apesar de trêmulas, ainda tinham a capacidade de me sustentar.

Acheron - Nacionais

— Boa menina — ele tocou meus cabelos e alisou o dedo por meu rosto.

Mantive-me quieta, fingindo apreciar minha bebida. O que era muito difícil, já que Falcão começou a deslizar as mãos nojentas pelo meu corpo. A ânsia parou em minha garganta, e com muito esforço não me debrucei, vomitando em seus pés.

“Fique calma”, dizia a mim mesma.

“Fique calma”

— Sabe... — uma de suas mãos agarrou minha bunda, enquanto a outra pressionava meu seio com força — Sempre preferi as latinas.

Estiquei minhas mãos em direção à mesa, tateando em volta dela. Falcão esfregou o nariz em meu pescoço. Cada toque dele me causava

Acheron - Nacionais

calafrios e uma necessidade de afastá-lo de mim.

— Você gosta, não é? — Os lábios foram subindo pelo meu pescoço, indo em direção ao meu rosto, e tudo em volta de mim saiu de foco.

Agarrei a garrafa, e guiada pelo meu desespero, o atingi na cabeça. Observei-o cambalear até cair sobre a cama. Alívio e um sentimento de vitória tomaram conta de mim.

Um desejo quase que irrefreável de pegar o que sobrou da garrafa quebrada em minha mão e rasgar a garganta dele me dominava. Eu queria fazê-lo pagar, pagar por todas as garotas que ele fizera sofrer.

Dei dois passos vacilantes em direção a ele.

“Você não é uma assassina!”

Acheron - Nacionais

Ouvi a voz gritando na minha cabeça, no mesmo momento que vi Falcão se mexer na cama, emitindo um gemido. Eu tinha duas opções: aproveitar que ele ainda estava inconsciente e tentar fugir ou perder tempo tentando criar coragem para dar fim a ele.

Eu me conhecia. Embora estivesse coberta de ódio e revolta, não seria capaz de tirar a vida de outra pessoa. Não daquela forma.

Corri em direção à porta e testei a maçaneta.

Destrancada.

Quase chorei de alívio, mas não podia deixar que as emoções me impedissem de pensar. Abri a porta silenciosamente. Como suspeitei, havia um segurança na porta. Para minha sorte,

estava distraído com o celular.

Não pensei duas vezes, cravei a garrafa quebrada em seu peito e cobri os lábios com as minhas mãos. O homem foi pego de surpresa, mas não demorou muito para se recuperar, me jogando contra a parede.

— Cadela! — Ele urrou, vindo em minha direção — Você vai me pagar, sua puta!

Avancei sobre ele, cravando a garrafa mais forte em seu peito. Isso o fez cambalear e me soltar. Fiz a única coisa que poderia fazer naquele momento.

Corri.

— Klaus! Klaus! — ouvi os gritos atrás de mim enquanto descia a escada — A piranha fugiu.

Passei a agir apenas pelo instinto de sobrevivência. Não havia forma de passar pela sala repleta de capangas, mas eu tinha que tentar. Morreria tentando.

Deveria ter feito um plano melhor, mas agi apenas com meu instinto de sobrevivência.

— Não se preocupe — Klaus surgiu no final da escada — Ela não irá a lugar nenhum.

Emiti um urro desesperado e avancei, tentando passar por ele, que agarrou meus cabelos, me fazendo recuar. Briguei como um animal encurralado na jaula.

— Shane! — ouvi Klaus gritar — Traga a seringa!

Contorci-me nos braços dele, usando toda a força que ainda existia em mim. Chutei e tentei

cravar meus dentes nos braços dele. Minhas tentativas apenas me deixavam mais enfraquecida e ofegante.

— Não vai doer nada — Ele sussurrou em meu ouvido, quando um elástico foi amarrado em meu braço e a agulha perfurou minha pele — Vai ficar tudo bem.

Senti meus olhos pesarem, a substância que Shane havia aplicado em mim começava a tomar conta da minha consciência.

Eu sabia que, depois daquele momento, nada... nada nunca mais ficaria bem.

Há dias, entre uma perda de consciência a outra, via homens entrando e saindo do quarto. Eu observava tudo à minha volta, mas era como se

Acheron - Nacionais

não estivesse lá.

Cobriam meu corpo com os deles. Às vezes, faziam ou me obrigavam a fazer coisas que me faziam vomitar, quando não apagava.

Eu via tudo... mas era como se não estivesse lá. Nos poucos momentos de consciência, agradecia que todas as vezes que eles me tomaram contra a minha vontade, meu cérebro estivesse desconectado de mim.

Podia fingir na minha mente que nada daquilo acontecia e que era apenas um pesadelo do qual iria acordar.

Quantos dias tinham se passado? Um, dois, uma semana?

Estava destruída por dentro tanto quanto o meu corpo estava. Tinha perdido minha inocência.

Acheron - Nacionais

Não com o homem que eu amava, no dia do meu casamento, ou quando declarássemos amor um ao outro. Sequer me recordava quem foi.

Falcão? Klaus? Shane?

Isso não importava mais. Preferia que o desgraçado que tinha roubado minha inocência continuasse sem rosto, assim poderia odiar cada um deles. Enquanto essa chama de ódio queimasse dentro de mim, continuaria lutando.

Dizem que as pessoas, quando não são boas, ao morrer vão para o inferno. Eu acredito que o inferno seja na Terra. Cada um de nós lutando contra os demônios à nossa volta.

— É dia de tomar sol — Samira sentou ao

meu lado na cama e segurou minha mão — Andar no jardim, e tem até piscina.

Puxei minha mão da dela e virei para o outro lado.

O que havia com aquela garota? O que havia com todas elas? Como podiam agir como se fosse tudo normal? Como podiam aceitar isso?

— Ficar no quarto, fica — disse ela com certa doçura — Ficar triste, morre.

Era exatamente isso que eu queria. Mas sempre que a palavra morte vinha à minha cabeça, surgia o rosto de minha mãe. Não sabia o que tinha acontecido com ela. Se estava tomando os remédios e se alimentando bem.

Não podia desistir, precisava encontrar uma forma de escapar desse lugar, e Samira iria

me ajudar nisso. A vida daquelas garotas também estava em minhas mãos.

— Espere! — sentei na cama e peguei o robe caído no chão — Vou com você.

Se eu queria escapar, precisava conhecer a casa e saber como ela funcionava. Ficar trancada no quarto, chorando pelo que havia acontecido, não iria me ajudar. Depois que fugisse daqui, teria a vida inteira para lamentar.

Quando chegamos à sala e vi a porta aberta, meu primeiro instinto foi largar a mão de Samira e sair correndo. Mas já tive experiências suficientes para compreender que não iria adiantar.

— Não luta — ela sussurrou baixinho, em seu inglês arrastado — Se luta, drogam você.

Ela me indicou algumas garotas na outra

extremidade da sala. Duas estavam jogadas contra a cadeira, totalmente dopadas, e uma delas perseguia um dos guardas, implorando por mais uma dose.

De certa forma, conseguia entendê-las. Todas as vezes que fui abusada sexualmente, também não estava cem por cento consciente.

— Muito triste — disse Samira, e seguimos em direção à saída — Não querer isso.

Não. Eu não queria me tornar como uma daquelas meninas. Mas era completamente insuportável passar por tudo aquilo de novo, totalmente ciente do que acontecia.

Eu precisava de algo para me agarrar. Então pensei em Ana, minha mãe e minha tia. Tinha que ser forte por elas.

— Obrigada, Samira — chegamos à porta, e a claridade, por alguns segundos, me cegou — Por que me ajuda?

— Fabiana corajosa — sussurrou ela, calando-se quando um vigia passou por nós e nos mandou seguir — Samira ajudar Fabiana e Fabiana ajudar Samira.

Acho que aquela era sua forma de dizer que seríamos amigas. Um novo plano se formaria em minha cabeça. Iria estudar a casa, os guardas, os clientes. Dessa vez, usaria a razão em vez da emoção.

Eu nunca, nunca iria desistir.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Capítulo 18

Samira gemeu e balbuciou alguma coisa na língua dela. Pela angústia na voz, notei que estava sonhando — ou em uma definição melhor, tendo um pesadelo. A abracei mais forte e sussurrei que estava tudo bem.

Estávamos em um porão, após uma nova tentativa de fuga minha. Samira tinha seduzido e enganado um dos vigias para roubar as chaves da casa para que eu fugisse durante a madrugada, pulando o muro.

Mal consegui alcançar meu objetivo, quando fui alcançada por cães farejadores. A casa inteira, dentro e fora, tinha câmeras escondidas.

Acheron - Nacionais

Éramos vigiadas 24 horas.

Samira e eu levamos uma surra até ficarmos desacordadas por algumas horas. Fomos jogadas e trancadas em um porão, sem roupa e comida. A única forma que encontramos de não morrermos de frio foi uma aquecendo a outra, usando nossos próprios corpos como cobertor. Das duas, Samira que ficou mais machucada. Eu tenho instinto de sobrevivência, então lutava bravamente. Samira era mais delicada e temerosa às represálias. Talvez porque tivesse mais tempo ali. De qualquer forma, era um alvo fácil para eles.

Mas isso não me impediria de continuar lutando. A cada vez que fosse obrigada a entregar meu corpo contra minha vontade, o ódio que sentia

Acheron - Nacionais

me impulsionava a continuar. Só precisava voltar a estudar a casa um pouco mais e descobrir exatamente onde cada câmera escondida se encontrava.

Descobri que, além desse cômodo onde estamos presas, existiam outros quartos na parte subterrânea, todos eles temáticos. Com objetos usados para tortura e sadismo, entre outras coisas que prefiro não pensar.

— Você! — Um homem alto e narigudo, usando rabo de cavalo, apareceu, abrindo a porta — Dia de ligar para casa.

A cada quinze dias, no início, e uma vez depois de um tempo, éramos obrigadas a entrar em contato com alguém da família, para avisar que estávamos bem e felizes.

Eles nos mostravam fotos de casa, relatórios de como andavam nossas famílias e principalmente de que estavam sob a mira deles. Foi com alívio e angústia que soube que minha mãe estava bem.

Klaus informou que ela estava recebendo os remédios, e que se quisesse que continuasse assim, teria que colaborar com eles.

Tudo em nossas vidas era controlado. Nossa conta nas redes sociais. Postavam fotos, mensagens, conversavam com nossos amigos como se fôssemos nós.

Ninguém nunca desconfiava o que acontecia realmente.

Vesti o robe que ele me entregou e o segui para fora. Antes de sair e a porta ser fechada

Acheron - Nacionais

novamente, olhei para Samira, encolhida na cama.

— Quando vamos sair daqui? — perguntei a ele, que me empurrou em direção à escada — Estamos com frio e com fome. Samira ficará doente.

Eu não queria que ela sofresse ainda mais por minha causa. Enquanto eles nos achassem valiosas para eles, nos tratariam fisicamente bem, pelo menos no que se tratava de higiene e alimentação.

— Quando aprenderem a se comportar.

Odiava esse homem, como todos os demais. Mas ele principalmente, pois tinha o prazer de nos agredir fisicamente, diferente da maioria, que apenas xingava e ameaçava com seus revólveres.

Acheron - Nacionais

— Faz quatro dias — murmurei, mas calma agora — Quatro dias trancadas ali. Não vamos tentar fugir de novo.

Ele me guiou até o escritório onde Klaus já me esperava, ao lado de Shane.

Sentei na cadeira entre eles e esperei que fizesse a ligação.

— Mamãe?

— Minha filha...

Um soluço agudo saiu da minha garganta. Todas as vezes eu dizia que conseguiria me controlar e aproveitar meus poucos momentos com ela, mas eram sentimentos demais sufocados em meu peito.

Justificava meu choro dizendo que era saudade. A arma de Shane em minhas costas não

me permitia fazer diferente.

Queria perguntar como andavam as coisas no Juarez; se Caveira ainda dominava o morro. Se a tinha ameaçado de alguma forma. Mas tudo o que conseguia fazer era ouvir calada e dizer uma ou outra mentira. Mamãe também não falava nada que pudesse me deixar preocupada. Na cabeça dela, isso faria com que voltasse para casa, e ela estava aliviada por eu estar bem, segura e feliz.

— Quando você liga de novo, filha? — sua voz tinha um toque de tristeza.

— Não sei — encarei Klaus, que ouvia tudo pelo viva-voz — Eu tenho outra viagem para fazer. É, vou para o Japão, mas vou te mandar mais dinheiro...

Klaus comprimiu os olhos com o que

disse, mas isso não importava. Prometia dinheiro à minha mãe sempre que ligava, e sabia que eles teriam que cumprir.

— Toma cuidado, garota — disse ele, quando a ligação foi encerrada — Ainda perderemos a paciência com você. Falcão não esqueceu o que aconteceu. Sua sorte é que o chefe se diverte muito.

O chefe. Muitas vezes eles falavam dessa pessoa assim. Eu nunca tinha o visto, nem a Samira, mas era claro que havia alguém poderoso e covarde por trás de tudo aquilo.

A cada semana que passava, minha angústia aumentava e minha fé em fugir daqui

morria um pouquinho. Tive toda e qualquer tentativa frustrada. Parecia que eles sempre estavam um passo à minha frente.

Hoje era o meu dia de ir à tal agência, que um dia pensei que trabalharia para tirar fotos.

Os vidros do carro eram escuros, impedindo que qualquer pessoa pudesse ver seu interior. As portas estavam travadas e Shane estava ao meu lado com sua arma em punho.

A única chance que eu tenho é a agência.

— Você terá uma visita — disse ele, quando o carro começou a entrar na cidade — Se não quiser que sua amiga seja ferida, é melhor se comportar.

— Amiga? — disse, com a voz trêmula.

— Mrs. Jones — disse ele — Vaca

insistente.

Agatha estava nos Estados Unidos e queria me ver. Entre chorar e sorrir de felicidade, escolhi a segunda opção. Agatha era esperta. Ela saberia ler os sinais que daria a ela e me ajudaria.

— Não tente nenhuma gracinha — Shane puxou meus cabelos, puxando minha cabeça para trás — Sabemos tudo sobre a Sra. Jones e o marido dela, que inclusive estão sendo vigiados no hotel. A vida deles estará em suas mãos, entendeu?

Meu coração se contraiu no peito. Não desejava que nada de ruim acontecesse com Agatha. Foi uma das poucas pessoas no mundo que sempre me ajudou. Não suportaria que algum mal acontecesse a ela também.

Lembrei-me de Ana, e que, mesmo sem

intenção, tinha sido eu quem a levou à morte. Não conseguiria lidar com mais essa culpa. Teria que encontrar uma forma de conseguir a ajuda de Agatha sem colocar a vida dela e de seu marido em risco.

Mas só o fato de rever Agatha me deixava feliz.

— Entendi — murmurei, e ele soltou meus cabelos — Não farei nada.

Pelo que entendi, ao observar algumas pessoas, nem tudo ali era mentira. Usavam a agência para mascarar as coisas que eles faziam. Existiam pessoas honestas e que não tinham a menor consciência do que estava acontecendo.

— Olá — um homem se aproximou de nós quando chegamos em um dos estúdios de foto — Você deve ser a Srta. Mendes. Eu sou Konrad, o fotógrafo.

Ele estendeu a mão e sorriu para mim. Ele tinha olhos azuis e cabelos cacheados, que davam a ele um ar angelical.

Apertei a mão que ele estendeu a mim e respondi ao sorriso que me dava.

— Estarei por aqui — disse Shane, indo para o outro lado da sala — Mas ficarei de olho.

Konrad piscou o olho para mim e indicou o lugar que deveria ficar.

— Mal-humorado esse seu agente, não é? — ele brincou, e decidi que ele seria uma das pessoas a me ajudar com meu plano — Essas são

as roupas que vamos usar. A cada sessão de fotos você troca as roupas, ok?

— Tudo bem — murmurei, pegando uma das roupas que ele ofereceu.

Eu só precisava de tempo para Shane baixar um pouco a guarda e ganhar a confiança de Konrad.

Quase duas horas depois, tinha feito umas cinco trocas de roupas e me sentia esgotada, tanto fisicamente como mentalmente. Todas as vezes que tentava dar um sinal ao fotógrafo, Shane dava um jeito de aparecer.

— Querida, sei que modelos devem fazer carão — Konrad brincou — Mas que tal sorrir em algumas fotos?

Tentei fazer isso, mas tinha a impressão

Acheron - Nacionais

que meu sorriso pareceria tão falso como eu transmitia.

— O problema é aquele homem ali, né?
— indagou ele, apontando Shane — Vou dar uma palavrinha com ele.

Aproveitei que Konrad e Shane discutiam e corri até o celular de Konrad, próximo às araras de roupas.

“Please, help me”, digitei rapidamente no bloco de notas e me afastei.

Os vinte minutos seguintes foram angustiantes. Quando Konrad disse que faria uma pausa para fazer uma ligação, senti meu coração disparar.

Por favor, por favor, por favor, meu coração praticamente gritava.

Acheron - Nacionais

Konrad ficou alguns segundos olhando para a tela do celular, e em seguida fez a ligação que tinha falado.

— Nathan? — Konrad olhou para mim, depois para Shane antes de se afastar com o telefone colado no ouvido.

Ele foi se afastando, e me perguntei se ele tinha conseguido entender o recado que dei a ele.

Cinco minutos depois, ele retornou, meu olhar implorava por ajuda.

— Ok. Então, peça que ele venha — Konrad desligou e veio até mim — Escuta, estamos há bastante tempo aqui. Que tal irmos até meu escritório e pedirmos comida? Esse negócio que modelo não come é pura lenda.

Ele tinha entendido! Quase o abracei,

agradecida, quando seguimos para a sala dele.

Eu tinha conseguido! Meus olhos se encheram de lágrimas ao me dar conta. Logo eu, Samira e todas as garotas trancadas naquela casa teriam a sonhada liberdade.

— Fique aqui — Konrad sussurrou quando passamos pela porta — Vou dar um jeito nele e já volto.

Assim que avistei a cadeira próximo a uma mesa, desabei sobre ela e chorei.

Chorei por todos os dias de cativo. Chorei por todas as coisas ruins que aconteceram desde que deixei o Brasil e chorei porque, finalmente, toda a tortura iria acabar.

Voltaria para casa, veria minha mãe e minha tia. Seguiria em frente e, de alguma forma,

reconstruiria minha vida. Estava tendo uma segunda chance e iria vivê-la.

Depois de calma, comecei a ficar angustiada conforme os minutos passavam. Onde estava Konrad?

— Foi buscar ajuda — respondi a mim mesma — Só foi buscar ajuda, Fabiana.

Meu medo era que Shane tivesse desconfiado de algo e feito algum mal a ele. Outros longos minutos se passaram, até que a porta foi aberta e Konrad ressurgiu.

— Ainda está aqui — ele sorriu, um sorriso diferente agora — Não é tão esperta quanto pensei. Cuide dela.

Ele saiu da porta e Klaus apareceu.

Emiti um grito angustiado antes de correr

Acheron - Nacionais

em direção à porta. Era uma pífia tentativa de fuga, jamais passaria por eles, mas tinha que tentar.

— Sua visita chegou, minha querida — disse Klaus — Não acho que a senhora inglesa aprecie escândalos.

Foi o suficiente para me fazer calar.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Capítulo 19

Quando vi Agatha, o mundo ruiu sobre minha cabeça. Como era de se esperar, ela tirou conclusões erradas. Por que as pessoas não viam os sinais? Meu choro não era de saudade, era de desespero. No entanto, nada poderia dizer a ela.

— Você me parece abatida — disse Agatha quando nos separamos do abraço — Mas também, viajando tanto. Está feliz?

Shane parou às costas de Agatha e levantou o blazer, mostrando o revólver a mim.

— Estou... — minha resposta saiu junto com um soluço, e as lágrimas saltaram dos meus olhos — Estou com saudade.

— Minha querida...

Agatha prosseguiu dizendo que era natural, afinal, fazia um longo tempo que não nos víamos e mais algumas palavras de incentivo. Fui monossilábica, respondendo sim ou não, sempre com o olhar de Shane a me ameaçar, além de saber que Klaus também me vigiava em algum lugar dali.

— Sei que tem a agenda muito cheia — ela sorriu, secando meu rosto — Tive que implorar ao seu agente que tirasse um horário para mim — ela abaixou o tom de voz em um tom confidente — Na verdade, o ameacei, espero que isso não a prejudique. Podemos nos encontrar nesse sábado.

— Seria maravilhoso, eu... — respondi, sorrindo de verdade, agora.

Acheron - Nacionais

Agatha nunca iria me trair como Konrad.

Na verdade, ele não tinha me traído, fazia parte desse esquema sórdido e sujo.

— Fabiana, você é realmente muito sortuda.

Falando no demônio. Konrad se aproximou com o telefone na mão, nos interrompendo.

— Acabei de saber que recebeu um telefonema da Itália. A Chanel adorou as últimas fotos suas que enviamos para eles, querem um photoshoot com você. Teremos que ir para Milão amanhã ou depois de amanhã, no máximo.

— Sério? — O sorriso de Agatha falhou.

Mentiras e mais mentiras. A minha vida era feita de um amontoado de mentiras sujas.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

— Senhora...?

— Jones.

— Senhora Jones, é uma grande oportunidade para essa moça aqui. Já pensou? Pode ser a nova cara da Chanel.

Agatha me abraçou, acreditando que aquela era uma boa notícia. Konrad me olhou friamente e apontou Shane, parado no outro lado do estúdio.

Não precisei de mais nenhum sinal.

— Estou tão feliz por você, querida — disse Agatha ao se afastar — Sempre acreditei em você.

— Obrigada — disse em uma voz rouca, foi o máximo que consegui dizer.

— É melhor voltarmos para as fotos —

Acheron - Nacionais

Konrad olhou para Agatha com um falso pedido de desculpa — A senhora pode esperar para falarem um pouco mais, mas aviso que vai demorar muito. As pessoas têm aquela ilusão que vida de modelo é fácil, mas horas e horas posando para um bonitão como eu é bem difícil.

Agatha riu, mas disse que precisava ir embora, encontrar outros amigos.

— Este é o endereço do hotel que estamos — ela entregou um cartão — Só ficaremos na cidade até o fim de semana. Então, seria ótimo se pudéssemos jantar hoje e termos um momento só nosso. Fabio e eu estamos indo para a África, trabalhar, com uma ONG, ficaremos uns meses quase incomunicáveis.

— Eu adoraria jantar com vocês —

Acheron - Nacionais

respondi, sentindo minhas esperanças se renovarem.

Se eu convencesse a todos que jantar com Agatha era importante para manter o plano, ainda teria alguma chance.

A abracei fortemente quando nos despedimos. Cobri meu rosto com as mãos para esconder as lágrimas e também me impedir de olhá-la indo embora.

— Eu ouvi bem o que você disse, Konrad — uma loira, magra e estonteante, chamou nossa atenção — Essa mulher será o novo rosto da Chanel? Isso é um absurdo.

A pergunta veio acompanhada de um tom de desprezo, como se ela visse uma barata na frente dela e tivesse nojo de matar.

Acheron - Nacionais

— Agora não, Nicole — murmurou ele, pegando meu braço e me levando para longe dela, que me encarava com raiva e despeito — Depois conversamos.

Tão bonita quanto fria, concluí. Mas eu tinha coisas mais importantes para me preocupar, pessoas preconceituosas eram o último dos meus problemas. Além disso, apesar de aquilo ter sido apenas uma mentira para enganar minha amiga, Nicole não precisava saber. Que ela morresse de inveja e veneno.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Capítulo 20

20 W 29th St, New York, NY 100013, NY Palace Hotel. Passei tanto tempo alisando e olhando para o cartão no caminho de volta, que já começava a aparecer as marcas dos meus dedos no papel.

Era onde Agatha estava, onde eu pretendia ir essa noite, em busca de mais uma tentativa de me livrar de tudo isso.

— Você não vai precisar disso — Klaus arrancou o cartão de minhas mãos, amassou e jogou pela porta aberta. A bola de papel caiu sobre a grama.

Estive tão concentrada imaginando outro

Acheron - Nacionais

plano e as falhas que poderiam existir, que não percebi que havíamos chegado à Casa das Rosas.

— Agatha está me esperando — disse a ele, ao mesmo tempo que Shane me puxava para fora — Irá desconfiar se não...

— Konrad já cuidou disso — Klaus sorriu sarcasticamente — Nesse momento, a grande modelo está a caminho de Milão.

Fui arrastada para dentro, não porque estivesse brigando ou lutando contra eles, simplesmente era incapaz de me movimentar sozinha.

A sensação de impotência, frustração e revolta e, claro, desespero profundo, me paralisavam. Outra chance desperdiçada. Uma a uma, elas iam caindo sobre meus pés.

Acheron - Nacionais

— Se arrume — disse Shane, jogando-me dentro do quarto — Você tem dois clientes hoje, no quarto negro.

O quarto negro era o que tinha artigos de uso BDSM. Eu desprezava aquele quarto. Odiava as cordas sempre apertadas demais, as algemas e os chicotes com pontas pontiagudas que deixavam minha pele ferida e marcada por dias.

Odiava assistir aqueles homens sentindo prazer em me causar dor. Odiava que outras pessoas vissem tudo e se excitassem com isso.

— Eu tenho que sair daqui — sussurrei, deslizando contra a porta fechada — Eu tenho que sair daqui.

20 W 29th St, New York, NY 100013, NY Palace, repeti e repeti o endereço em minha

cabeça.

Para executar o meu plano, precisava de ajuda, além da de Samira. Então, era preciso encontrar alguém com coragem e de confiança, e isso tinha que ser feito com muito cuidado.

As mulheres confinadas tinham medo, e todas as minhas tentativas frustradas, seguidas de punição, faziam que o temor delas multiplicasse. A maioria já tinha aceitado o seu destino. Foram anos aqui, muitas tentativas, nenhum sucesso. Então, não podia culpá-las por desistir. Chega um momento em que você quer apenas sobreviver.

Depois de estudarmos algumas garotas, escolhemos uma alemã, chamada Faiga.

Inicialmente, ela riu e disse que não queria se envolver e nem causar problemas a si mesma, mas eu era uma pessoa persuasiva.

O plano era o seguinte: toda sexta-feira vinha uma caminhonete recolher a roupa suja. Faiga iria seduzir e distrair o guarda responsável pela vigilância e monitoramento das câmeras. Samira distrairia os guardas na lavanderia. Eu ficaria dentro de um dos cestos de roupas sujas e, no momento certo, me esconderia dentro do carro. Quando chegássemos a um destino seguro, encontraria alguma forma de escapar.

Todo o plano teria que ser executado em um curto e cronometrado tempo, sem falhas, sem erros, sem segunda chance.

— Ok. Se isso der errado — Faiga entrou

no quarto, apontando o dedo para Samira e eu —, não tive nada a ver com isso e não ajudei vocês.

— De onde eu venho — levantei, ficando em frente a ela — Dedurar os outros é uma falta grave.

Faiga me analisou por um instante antes de voltar a relaxar.

— Tudo bem — murmurou ela, entregando um vestido preto a mim — Vamos repassar o seu plano mais uma vez. Logo o carro irá chegar e não teremos muito tempo.

Seduzir os guardas em busca de favores, drogas ou simplesmente para ter a simpatia deles não era incomum ali, portanto, inicialmente nenhum deles desconfiou de Faiga e Samira.

Fiquei escondida no penúltimo cesto, com

um lençol me cobrindo, e cada vez que o homem jogava um saco de roupa no carro, minha ansiedade aumentava um pouco. Quando ele chegou a um cesto de onde eu estava, meu coração acelerou e levei as mãos à boca.

Ele retornou, parou ao meu lado e passou as mãos na testa. Se ele pegasse o cesto, veria a diferença no peso e eu seria descoberta. Pensar sobre aquele plano tinha sido mais fácil do que realmente executar. E também estava preocupada por quanto tempo mais Faiga e Samira conseguiriam fazer o trabalho delas.

Soltei o ar, aliviada, quando vi o homem caminhar até o bebedor de água. Era minha única chance e não iria desperdiçá-la.

A parte mais difícil foi sair do cesto sem

Acheron - Nacionais

fazer ruídos ou chamar a atenção dele. Feito isso, corri rapidamente até o baú do furgão e voltei a me esconder entre os sacos de roupa.

O homem retornou, terminou de esvaziar os cestos e fechou a porta. Ouvi quando bateu a porta do motorista e o carro começou a se movimentar.

Eu tinha conseguido.

*20 W 29th St, New York, NY 100013, NY
Palace.*

Tinha repetido tantas vezes o endereço que, tinha certeza, lembraria dele por anos.

“Fabiana, pegue a última caixa que está

Acheron - Nacionais

lá fora. É onde estão suas bonecas, depois venha para dentro para lanchar.”

“Tá bom, mamãe.”

Nós tínhamos acabado de nos mudar para a casa nova ou barraco, como costumava dizer meu irmão. Não era exatamente bonita, mas sabia que minha mãe iria deixá-la melhor e que seríamos felizes ali como ela tinha prometido, era isso que me importava.

Quando cheguei à calçada, tinha uma garota de tranças compridas segurando uma de minhas bonecas preferidas. Não que eu tivesse muitas, mas daquela eu realmente gostava.

Era uma princesa da Disney, que a ex-patroa de minha mãe tinha dado para mim, no Natal. Era usada, passada da filha dela, mas eu

não ligava para isso.

“Oi”, a menina estendeu a mão para mim. “Eu sou a Ana, moro do outro lado da rua, ali, depois daquela casa verde”.

Não olhei em direção à casa, e nem peguei a mão que ela estendia, tudo que me preocupava era que minha boneca continuava na sua mão.

“A boneca é minha”, soltei, em um fio de voz. Geralmente eu não era rude com as pessoas, mas eu gostava mesmo daquela boneca e sentia que seria minha única amiga em um bom tempo. Eu era tímida e difícil de me relacionar com as pessoas.

“Eu sei” Ana sorriu, mas continuou com a boneca presa em seus braços. “Não vou roubar

de você. Seremos amigas, e amigos não pegam as coisas dos outros. É o que minha mãe sempre diz”.

“Seremos amigas?” Perguntei, confusa com a determinação dela.

“Claro que sim.” Disse ela, vindo em minha direção, mas não parou ao meu lado, seguiu em direção à minha casa. “Vamos brincar no seu quarto. Se mostrar suas bonecas, prometo mostrar as minhas para você também.

Peguei a caixa e corri de volta para casa, atrás dela.

E aquele tinha sido meu primeiro contato com a Ana, aos sete anos. Depois daquele dia, eu tinha me tornado mais do que sua amiga. O espírito livre e aventureiro dela que me

impulsionava a fazer as coisas.

Me declarar a um menino aos quatorze anos. Brigar com uma garota por dizer coisas horríveis sobre meus cabelos.

“Seu cabelo é fantástico.” Disse ela ao deixarmos a sala da direção com uma advertência.

“Fantástico?” Ri da nova palavra que ela começou a usar com frequência.

Ana esteve comigo nos piores e melhores momentos da minha vida. Sequei minhas lágrimas e pedi que, de onde ela estivesse, continuasse a cuidar de mim.

O carro parou. Olhei através da janela. Começava a anoitecer. Ergui um pouco a cabeça e vi que o motorista estava com o telefone ao

ouvido.

Quando tempo havia se passado?

É horrível não ter controle algum sobre o tempo.

O homem circulou o carro, parando na traseira. A porta foi aberta antes que pudesse me preparar para isso.

— Eu vou verificar e retorno em seguida — disse o homem ao telefone — Certo, moça. Se está aí, é melhor sair agora.

Eu tinha que pensar rápido. Não havia nada no carro que eu pudesse usar como arma. Só havia sacos e sacos de roupa suja.

O homem foi retirando cada um deles, e quando ficou apenas o que me encobria, o chutei com força, fazendo o cara se desequilibrar. Voei

pela cabine até a rua, caindo no chão.

Antes de começar a engatinhar para longe do carro, o homem agarrou um dos meus pés, puxando-me para ele. Cravei as unhas no asfalto, que se quebraram conforme eu era arrastada. As palmas das mãos raspando no chão duro e quente.

— Me solta! — me debati — Solta, seu porco imundo!

Sabia que ele não conseguiria me entender, falava em português. Estava apavorada demais para raciocinar em outra língua. Comecei a gritar, na esperança de que algum carro passasse por nós e alguém viesse ao meu auxílio.

— Sua piranha! — Ele berrou, agarrando meus braços, me sacudindo de frente a ele — Não vai causar problemas para mim.

Era um momento de vida ou morte para mim. Não iria deixar que aquele homem me obrigasse a voltar. Mordi seu braço, fazendo-o gritar, e dei um chute entre suas pernas.

Ele não era treinado como os outros capangas, e quando gemeu de dor, curvando-se, aproveitei que o aperto em meus braços afrouxou para escapar e fugir.

Corri para dentro da mata, ignorando os pedregulhos e galhos secos caídos no chão, cortando meus pés descalços.

Corra!

Corra!

Corra!

As palavras explodiam em minha cabeça, forçando-me a continuar. Corri o máximo que eu

podia, até a voz atrás de mim silenciar, meus pulmões começarem a arder e minhas pernas cansadas fraquejarem. Ainda assim, corri, corri muito, e fui vencida por um galho que me fez cair e rolar um barranco.

Descobri que tinha desmaiado quando meus olhos abriram e vi as estrelas surgindo entre as árvores ao redor de mim. Levei alguns segundos para me orientar, e quando fiquei em pé, soltei um gemido ao perceber que tinha o tornozelo esquerdo torcido.

— Preciso continuar — murmurei, na esperança que dizer isso em voz alta pudesse renovar minhas forças.

E eu continuei.

Estava frio, e eu só usava aquele vestido

preto e curto. Cruzei os meus braços em volta do corpo e continuei andando. Tinha sede, fome e muito medo do que poderia surgir na floresta. Precisava voltar para a estrada e conseguir ajuda.

Estava saindo da mata quando vi três carros pretos passando na estrada. Eles tinham um emblema de uma rosa branca. Eram os seguranças do cativoeiro procurando por mim. Recuei e me escondi atrás de uma árvore até que o último carro passou.

Esperei longos minutos até ter coragem e correr até o outro lado da pista. Era arriscado eu ficar no lado que dava de volta à Casa das Rosas, mas tinha que seguir o caminho oposto de onde os carros tinham ido.

A cada metro que eu dava, o pânico dentro

Acheron - Nacionais

de mim crescia. Estava no meio do nada e carro nenhum passava por ali.

Perdia minhas esperanças, quando vi uma luz amarela aparecer no fim da estrada. Minha experiência com Konrad me deixava receosa em acreditar nas pessoas, mas que alternativa eu tinha?

Sinceramente, tinha que acreditar que todas as desgraças do mundo já tinham acontecido comigo. Além disso, ainda lutava contra o tempo. Se os administradores daquela casa acreditassem que tive êxito ao fugir e que a qualquer momento iria denunciá-los, iriam pegar as garotas e fugirem dali. Nunca mais teríamos notícias delas.

Eu tinha jurado à Samira e Faiga que as buscaria, não poderia falhar com elas, não

Acheron - Nacionais

conseguiria carregar mais essa culpa. Então, eu tinha que controlar o meu medo e continuar lutando por mim e por elas.

A luz branca foi se aproximando. Era o primeiro carro que via em horas. Uma caminhonete branca, que freou quando eu pulei na estrada sacudindo os braços.

Um homem de cabelos pretos e olhos igualmente escuros desceu do carro, vindo em minha direção.

— Moça, você é maluca? — resmungou ele — Quase atropelai você.

— Por favor — cambaleei até ele, que me segurou quando as minhas pernas cederam — Fui sequestrada. Há outras garotas...

Sabia que não estava sendo muito clara,

mas esperava que ele conseguisse capitar a gravidade do que lhe contava.

— Eu fugi... — continuei, agora chorando
— Fugi deles, preciso de ajuda. Polícia...

— Calma, calma — ele sussurrou, me levando até seu carro — Você foi sequestrada e tem outras garotas presas lá?

Acenei com a cabeça, tentando ficar calma como ele pediu.

— Ajuda — pedi mais uma vez.

Ele me colocou no banco de passageiro e tirou o celular do painel do carro. Observei enquanto fazia a ligação, sentindo-me apreensiva.

— É da polícia? — soltei o ar quando ele disse isso — Acabei de socorrer uma garota. Está machucada e me disse que há outras garotas em um

Acheron - Nacionais

cativeiro. Sim... Isso mesmo. Estamos na...

Fechei os meus olhos enquanto ele dava as coordenadas. Aquele inferno finalmente teria um fim.

— Meu nome? — continuou ele — Neil...

Neil Durant.

Ele encerrou a ligação e sorriu para mim.

— Logo a polícia estará aqui — disse ele.

Sorri de volta, completamente agradecida.

— Obrigada, Neil — disse, com a voz fraca — Meu nome é Fabiana.

Ainda havia pessoas boas no mundo.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Capítulo 21

Ele me deu sua jaqueta para eu me cobrir e proteger do frio. Também me deu uma garrafa de água e uma barra de cereal que tinha encontrado no carro.

— Vou fechar a porta e ligar o ar, tudo bem?

Assenti com a cabeça e olhei para a estrada. A verdade é que tinha medo de ficar com ele ali, mas tentei acalmar as batidas desenfreadas do meu coração.

— Quando a polícia vem? — indaguei, não apenas por ansiedade, mas também para acabar com o silêncio constrangedor.

O olhar de Neil estava fixado em mim, e aquilo me deixava apreensiva.

— Disseram que em torno de meia hora — disse ele, ainda me analisando — Você me lembra alguém que eu conheço.

Olhei para ele, confusa.

— Não fisicamente. São como água e vinho, mas as duas são bem corajosas.

Olhei para ele, desconfiada, depois para a porta ao meu lado. Como ele poderia fazer qualquer análise sobre mim, me conhecendo há pouco mais de vinte minutos?

— Quer dizer... — ele continuou, com a voz mansa — Você conseguiu fugir, e sabe lá o que já passou.

Apesar de relaxar um pouco, continuei

com a mão apoiada no puxador da porta.

— Sua namorada? — indaguei, notando que ele não usava aliança — A moça que eu o faço lembrar.

— Ainda não — disse ele, com determinação na voz — Mas será.

Algo naquilo causou arrepios em minha pele. Sensação que foi ignorada quando notei, pelo retrovisor, luzes aparecerem na estrada.

Certamente era a polícia, pensei. Apesar de achar estranho não ouvir o barulho das sirenes. Provavelmente, deveriam querer chegar no cativo sem fazer alarde.

— Fique aqui dentro — disse Neil, saindo do carro — Acho melhor falar com eles primeiro.

Concordei e o observei se afastar. Três

homens saíram do carro, mas só um se aproximou de Neil. Os faróis altos impediram que eu conseguisse identificar os rostos deles. Logo, Neil e o homem que ele conversava se aproximaram da caminhonete onde eu estava.

— Foi uma sorte tê-la encontrado — disse Neil, abrindo a porta do passageiro — Mas a sorte sempre esteve comigo, não é mesmo, Konrad?

Konrad?

Olhei aterrorizada para Neil, no mesmo momento que ele me puxava para fora do carro. Ele me prendeu contra o seu peito, deixando-me de frente para Konrad, que me encarava com ar de poucos amigos.

— Espero que continue assim, Nathan — disse ele, cruzando os braços — O que faremos

com ela agora?

Nathan? Já tinha escutado esse nome antes, pelos lábios de Konrad. Por que ele tinha mentido e falado que se chamava Neil Durant?

— O que vocês foram incapazes de fazer — resmungou ele — Impedir que fuja e tente falar qualquer coisa outra vez.

Eu podia dizer que era uma pessoa sensível. Todas as vezes, ou a maioria delas, em que me vi em perigo, tinha sentido de alguma forma. Agora, meu medo era intensificado. O que me aguardava era mais aterrorizante do que qualquer outra coisa que já tinha vivido.

Comecei a gritar e tentar me desvencilhar dele até que minhas forças acabaram, o divertimento dele virar ira e a pancada em minha

Acheron - Nacionais

cabeça me fazer apagar.

Estava em um quarto diferente. Nunca estive naquele lugar antes. As paredes eram cercadas por vidro espelhado. Eu conseguia me ver refletida em todos os lugares.

Eu me mexi e averigui que estava amarrada a uma cadeira. Ao meu lado tinha uma mesa com pinças e outros objetos cirúrgicos que eu não sabia identificar pelo nome.

Meu corpo doía. Lembrei dos últimos acontecimentos e gemi. Eles tinham descoberto que fugi através de Faiga e Samira, mas não porque elas tinham me traído e denunciado. Shane tinha notado que eu estava sumida e conferiu com

Acheron - Nacionais

sua equipe. Os homens contaram o comportamento suspeito de Samira e Faiga, e as torturaram e agrediram até confessarem o que eu tinha feito.

Não foi diferente comigo quando retornei à casa. Eu tinha que ser o exemplo para todas elas. Então, fui agredida na frente das mulheres assustadas. Agredida até cair inconsciente.

Ouvi um ruído e vi a maçaneta se mexer. Não tinha para onde fugir, então me encolhi contra a cadeira o máximo que pude. A maçaneta continuou a remexer. Sei que o objetivo é me assustar e, devo confessar, conseguiu esse efeito.

A maçaneta parou e voltou a mexer de novo. As lágrimas corriam livremente pelo meu rosto, e meu único pensamento foi que essa tortura terminasse logo.

Meu corpo ferido já não sabia o quanto ainda seria capaz de suportar.

Ele entrou.

Nathan.

Se algum dia alguém me pedisse para descrever fisicamente o diabo, descreveria aquele homem.

O olhar frio, sorriso demoníaco e andar confiante.

Nathan se aproximou de uma mesa onde havia vários tipos de facas, adagas e até mesmo uma espada. Ele pegou uma faca mais parecida com uma adaga, passou a ponta afiada entre os dedos, brincou com a lâmina cortante e se aproximou de mim.

— O que vai fazer? — murmurei,

Acheron - Nacionais

assustada, quando ele veio em minha direção.

Encarei a ponta da adaga na mão dele, que depois ele passou sobre minha pele. Vi-o dar a volta na cadeira, ficando às minhas costas. Sinto-o agarrar meus cabelos, puxando minha cabeça para trás.

— O que vai fazer? — repeti, o terror brilhando em meus olhos — Por favor, não me machuque mais...

Acho que essa é a primeira vez que realmente imploro misericórdia desde que cheguei aqui. Tenho sempre lutado, lutado com todas as minhas forças, mas sempre acabava no mesmo lugar.

Seja lá o que ele fosse fazer com a faca, esperava que minha morte fosse rápida.

Acheron - Nacionais

Ele soltou minha cadeira e tornou a ficar na minha frente. A faca brilhou em contraste com a luz e reflexos do espelho. Depois de uma risada que eu não poderia denominar menos que demoníaca, ele soltou a faca em cima da mesinha ao meu lado.

— Todos podemos controlar a dor, exceto aquele que a sente — murmurou ele, segurando meu rosto com força — Uma das minhas frases preferidas de Shakespeare. Veremos quanta dor você é capaz de suportar.

Os dedos impiedosos cravaram na minha bochecha, obrigando-me a abrir a boca. Meus gritos terrificados apenas o fizeram rir.

A pinça grudou em minha língua e me debati na cadeira, tomando ciência do que ele iria

fazer.

— Não! — Meu lamento saía
incompreensível em minha garganta já machucada
— Não, não...Por favor.

“Mamãe!”

O primeiro corte me fez petrificar na
cadeira.

As lágrimas inundavam meus olhos, mas
não impediram que, mesmo embaçados, eu
assistisse através do espelho o que me acontecia.

“*Ana!*”

A lâmina continuou atravessando a minha
língua até cortá-la por completo. Senti o sangue
jorrar pela minha boca, fazendo-me sufocar.

Outro aparelho foi colocado em meus
lábios, mantendo-os separados. Gazes ou algodões

Acheron - Nacionais

foram colocados dentro de minha boca.

A dor era nauseante. Fazia-me contorcer e convulsionar.

Eu desejava morrer. Desejava que meu fim acabasse logo.

Olhei para a lâmpada, brilhando contra meus olhos.

“Ana... venha me buscar”, implorei, fechando os olhos.

— Merda, Nathan.... Ela precisa de um médico.

— Faça isso se o faz se sentir melhor, depois coloque-a no porão...

— E se ela morrer?

— Nos livramos do corpo...

As vozes ficavam cada vez mais longe de

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

mim. Acho que eu estava morrendo. Talvez fosse a única forma de ficar finalmente...

Livre.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Capítulo 22

Eu queria ter morrido. Durante os dias que fiquei naquele porão, sendo consumida pela febre e dor insuportável, eu queria ter morrido.

Não conseguia entender por que eles não me deixaram morrer.

Por que Samira e Faiga insistiam em cuidar de mim, sempre sussurrando em meu ouvido que eu ficaria bem. Que tudo ficaria bem. Aquilo não era verdade.

A primeira vez que saí do quarto, em semanas, foi porque me obrigaram. Não fui mais requerida como escrava sexual, pois, de acordo com o que Klaus me dissera, agora eu era

incompleta, mas me manteriam ali como exemplo para as outras prisioneiras.

Agora, eu entendia a aceitação de todas aquelas mulheres. Eu tinha finalmente parado de lutar. Tinha me afastado e evitado contato com Samira, Faiga e qualquer outra prisioneira na casa.

Sentia que já não tinha mais capacidade de desenvolver uma relação afetiva com mais ninguém.

Esperava que dissessem à minha mãe que eu estava morta. De certa forma, eu estava mesmo. Sei que ela sofreria, mas pelo menos teria um fim.

— Ei, Klaus está te chamando — disse Shane, entrando em meu quarto.

Eu o segui obedientemente. Como se fosse capaz de dizer alguma coisa, sorri amargamente.

Shane abriu a porta do escritório, e parei no vão, esperando autorização para entrar.

— Venha aqui, criança — era assim que me chamava agora, como se eu fosse seu mais novo bichinho de estimação para torturar — Chegou algo para você.

Ele tinha um envelope pardo nas mãos e atirou na mesa em minha direção. Sinceramente, o que ele tinha a dizer não me importava, então não me mexi.

— Não quer ver? — disse ele — Se eu fosse você também não ia querer, mas são notícias da sua mãe e daquela senhora, sua tia, né?

Queria gritar com ele, queria cravar minhas unhas em seu rosto desprezível até deixá-lo desfigurado. Ao invés disso, me aproximei do

envelope que quase caía da mesa.

Tentei me preparar antes de tirar as fotos que existiam lá dentro. Klaus era asqueroso demais para ter me trazido uma boa notícia.

Com as mãos trêmulas, tirei o maço de fotos. Algo como um gemido saiu de minha garganta enquanto via as imagens.

— Parece que, em uma briga entre os chefes de uma favela e outra, saíram muitas pessoas feridas — disse ele, pouco se importando com a dor que as fotos causava em mim — A casa foi incendiada. As duas estavam dentro dela.

Minhas pernas cederam e eu caí. As fotos amassadas contra meu peito, enquanto eu me curvava, chorando. As últimas pessoas que eu tinha no mundo e que amava tinham ido embora.

— Antes que pense em alguma besteira, como tirar a própria vida — disse ele, como se lesse o que ia em meu coração — Saiba que ainda estamos de olho naquela senhora. Jones, não é? A vida dela depende da sua.

A vida de Agatha estava em minhas mãos.
Só que eu já não tinha uma vida...

Quando você não se importa com mais nada, a passagem do tempo torna-se insignificante. Eu dormia, acordava, comia. O mesmo ciclo se repetia todos os dias.

Era como um fantasma andando silenciosamente pela casa, sem me importar com

nada. Samira ainda tentava se comunicar comigo. Não respondia, mesmo que pudesse tentar, de alguma forma, mas ela continuava insistindo.

Talvez tenha sido isso que me impedia de mergulhar na loucura.

Dizia a mim mesma que era melhor assim, o fim que minha mãe e tia tiveram. Outras vezes me desesperava ao lembrar que jamais as abraçaria outra vez. Muitas vezes desejava morrer, mas temia o que poderiam fazer com Agatha, então eu seguia levantando da cama todos os dias.

— Tenho um serviço para você — disse Klaus, ao entrar em meu quarto.

Fiquei rígida. Desde que fui considerada descartável para entreter os clientes, minha permanência aqui tinha ficado mais suportável.

Passei de escrava sexual a prisioneira, apenas. Se voltassem a me obrigar a fazer aquelas coisas, não conseguia pensar qual reação teria. Cravaria meus dentes na jugular de algum cliente, com toda certeza.

— Fica calma, garota — disse ele, sorrindo — É outra coisa.

Ele me puxou para fora, e conforme íamos em direção à parte subterrânea, meu coração se contraía. Se Klaus não ia me oferecer a algum cliente, por que estava me levando até ali?

Contorci-me nas mãos dele, mas ele não me soltou. Quando a alavanca foi girada e a porta foi aberta, o capanga narigudo, que circulava por ali, apareceu.

— Leve-a — disse Klaus, me entregando

a ele — Ela vai cuidar dele.

Cuidar de quem? A quem aqueles desgraçados estavam se referindo?

O narigudo, que nunca soube o nome, me arrastou pela escada e pelo corredor até chegarmos onde ele queria. Era o quarto do castigo. Estivera ali muitas vezes, e a última quando...

— Entre — disse ele, abrindo a porta — Não tente nenhuma gracinha com o prisioneiro ou sofrerá as consequências.

Fui jogada para dentro, e a porta fechou diante de mim. Massageei meu pulso machucado, e quando ouvi os passos se afastarem, virei em direção à cama, onde o homem provavelmente estaria.

Acheron - Nacionais

Fiquei em choque com o que vi. Minha primeira reação foi me afastar. Rastejei para o outro lado do quarto e me encolhi contra um canto da parede.

Nathan estava ali. Preso. Acorrentado. A alguns metros de mim.

Algo queimou dentro do meu peito.

Ódio!

Eu nunca odiei alguém como eu o odiava. Nem mesmo o Caveira, o maior responsável pelo destino trágico que tive.

Observei-o começar a despertar. Perguntei-me o que ele havia feito para ter sido traído e colocado ali.

— Quem é você? — a pergunta foi feita com um rugido exigente — Solte-me!

Acheron - Nacionais

O maldito não se lembrava de mim? Talvez a pancada que deram nele o fez ficar desorientado. Mas eu queria que ele olhasse em meus olhos e se lembrasse de quem daria fim à sua vida.

Grunhi e corri até ele, atacando-o com toda raiva que existia em mim.

— Pare com isso, sua maluca! — cravei minhas unhas em sua pele até ouvi-lo gritar — Pare!

Eu arrancaria sua pele se fosse necessário, e não sentiria nenhum tipo de remorso por isso. Aquilo era culpa dele. Eu era o monstro que ele tinha criado.

— Caralho! — a porta se abriu, e o narigudo entrou, jogando uma bandeja de comida

no chão.

O baque da bandeja contra o chão me fez recuar, assustada. O homem veio até mim e agarrou meus cabelos, me empurrando contra o colchão do outro lado do quarto.

— O chefe disse para cuidar dele, retardada! — berrou ele — Além de muda, quer ficar sem braços também?

Eu sorri. Não me importava nada do que fizessem comigo agora. Tudo o que eu queria era me vingar daquele homem maldito.

— Pensei que tivesse morrido — O narigudo agora se dirigiu a Nathan — Está desmaiado desde ontem. Achei que tinha batido muito forte em sua cabeça. Mas qual a diferença? Vai morrer de qualquer jeito. Hoje, amanhã, tanto

faz.

— Quem é você? — Nathan diz a ele, balançando a corrente em seus pulsos e tornozelos

— O que você quer?

Ele ignora a pergunta e vem até mim.

— Vai comer do chão, como merece! —
chuta minhas pernas, e eu me encolho —
Prostituta.

— Solte-me! — Nathan volta a insistir, desesperado, quando o narigudo sai batendo a porta, e eu aprecio o desespero dele — Volta aqui! Maldito! Desgraçado!

Eu poderia me aproximar dele e enforcá-lo com minhas próprias mãos, mas decidi que ele merecia sofrer um pouco mais. Acorrentado, sem saber o que aconteceria a ele.

Acheron - Nacionais

— Ei... — depois de um tempo lutando, ele me chamou — Qual é o seu nome?

Encarei-o, sentindo o ódio voltar com toda força. Como poderia ter esquecido de mim? Do que me fez? A forma que me marcou para sempre.

— Eu não sou seu inimigo. Estamos no mesmo barco aqui.

Ele queria a minha ajuda? Não sabia que eu mesma seria capaz de matá-lo?

— Não posso fazer mal a você — ele murmurou suavemente — Não sou como eles.

Solto um grunhido com o que ele falou e dou as costas, deitando no colchão em meio aos restos de comida. Não daria importância às suas mentiras mais uma vez.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

— Deus! — ouvi as argolas rangerem —

Jennifer!

“Você me lembra alguém que eu conheço.”

Essa lembrança me vem à cabeça. Será que é essa a mulher que ele falava?

A forma que falou o nome dela tinha sido mesmo angustiada. Mas pessoas tão cruéis, como Nathan, eram incapazes de amar.

Não! Ele só estava tentando me enganar. Eu já tinha caído em muitas mentiras e não cairia em mais uma delas.

— Inferno! Deus, por favor! Por favor, me ajude.

Deus não pode te escutar aqui, e mesmo que pudesse, não ouviria alguém como você,

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

gostaria de poder dizer a ele.

Ele continuou implorando, falou sobre uma esposa, filhos, uma garotinha deficiente que precisava dele.

Era tudo mentira. Tapei meus ouvidos.

Mentiras sujas, como a promessa que tiraria nós dois desse inferno.

Depois de perceber que sua história triste não me comoveu, ficou irritado e, em seguida, me ofereceu dinheiro.

O que, com toda certeza, não me importava.

Os dias seguiram assim. Ele pedindo ajuda e eu o observando sofrer. De certa forma, eu não gostava da pessoa que eu estava demonstrando ser. Mas eu não era mais aquela menina que

Acheron - Nacionais

acreditava em tudo e todos. Não acreditava mais em um mundo cor de rosa.

Eu só conseguia pensar nas coisas ruins, nas pessoas que perdi por causa de outras cruéis como ele.

Então, eu seguia ignorando todas as súplicas que me fazia. Ao invés de me compadecer por sua falsa história triste, sobre esposa e família, bebia água e comia na frente dele.

Às vezes, eu era tirada do quarto para tomar banho e trocar de roupa. Klaus perguntava se eu estava tratando o convidado bem.

— Nós vamos morrer aqui — disse ele, com a voz fraca — Vamos morrer aqui se não nos ajudarmos.

Ele me olhou. Eu usava um short jeans e

Acheron - Nacionais

top. Observei que ele analisava as marcas em minhas pernas. Senti repulsa dele.

— Por favor, moça — esticou as correntes no pulso inchado — Você tem filhos? Família? Alguém?

Encolhi-me no lugar e dei as costas a ele.

— Tenho sede. Por favor, só um pouco — gemeu ele, obviamente tinha a garganta dolorida de tanto gritar por ajuda — Olha, não quero ter que te denunciar àquele homem, mas minha família vem em primeiro lugar.

Aquilo era algo que eu não conseguia entender. Eu não o tinha alimentado e nem dado água a ele. Por que não tinha reclamado ainda?

Uma música começou a tocar, e sabia que as atividades nas outras salas iriam começar.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Jogos. Uso de bebidas, drogas e muito sexo nojento.

— Acorda! — O som do tapa e o grito me fizeram despertar também.

Nathan agora estava em uma cadeira, e um homem de máscara rodava ao redor dele.

Imagens pipocaram em minha cabeça. A forma que tratei o homem acorrentado na cama, as confissões que ele tinha feito, as vezes que me implorou que o ajudasse. Tudo veio como flashes em minha cabeça, enquanto os dois ficavam em uma discussão, meio provocação e adivinhação. Eu acompanhava tudo me sentindo confusa.

Nathan e Neil.

O que estava amarrado era Neil e o homem de máscaras, torturando o outro era seu...

Acheron - Nacionais

Irmão?

Culpa se abateu sobre mim enquanto continuava a acompanhar a conversa. Aquele homem não tinha mentido. Era tão vítima como eu fui, e pior ainda. Vítima do próprio irmão. Uma pessoa horrível e cruel.

— Maldito! — Neil gritou — Quando eu colocar as mãos em você...

Nathan sussurrou algo no ouvido de Neil e colocou um pano sobre o rosto dele. Depois que o irmão apagou, olhou para mim.

— Acho que não é preciso dizer que não deve falar nada, não é?

Ele sorriu e foi em direção a saída. Impotente, o vir sair. Corri até a porta e bati dezenas de vezes contra ela.

O maldito tinha ido embora, e eu tinha ficado paralisada pela surpresa de tudo o que ouvi.

Nathan queria roubar a família do irmão dele. Não apenas a mulher e filhos, mas toda a sua vida.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Capítulo 23

Depois que descobri a verdade sobre Neil, tentei ajudá-lo, alimentando e dando água para que se hidratasse.

Ele me pediu que conseguisse um telefone, o que não era uma tarefa muito fácil. Tive que pedir ajuda a Samira, escrevendo com pasta de dente, no espelho, o que eu queria.

Sabia que ela teria que usar formas nada agradáveis para roubar um celular e que, se fosse descoberta, sofreria represálias. Mas Samira sempre esteve ao meu lado, mesmo quando eu não queria.

Isso me fez ver que, mesmo que estejamos

Acheron - Nacionais

cercados de pessoas ruins, ainda encontrávamos pessoas boas.

Talvez o destino, mesmo que cruel, queria que eu estivesse ali para ajudar Neil a impedir os planos de Nathan. Talvez eu estivesse ali para, no fim, conseguir ajudar todas aquelas garotas. E depois de tudo que eu passei, aquilo me fizesse voltar a acreditar na vida mais uma vez.

Consegui o celular, mas o problema é que no porão ele não funcionava muito bem. Neil conseguiu trocar mensagens com seu amigo.

Peter.

Só que eu não sabia onde estávamos. Não porque tinha chegado vendada como Neil acreditou e deixei que ele pensasse assim, afinal, não tinha como explicar nada a ele.

Acheron - Nacionais

Não sabíamos onde estávamos porque não conhecia nada nesse país. Talvez tivesse gravado o caminho até a agência, mas não tinha certeza.

Os dias seguintes não foram fáceis. O tempo ficava curto. Neil afirmava que Peter conseguiria descobrir onde estávamos, mas eu não conseguia acreditar nele.

Recebemos mais uma visita de Nathan. Pensei que ele já tinha esgotado suas crueldades comigo, mas ele me tomou à força, para garantir ao irmão o quanto era cruel e que faria o mesmo com a esposa dele. Em meio ao desespero, Neil e eu confortamos um ao outro.

As últimas palavras de Nathan, antes de sair, foi que tiraria todas as provas da casa, a esvaziaria e colocaria fogo. Claro, com nós dois lá

dentro. A crueldade desse homem não tinha limite.

As horas foram passando, e o primeiro sinal de que Nathan não tinha blefado foi o forte cheiro de gasolina e a fumaça que invadia o quarto.

— Filho da puta... Porra! Desgraçado! — Neil gritou — Você tem que tentar fugir.

Balancei a cabeça, tapando os ouvidos. A fumaça ficava cada vez mais espessa. Neil insistia que eu deveria fugir, mas eu sabia que não havia a menor possibilidade. Bati na porta, grunhindo. Ela estava trancada, iríamos morrer aqui dentro, consumidos pelo fogo.

— Pegue a garrafa — ouço-o tossir e depois gritar para mim — Tire sua camisa e molhe-a com água, depois deite-se no chão, evite a

fumaça o máximo que conseguir.

Via em seus olhos que ele acreditava que sairíamos dali. Que seu amigo ainda iria aparecer. Talvez a fé que ele tinha fosse forte o suficiente para isso realmente acontecer.

Neil tinha uma esposa, filhos lindos, uma família a quem voltar. Ele tinha por que viver. Então, fiz o que ele falou, mas comecei a amarrar a camisa no rosto dele.

— Não! — ele tentou afastar minhas mãos — Fique com ela e faça o que eu disse.

Continuei a pressionar o tecido molhado contra o rosto dele. Meu peito já começava a arder, devido à fumaça que ingeria.

— Fabiana! — Neil voltou a tossir — Droga! Não faça isso.

Vou recuando dele.

— Você não... pode desistir — continuou ele. Vi as lágrimas descendo pelo seu rosto, e não sabia dizer se era pela fumaça ou pela emoção do momento.

Cambaleei até o colchão e pressionei meu nariz contra ele. Sinto minha cabeça rodar, e já não sabia o que era realidade ou alucinação.

A porta foi aberta. Escutei vozes. Neil foi arrastado para fora e fechei meus olhos, aceitando meu destino.

Consegui sorrir, apesar de tudo.

Tinha acabado.

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Epílogo

Eu sempre acreditei que anjos tinham rostos suaves e adoráveis cabelos encaracolados, como nessas imagens que vemos em cartões de Natal. Por isso, acho que eu deveria estar em qualquer lugar, menos no céu. Porque o homem que me encarava, sob a cortina de fumaça que nos envolvia, poderia ser descrito de muitas formas, mas jamais como um anjo carregado de candura.

A verdade é que já faz algum tempo que eu deixei de acreditar em paraíso e anjos. Eu só poderia estar no meu purgatório. Tenho vivido ali por muito tempo, conheço-o muito bem.

— Eu vou te tirar daqui — a voz dele saiu

firme e decidida.

Uma voz forte, que tinha o poder de me intimidar. Na verdade, o homem inteiro tinha o poder de me intimidar. Mas não foi apenas a segurança que ele exalava, além do corpo assustadoramente musculoso e intimidador que me fez encolher por dentro, como uma garotinha perdida em uma floresta escura.

Foi o seu olhar. Olhos castanhos caramelizados. Ardiam tanto quanto o fogo que já deveria ter devorado a casa inteira e que não demoraria muito até chegar ao porão.

Eu sabia que tinha que fugir dali, mas aqueles olhos... aqueles olhos que só poderiam pertencer a mais um carrasco enviado do inferno daquela casa, pareciam me enxergar de um jeito

Acheron - Nacionais

muito, muito diferente dos outros homens que encontrei no cativeiro.

Não via a pobre menina que, a qualquer momento, poderia ser subjugada, dominada e ferida. Aqueles olhos pareciam me ver de uma forma completamente diferente. Eles me acalentavam e assustavam muito ao mesmo tempo. Assustava mais do que qualquer malfeitor que tinha deixado em mim inúmeras marcas.

Eu tinha perdido a fé, a dignidade, a esperança, mas achava que ainda tinha intacta a minha alma. Tinha muito mais a perder agora. Havia uma ameaça nele que me alertava.

Fique longe!

Meu medo apenas intensificou quando o observei se afastar um pouco e tirar a camisa, mas

Acheron - Nacionais

ele apenas a amarrou em meu rosto antes de voltar a falar comigo.

— Coloque as mãos em meu ombro e proteja o rosto em meu peito — ele se ajoelhou ao meu lado e me colocou em seu colo, onde literalmente eu me senti desaparecer — Segure firme.

Não faça isso! Não confie nele, não confie em ninguém. Não cometa o mesmo erro, Fabiana!, a voz gritava insistentemente em minha cabeça.

Mas minhas mãos simplesmente tiveram vida própria, enroscando-se no pescoço largo. Talvez, depois de tantos tapas, gritos e xingamentos, eu finalmente tenha aprendido a obedecer. Como uma escrava acostumada a seguir

ordens, encostei minha cabeça no peito musculoso e fechei os meus olhos. Estava desistindo. Estava cansada de lutar ou de continuar lutando. Eu só queria fechar os meus olhos e encontrar a paz.

— Porra! — O silvo raivoso fez com que abrisse os olhos outra vez — Que droga!

O fogo parecia controlado, pelo menos estava melhor do que eu tinha imaginado, mas havia um buraco no teto, em uma parte ainda em chamas, bem no local onde precisaríamos passar. Nós definitivamente estávamos indo em direção ao inferno ou tentando sair dele. Pouco conseguia ver com a fumaça espessa nos envolvendo, mas pude notar que o fogo não demoraria a chegar à escada onde tínhamos que passar para sair dali.

— Olha, não se preocupe, vou tirar você

Acheron - Nacionais

daqui. Terá que confiar em mim, ok? — Ele me olhou firmemente, aguardando minha resposta — Você confia?

Eu sabia que não deveria. Era um erro, como um dos muitos que havia cometido. Tinha confiado em Nathan e ele havia se provado o pior dos carrascos. Não conhecia mais o significado daquela palavra, confiança, mas balancei a cabeça positivamente antes de uma forte onda de tosse tomar conta de mim.

Minha cabeça, olhos e nariz ardiam dolorosamente, e eu não tinha ideia de quanta fumaça já tinha ingerido.

— Tudo bem — ouvi-o sussurrar baixinho — Quando eu disser três, nós vamos.

No um, ele me apertou contra o seu peito.

Acheron - Nacionais

No dois, enrolei-me como uma bola de pelo naquela imensidão de massa e músculos. No três, prendi a respiração o máximo que pude e rezei para que ele conseguisse cumprir a promessa de nos tirar daquele tormento.

A casa estava completamente destruída. Embora eu estivesse com medo, de certa forma, estava aliviada. Certamente, aquele homem estaria me levando para minha nova prisão, mas essa... essa casa em que vivi os piores momentos da minha vida, os momentos mais infelizes que poucas pessoas no mundo seriam capazes de suportar o que suportei, ficariam para trás.

Enquanto avançávamos, observei o teto sendo consumido pelo fogo. Uma parte dele caiu a meio metro de nós, levantando uma parede

incandescente que o fez recuar. Outra parte caiu ao nosso lado. Estávamos assustadoramente sendo cercados pelo fogo.

Observei em pânico quando uma tora em chamas atingiu o braço do meu salvador – era assim que quis acreditar que ele fosse naquela hora, precisava acreditar nisso. Aquela era uma sensação estranha. Por incontáveis dias e noites intermináveis eu desejei estar morta e que, assim, tivesse fim o meu sofrimento, mas agora que estávamos diante dela, da morte, queria e desejava muito viver.

Uma segunda chance. Uma segunda chance de viver e recomeçar minha vida.

“Droga, eu juro que vou tirar a gente daqui”, ouvi a promessa enquanto tentava fazer

Acheron - Nacionais

com que meus olhos e corpo cansados não perdessem a briga contra minha fraqueza.

Vi quando alguns homens uniformizados entraram em nosso campo de visão. O homem que me carregava avançou para onde eles acenavam. Ele me protegia com seu corpo o máximo que podia, deixando que o corpo dele fosse beijado pelas chamas, agora um pouco mais tímidas em volta de nós.

Bombeiros começaram a lidar com o fogo, e rapidamente saímos da casa. Permiti finalmente voltar a fechar os meus olhos. Não me entreguei à escuridão, ainda tinha medo. Mas também tinha medo de abrir os olhos e ver que tudo não tinha passado de minha imaginação e que, na verdade, ainda estava naquele porão esperando a morte.

Acheron - Nacionais

Senti a brisa fresca sobre minha pele. Acho que já estamos lá fora. Ainda me recusava a abrir os olhos. O homem que me segurava pareceu vacilar, mas me manteve equilibrada em seus braços.

— Pode me dar a garota agora, senhor — alguém tocou em meu braço, e encolhi o meu corpo.

Era estranho que eu me sentisse confortável com o homem que me carregava, mas tivesse aversão que outra pessoa me tocasse ou chegasse muito perto.

— Não! — o ouvi grunhir.

Ele realmente tinha grunhido como um cachorro de rua próximo ao ataque.

— Ela está... — reconheci a voz de Neil.

Uma espécie de alívio começou a tomar conta de mim. Se ele estava ali, significava que eu ficaria bem.

Eu estava a salvo agora.

— Viva — ouvi meu salvador responder a ele, enquanto me apertava ainda mais contra o seu peito.

— Senhor, pode me entregar a moça — o outro homem voltou a insistir.

Apertei os ombros dele, um pedido mudo para que ele não me abandonasse.

Estava tão fraca que achava que ele sequer havia sentido meu toque.

— E por que eu faria isso? — Ele rosnou outra vez, quase me fazendo sorrir em agradecimento — Não sei se podemos confiar em

você.

Acho que eu era uma pessoa muito difícil de entender mesmo. Há poucos minutos estava verdadeiramente assustada com aquele homem, e agora, tudo o que eu não queria era que ele me deixasse.

— Porque ele é o paramédico, Peter? Porque ela inalou muita fumaça e precisa de cuidados?

Eu quis dizer alguma coisa, mas então me dei conta de que não poderia. Precisava me comunicar com Neil de alguma forma e dizer que estava tudo bem. Não queria estar nas mãos de estranhos outra vez. Estava segura onde eu estava.

Aquele homem. *Peter*. Ele tinha arriscado a própria vida e segurança para me salvar. Ele

nem me conhecia, e tinha feito muito mais por mim do que outras pessoas que conheci a vida toda.

Para me contradizer, uma tosse incontrolável tomou conta de mim antes que pudesse tentar fazer qualquer tipo de comunicação com eles.

— Está tudo bem — ele murmurou, tentando me acalmar — Você vai ficar bem.

— Senhor — o que se dizia ser o paramédico voltou a se manifestar, deixando-me muito irritada.

— Peter! — insistiu Neil.

E eu só queria que todos eles calassem a boca. Por que Peter não me tirava logo dali? Tudo o que queria era ir embora.

— Está bem! — Ele esbravejou, vencido,

mas em vez de me entregar ao homem com os braços estendidos para mim, me colocou em uma maca — Mas vou ficar de olho em você — disse ao paramédico, com um olhar que só poderia ser denominado como assustador.

— Peter, eu adoraria discutir sobre isso. O que deu em você agora? — Neil tentava chamar a atenção dele, mas seus olhos estavam focados em mim. Dessa vez, eles não me assustavam. Havia muita ternura neles — Eu tenho um homem louco na minha casa! Com minha esposa e meus filhos. Depois você desconfia de tudo e todos à sua volta!

O homem louco a quem Neil se referia só podia ser seu irmão gêmeo, Nathan. O pânico voltou a me dominar. Agarrarei a mão de Peter e

fiz uma súplica muda para que não me deixasse.

Neil estava voltando para proteger a esposa e seus filhos, mas quem iria me manter longe daquele louco do Nathan?

— Ei, vai ficar tudo bem — ele se inclinou e acariciou meus cabelos — Nunca mais ele irá chegar perto de você. Nem que eu mesmo tenha que dar um fim nele com minhas próprias mãos. Aquele verme não pode mais tocar em você.

Eu queria acreditar nele. Queria acreditar na promessa que ele me fazia, mas Peter não conhecia o Nathan, não como eu conhecia.

— Prometo que vou voltar — ele sussurrou, antes de beijar minha testa — Acho melhor cuidar bem dela — disse ao paramédico.

Senti as lágrimas rolarem pesadas em meu

Acheron - Nacionais

rosto, ao mesmo tempo que uma máscara de oxigênio cobria meu nariz e boca.

Observei Peter se afastar de mim, enquanto minha maca era conduzida para dentro da ambulância. As portas foram se fechando, me privando da visão dele, e meus olhos finalmente cederam ao cansaço.

Talvez ele fosse mesmo um anjo... Um anjo enviado para me resgatar.

Eu caminhei entre espinhos, agora eu queria encontrar novamente o caminho entre as nuvens.

Acheron - Nacionais

A voz
Do Coração

Série New York

Livro 8

Prólogo

Mamãe está andando de um lado para o outro. Às vezes ela para de andar e olha fixamente pela janela. Afasta as cortinas, seca a mão no vestido e volta a caminhar de um lado para o outro de novo. Imagino que esteja brava. Não comigo, eu acho. Por via das dúvidas, resolvo ficar quietinho e brincar com o meu trenzinho e soldadinhos de chumbo.

Mamãe continua andando e andando. Eu cansei de brincar, cansei de fingir que estava brincado. Às vezes ela olha para mim e sorri, mas logo o sorriso vai embora e ela volta para a janela, olhando.

Muito tempo depois, tempo suficiente para que eu já começasse a sentir sono no tapete onde estava, a porta é aberta em um estrondo. Meu pai surge, ele não me vê, e seu olhar é furioso. Eu me encolho em um canto. Papai é bonzinho, mas quando fica bravo, tenho medo. Não quero que ele fique bravo comigo, ultimamente anda muito irritado com qualquer coisa.

Eu não lembro de ter feito algo para deixá-lo irritado. Mamãe passa por mim e também parece não me ver.

— Achou que eu nunca ia descobrir? — ele avança até mamãe, sacode seus ombros e ela começa a chorar — Achou que eu nunca ia descobrir?

— Willian, não é o que pensa...

Acheron - Nacionais

— Meu melhor amigo e a vagabunda da minha esposa! Tudo o que tínhamos jogou na lama. Enfrentei tudo por você!

— Deixa eu explicar...

Eles brigavam, faziam muito isso nos últimos dias. Nos últimos dias eu tenho sido um menino bom. Não queria que meus pais brigassem por minha causa também. Mas eles continuam gritando. O nome do meu tio Alef surge na conversa. Não sei do que eles falam, apenas que meu tio era um traidor. Não gosto mais do meu tio Alef, ele fez meu pai brigar com mamãe. Ela está chorando, papai está chorando. Eu estou chorando.

— Eu te amei loucamente – ouço-o dizer a ela com um olhar muito triste — Ainda te amo desesperadamente. De uma forma irracional. Não

Acheron - Nacionais

posso viver com você, mas eu também não sei viver sem.

— Willian, não faça isso! — ouço mamãe berrar e segurar algo na mão dele, parece com uma das armas que meus soldados de brinquedo possuem — Pensa no Peter, pensa no nosso filho.

— Ele é meu filho? — a voz é dolorosamente amarga — Não tenho mais tanta certeza. Além disso, a criança merece algo melhor do que nós dois.

— Willian... — um som agudo faz eu tapar meus ouvidos — Não...

Ouvi o pedido fraco de minha mãe antes de ela cair aos pés do meu pai. O vestido amarelo vai ganhando uma tonalidade vermelha em seu peito. Como no dia que eu derramei suco de

morango em minha camisa, no jantar. A cor vai se espalhando e cobrindo tudo.

— Peter! — papai está me olhando, chamando, de joelhos em frente a mim – Você nunca irá me perdoar e nem espero que faça isso. Eu sou alguém muito ruim. Alguém que o amor transformou em uma pessoa má.

Papai olha onde mamãe está. Ele chora e chora, abraçando-a mais. A tinta na roupa dela começa a manchar a camisa azul que ele usa.

— Não posso viver sem ela... não posso... — ele continua a dizer, beijando seus cabelos, embalando o corpo imóvel em seu peito – Nunca ame ninguém assim. Nunca permita que alguém chegue tão perto, filho. Não seja fraco.

Ele aponta o metal em sua cabeça, e o

Acheron - Nacionais

ruído outra vez faz com que eu leve minhas mãos até meus ouvidos. Papai cai sobre minha mãe. Eu corro até eles. Tento fazer o que papai fez com sua arma, de alguma forma eu sabia que deveria fazer o que ele fez. Estavam indo a algum lugar, eu sentia e queria ir junto com eles.

Não consegui arrancar a arma de sua mão, mas alguém me puxou do lado dos meus pais. Havia gritos, muitos gritos, vinham da minha garganta. Alguém me levava para longe.

Tudo parecia ruim. As coisas ficariam ruins.

Eu só não sabia o quanto...

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Acheron - Nacionais

Aviso

Essa é uma obra de ficção, mas a violência e abuso contra a mulher, infelizmente é uma dura realidade. Se você passou por abuso e violência de qualquer espécie, ou conhece alguém passando por isso, peça ajuda.

A mudança começa onde o silêncio termina.

Denuncie!

Todas estão amparadas pela Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/06) e podem fazer denúncias anônimas através da Central de Atendimento (Ligue 180).



[\[i\]](#)¹ * Estou com o pacote.

[\[ii\]](#)² O meu trabalho acabou